Peter Handke

A HORA EM QUE NÃO SABÍAMOS NADA UNS DOS OUTROS

seguido de

O JOGO DA S PERGUNTAS
ou
A Viagem à Terra Sonora

Tradução e Introdução de

JOÃO BARRENTO

O ARCO DA PALAVRA

Peter Handke, dramaturgo[?]

Peter Handke tem uma relação com o mundo e com a escrita que, por ser excessivamente egocentrista e contemplativa, rilkiana e metafísica, dificilmente poderia ser uma relação "natural" e conseguida com o teatro (isto não encerra, note-se, nenhuma crítica de princípio). Ainda a sua carreira literária ia a meio e já alguma crítica afirmava: este autor é tudo menos um dramaturgo! E sempre se deu mais importância à sua obra de ficção (categoria mais que gelatinosa em Handke) e ensaística ou diarística (também aqui as fronteiras não passam por lugares fixos) do que à sua produção dramática - que, de facto, e desde a primeira peça, parece entender-se mais como uma afronta ao teatro, um desafio às suas convenções mais fortemente enraizadas (acção, diálogo, tensão), uma resposta ensimesmada aos figurinos dominantes do momento. O teatro de Handke sempre teve mais ligações com os modelos estruturais e as obsessões temáticas da sua prosa do que com a tradição (ou as tradições) do teatro.

A sua obra dramática - que se inicia em 1966, em simultâneo com a publicação do primeiro romance, *Die Hornissen (Os Vespões)* - parece surgir, apenas em determinados momentos separados por longos períodos de afastamento do teatro, quase sempre na dependência da obra de prosa, e formando com ela uma grande unidade de processos e de temas. O grande modelo estrutural dessa obra que se poderia dizer cíclica, monotemática e muito austríaca, parece-me ser, desde o início dos anos setenta, o da viagem: viagem do sujeito para si próprio, viagem mítica e iniciática. É assim desde o romance *Der kurze Brief zum langen Abschied (Uma Breve Carta para um Longo Adeus)* (1972), passando por *Die Wiederholung (A Repetição)* (1986), até *Das Spiel vom Fragen (O Jogo das Perguntas)*, de 1989. Um modelo que não provém tanto da tradição dramática (a "jornada" das moralidades não é a do sujeito moderno, mas a da geração humana), mas mais directamente de uma forma literária especificamente alemã e

---

[?] Publicado originalmente em: *A Palavra Transversal. Literatura e Ideias no Século XX*. Lisboa, Livros Cotovia, 1996.

austríaca, o *Bildungsroman* ou “romance de formação”: em *Uma Breve Carta...* o protagonista leva no bolso um dos grandes exemplos do romance de formação, *Der Grüne Heinrich (Henrique do Gibão Verde)*, do suíço Gottfried Keller; em *A Repetição* é um outro importante "romance de artista" que ecoa, o *Nachsommer (Fim de Verão)* do austríaco Adalbert Stifter, um autor muito admirado e seguido por Handke; e ainda n' *O Jogo das Perguntas* uma das personagens saca também por mais de uma vez de um livrinho que, não sendo um romance, é o repositório de uma viagem de formação e iniciação: o *Oku no Hosomichi (A Estreita Estrada para o Norte)*, de Bashô. E, como em todo o bom romance de formação, Handke transforma também muitas das suas peças em processos de aprendizagem (e de dominação) - de si, nas primeiras peças *(Kaspar/Gaspar* e *Der Mündel will Vormund sein/O Pupilo Quer Ser Tutor)*; do mundo, em *O Jogo das Perguntas*, e dos outros, no seu último mimodrama, *Die Stunde da wir nichts voneinander wussten (A hora em que não sabíamos nada uns dos outros)*, de 1992. Processos de aprendizagem e percursos de metamorfose (também isto é evidente nas duas últimas peças do autor austríaco), que se servem, no teatro como no romance, de meios que são frequentemente os mesmos: a percepção aguda, e dolorosa, do mundo exterior, e a reflexão despoletada pela observação das coisas, por vezes amplificadas à dimensão inquietante do pormenor que se agiganta, numa focagem que transforma o corriqueiro em sublime (os melhores exemplos destes processos, para além de textos mais antigos como *Die Lehre der Sainte Victoire (A Lição de Sainte-Victoire)* ou *Das Gewicht der Welt (O Peso do Mundo)*, serão certamente os três recentes *Ensaios (Versuche)*, sobre a fadiga, a jukebox e um dia "conseguido"). A isto não é, obviamente, estranha a forte tradição austríaca de uma "mística sem místicos", presente na sua literatura e filosofia pelo menos desde Hofmannsthal, e cujas formas de manifestação - todas presentes no teatro de Handke - têm sido a mística das coisas (veja-se a "Carta de Lord Chandos" de Hofmannsthal, ou *O Homem sem Qualidades de Musil)*, a mística da arte (Rilke e a tradição romântica, mas também Stifter) e a mística da palavra, ou melhor do silêncio, que se encontra no centro da tradição filosófica do cepticismo e da crítica da linguagem, do último Nietzsche e de Fritz Mauthner nos *Beiträge zu einer Kritik der Sprache (Subsídios para uma Crítica da Linguagem*, 3 vols., 1901-02) ao primeiro Wittgenstein.

O percurso de Peter Handke como autor dramático abre e encerra - pelo menos até ao momento actual - com núcleos de peças que traçam, de um extremo ao outro, o grande arco da Palavra: da catadupa verbal de *Publikumsbeschimpfung/Insulto ao Público* (peça de estreia, em 1966) à tensão do silêncio no mimodrama *O Pupilo quer ser Tutor* (1969), ou, nos últimos anos, do peso da discursividade poética e filosófica d' *O Jogo das Perguntas*, que faz desta peça, para alguns, um "drama de gabinete", até à poeticidade e leveza (mais na encenação de Luc Bondy na "Schaubühne" de Berlim do que nas do Burgtheater ou de Bochum) da última peça sem palavras - só ritmos, imagens, melodia cénica - que é *A Hora em Que Não Sabíamos Nada Uns dos Outros*, novo mimodrama para um sem número de figuras e outras tantas histórias privadas, que so no palco e através de uma encenação ganham vida e sentido, forma visível.

Entre os dois extremos situam-se variantes que constituem modulações de um tema único - o do poder, dos limites e do sentido, existencial e civilizacional, da linguagem - para um teatro que é sempre um teatro da palavra, mesmo quando dela parece prescindir totalmente em favor do gesto. De facto, é demasiado forte e evidente a nostalgia da palavra, mesmo nas peças sem palavras de Handke: tal como no *Tractatus* de Wittgenstein, isso só acontece porque ele, por razões tácticas, impõe limites à linguagem, mas está sempre a encostar a escada ao muro para espreitar para o outro lado.

Na primeira fase da produção dramática de Handke, entre 1966 e 1971, a obsessão radical com a linguagem revela afinidades com os grupos experimentais de Viena e Graz (onde Handke estuda e escreve de 1961 a 1965) e lançará pontes para a dramaturgia do absurdo, à qual, no entanto, não podemos reduzir pura e simplesmente peças como as *Sprechstücke* (peças para declamar), nem o tratamento dramático da aquisição progressiva de linguagem em *Gaspar* (1968) ou o recurso sistemático aos clichés linguísticos e ao diálogo absurdo, *à la* Ionesco, em *Quodlibet* (1970) e *Der Ritt über den Bodensee/A Cavalgada Sobre o Lago de Constança* (1971). É só depois de um longo interregno, em 1982, que Handke regressará ao teatro com um "poema dramático" *(Über die Dörfer/Pelas Aldeias)* em que a afronta ao teatro da fase inicial dá lugar a qualquer coisa como uma ressacralização do teatro, um regresso às origens em que a palavra, servindo agora intenções místico-salvíficas, é o instrumento de uma viragem metafísica que virá a caracterizar o Handke dos anos oitenta e noventa. O regresso à palavra processa-se agora no sentido da sua (re)literarização: instalam-se a discursividade, o tom

ritualístico, as "grandes palavras" de um discurso solene (os modelos parecem ser a tragédia antiga e o oratório), com a intenção de, partindo duma situação dramática quotidiana - um conflito familiar -, se propor aos espectadores (Handke tem agora uma "mensagem"!) uma utopia da reconciliação entre homem e natureza e uma apoteose da arte.

Há nesta peça uma indisfarçada herança romântica (a arte como a grande e única afirmação metafísica do homem) e um misticismo atávico (a natureza a reencontrar, a busca de uma "elementaridade") que a obra de Handke não abandonou até hoje, apesar do seu substracto céptico e irónico. As duas últimas peças mostram-no à evidência: *O Jogo das Perguntas* ou a *Viagem à Terra Sonora* é, ainda e sempre, a busca do silêncio - a vários títulos paradoxal, de um Graal de sempre, o de uma Origem perdida, um estado de comunhão com o mundo que proporcione a compreensão do Ser (por isso os verdadeiros actantes serão aqui as ideias, e não as palavras, como acontecia nas primeiras peças). *A Hora em Que Não Sabíamos Nada Uns dos Outros*, por seu lado, sendo como é um regresso ao drama sem palavras, foi acolhida por alguma crítica com o grito de júbilo de "Finalmente, o palco sem palavras!" Depois dos clamores (musicais) de Bob Wilson e dos horrores (abismais/libidinais) de Heiner Müller, o teatro cala-se! Na verdade, o teatro não se cala: o teatro, um teatro total (será que o é, sem a palavra?) fala pelas suas personagens, transformadas em puro gesto. Fecha-se o arco da palavra e do seu reverso, que é também o arco do percurso global de Peter Handke dramaturgo.

João Barrento

#####

A HORA EM QUE NÃO SABÍAMOS NADA UNS DOS OUTROS

Um espectáculo

Para S. (e, por exemplo, para a praça em frente do
Centre Commercial du Mail, no planalto
de Vélizy)

"Não contes a ninguém o que viste; fica-te pela imagem."

(Das palavras do oráculo de Dodona)

Uma dúzia de actores e amadores

A cena é uma praça aberta, numa luz clara.
A acção começa com alguém que atravessa a praça a correr.
Depois, vinda do lado oposto, mais uma pessoa, igualmente apressada.
Depois, cruzam-se duas pessoas, também em passo rápido, cada uma delas seguida, na diagonal e a uma pequena distância que se mantém, por uma terceira e uma quarta.

Pausa.
Ao fundo, alguém atravessa a praça a passo.
À medida que vai caminhando, absorto, abre as mãos e estica continuamente todos os dedos, estende e levanta ao mesmo tempo os braços, lentamente, até eles se fecharem num arco sobre a sua cabeça, volta a baixá-los, também sem pressas, enquanto vai deambulando pela praça.
Antes de desaparecer na rua estreita ao fundo, vai fazendo vento ao andar, abana-se com as mãos abertas, o que o leva a assentar a cabeça na nuca e a ficar de cara para cima. Finalmente desaparece, fazendo uma curva.
Quando, no mesmo andamento, reaparece num abrir e fechar de olhos, já outro vem ao seu encontro a meio da praça, marcando o ritmo ao andar, primeiro com uma das mãos, depois com as duas; finalmente, ao sair da praça para entrar também noutra rua estreita, já todo o seu corpo mexe, e o seu modo de andar vai também atrás do ritmo.
Enquanto este, tal como o que o precedeu - que, aliás, entrando e saindo ao fundo, continua a tentar fazer vento e luz sobre si próprio -, gira sobre os calcanhares, voltando várias vezes a medir a praça com a sua passada e a marcar o seu ritmo, no primeiro plano, vindos da esquerda, da direita, de cima, saltando de um parapeito ou de uma ponte invisíveis, de baixo, saindo de uma vala ou de um buraco na rua, entram a correr, balançando, quatro, cinco, seis, sete outras figuras, um grupo inteiro.
Também eles não se detêm na praça, dispersam-se, abandonam-na, já estão de volta, cada um por si, e cada um deles, enquanto "vai aquecendo", muda continuamente de figuras e de formas, com modos quiméricos: de um salto a pés juntos passa-se logo, mantendo de res-to um ar impassível, para: bater dos tacões, sacudir os sapatos, estender os braços, pôr a mão em pala sobre os olhos, andar de bengala, caminhar em bicos de pés, tirar o chapéu, pentear-se, sacar de uma faca, dar socos no ar, olhar por cima do ombro, abrir o chapéu de chuva, andar como um sonâmbulo, deixar-se cair no chão, cuspir, equilibrar-

se sobre uma linha, tropeçar, ensaiar uns passos de dança, girar em círculo enquanto se anda, imitar um zumbido, gemer, dar murros na cabeça e na cara, atar os sapatos, rolar brevemente pelo chão, escrever qualquer coisa no ar, e tudo isto sem qualquer ordem, sem terminar nenhum gesto, ficando todos a meio.
E tal como vieram, assim todos desapareceram já, os que estavam em primeiro plano, o que estava a meio da praça, o que andava ao fundo.

Pausa.
Um homem atravessa a praça, sem olhar para este último; é um pescador à linha que vai a caminho de algum lugar.
E logo a seguir, uma mulher velha embiocada nos seus trapos e pu-xando atrás de si um carrinho de compras.
Ainda esta não saíu de cena, e já dois homens com capacetes de bombeiro irrompem pela praça, empunhando mangueiras e extintores - mais em ar de exercício do que de intervenção a sério?
Colado a eles, como alguém perdido em sonhos, segue-se um adepto de uma equipa de futebol a caminho de casa, que ainda fica longe, debaixo do braço uma bandeira queimada que se desfaz à medida que ele vai andando; por sua vez, este é seguido por alguém de ar indefinido, com uma escada de mão na qual uma mulher, que entra depois dele vestida de beldade com saltos altos, roça ao ultrapassá-lo, sem que nenhum deles ligue ao sucedido.

Pausa.
Um patinador passa meteoricamente pelo palco, já desapareceu.
Um homem, vendedor de tapetes, a pilha de tapetes à vista sobre o ombro, muito curvado, descansando de vez em quando, de joelhos dobrados, atravessa atrás dele a praça à procura de fregueses.
Ainda se vai arrastando, quando se cruza com um outro que, vestido de cowboy ou vaqueiro, a cada três passos faz estalar o chicote, seguindo o seu caminho sem olhar para ninguém, como o outro.
E entretanto já uma mulher descalça, hesitando, com as mãos a tapar a cara, atravessa a praça ao fundo, deixa cair os braços enquanto anda em círculo, arrastando os pés, um

dedo na boca e um grande riso alarve, uma atrasada mental, talvez a que acabou de passar na figura da beldade, enquanto que no primeiro plano da praça, logo a seguir a ela, duas rapariguinhas novas que entram de braço dado, de repente se transformam durante algum tempo num par de ginastas que vão fazendo "rodas", para desaparecer uns instantes mais tarde.
Um homem, guarda temporário da praça, vem atrás delas, aos ziguezagues pelo palco, espalhando às mãos cheias cinza que tira de um alguidar, e a segui-lo um homem sozinho, quase um ancião, que traz à cabeça, muito direita, um imponente berço com um belo brasão, pesando cada passo, como na corda bamba, e acabando por largar o objecto que traz à cabeça, equilibrando-o sem apoio, entrando progressivamente numa dança que por fim se transforma num jogo seguro.
Quase ao mesmo tempo que ele, entra a correr um homem, o comerciante local, que, ao atravessar a praça, mete no bolso um molho de chaves - as do carro? -, tirando outro, maior - de casa e da loja? -, encontrando em andamento a chave certa, que empunha ao sair, em direcção ao seu objectivo.
E imediatamente a seguir vem alguém ainda mais indefinível, como que correndo atrás dele, pára de repente no meio da praça e volta para trás lentamente.

Pausa.
A praça vazia, numa luz clara.
Um avião passa por cima, durante um, dois segundos; a sombra do avião?
Depois, regressa-se à situação anterior.
Uma nuvem de pó; fumarada.
Um homem de uniforme percorre um dos lados em passo de marcha, voltando logo de seguida do outro lado, sempre em passo de marcha, um ramo de flores no braço, desaparecendo com ele pela saída mais próxima.
Um *skater*, contornando um objecto imaginário; de seguida, salta do *skate*, coloca-o debaixo do braço e continua num passo lento e pensativo, tendo pouco em comum com o patinador de antes; num abrir e fechar de olhos é substituído por uma silhueta de sobretudo e chapéu; deste último, quando o transeunte o tira e sauda em repetidos círculos, começam a cair, sem parar, folhas secas; e do sobretudo, quando o desabotoa, caem saibro e areia com ruído, e por fim mesmo algumas pedras, que ecoam no chão.

Outra é a figura que entretanto já vai traçando outro percurso sobre o palco: molhada, pingando como um náufrago que se vai arrastando de joelhos, levantando-se a custo e lentamente, e desaparecendo de cena, cambaleando, ainda antes de se erguer.
Em seu lugar surge agora uma mulher jovem, com um vestido leve de empregada de escritório, uma bandeja com algumas chávenas de café, descrevendo um breve círculo no palco antes de meter por uma das saídas.
E há também um varredor de ruas que passa num outro sector do palco, empurrando um carro com vassoura e pá.

Pausa.
A praça vazia iluminada.
Gritos de gralhas, como na alta montanha.
Depois, o de uma gaivota.
Um homem com óculos de cego entra a tactear, sem bengala, anda às voltas e depois pára, como que perdido, enquanto à sua volta se gera um burburinho instantâneo, vindo de todos os lados: os passos de um corredor (que já há muito tempo vem a correr) ecoam subitamente; um homem com ar tresloucado passa como um relâmpago, voltando insistentemente a cabeça para trás, perseguido como um ladrão, por um outro que o ameaça de punhos cerrados; um homem que entra fazendo de criado de esplanada, abrindo uma garrafa e atirando a carica para o meio da praça, para sair em seguida; de novo a velha com o carrinho de compras, acompanhada de outra quase igual, só os carros é que são diferentes; ao mesmo tempo, um homem numa bicicleta de montanha, levantando constantemente o rabo do selim; e ainda todo um grupo que atravessa a praça em fila, a passos largos, balançando sacos de viagem, como rapazes passando de uma carruagem para outra num comboio, ou uma equipa que saiu do autocarro e vai a caminho do campo de jogos; e ainda um outro que folheia o jornal ao andar, sem levantar os olhos, fazendo círculos à volta do cego, que ficou como que à escuta no meio da praça e agora é agarrado pelos ombros por um recém-chegado que saiu de uma das ruas laterais; o cego agarra-se a ele sem lhe mostrar a cara e sai pelo meio, apalpando cuidadosamente o livro que o outro lhe meteu na mão.
No lugar que os dois acabam de deixar já anda às voltas um cami-nhante, de casaco comprido cheio de pó, uma mochila já antiquada e botas cardadas, tão mergulhado na sua

caminhada que a praça nem é para ele lugar para uma pausa; subitamente, passa o braço, estendido e pendurado, como que à volta de uma cintura no ar, e depois faz o mesmo com o outro.
Entretanto, uma mulher jovem, elegantemente vestida, atravessa a praça, com um martelo numa das mãos, um metro de carpinteiro aberto na outra e pregos na boca.

Pausa.
Uma folha de jornal desliza pela praça, e depois mais uma.
Um carro de brincar telecomandado irrompe de um dos cantos, avança para um lado e para o outro e acelera para desaparecer de novo.
Um papagaio de papel muito colorido desce em espiral, paira sobre a praça e é soprado para uma das ruas, tal como o papel de jornal.
O eco de um varão de ferro que caiu em qualquer parte, fora de cena.
Uma sirene no nevoeiro.
Um grito breve e indefinível, e depois apenas o piar de pequenos pássaros, e um tropel, que só pode vir de um bando de crianças correndo livremente por uma rua.
Alguém vai cambaleando como um bêbado, em diagonal, ao fundo da cena, entrando progressivamente no círculo, primeiro com um zumbido, depois soluçando alto, em seguida aos berros e finalmente de dentes arreganhados e rangendo.
A tripulação completa de um avião, com as respectivas malas, faz ao longo da praça uma trajectória que parece previamente determinada, seguida de um idiota que, colado a eles, os vai imitando com esgares desvairados, beijando o rasto dos seus pés, para no fim se pôr à escuta no chão e desaparecer rastejando a quatro patas.
Enquanto isto se passa, já noutro lugar uma mulher jovem se afasta, tirando, enquanto anda, um maço de fotografias de dentro de um envelope; olha para todas, umas a seguir às outras, pára, sorri, rasga um grande sorriso, continuando mergulhada na contemplação de uma das fotografias, continua a andar até que, ao ver um transeunte indefinido que vem do lado oposto e a acompanha no seu sorriso, fica de repente muito séria e desaparece por uma das ruas com uma cara que parece uma máscara; o outro, porém, continua sorrindo e atravessa a praça, imitado por um momento pelo idiota, que entra de forma fulminante, com uma curva apertada e uma cambalhota, para desaparecer logo de seguida, o que só contribui para tornar mais aberto o sorriso do outro.

A passos muitos largos, vindo do fundo do espaço, chega o jovem executivo com os acessórios da praxe, pára a meio, mete a mão no bolso do fato, bate nos outros bolsos, esvazia-os, primeiro para a mão, depois em cima da mala de executivo, e volta a meter os objectos nos bolsos um a um, com cuidado, até ao fim, como num ritual: o lenço de assoar de cores garridas, os dados de jogar, uma lata de pomada vazia (com a qual faz um ruído de tambores na selva), uma vieira, a calculadora de bolso, o cacete, a maçã, a meia de senhora, o maço de notas soltas, o harmónio dos cartões de crédito, a lanterna de espeleólogo.

Depois desaparece tão depressa como entrou, a mão que segura a mala leva também a maçã.

O varredor regressa com a sua vassoura, varrendo, enquanto os papéis que vai empurrando à sua frente voltam logo a esvoaçar atrás de si, e quantos mais ele varre numa direcção, mais passam por ele a voar e a cair, vindos da direcção oposta, à esquerda e à direita, por mais que ele dê passos atrás e recomece a varrer; sem interrupção, aqui e ali, avançando apesar de tudo e sempre activo, acaba por desaparecer do campo de visão.

Finalmente, passa uma beldade que, no momento em que entra em cena, baixa as pálpebras e, consciente de que está a ser observada de todos os lados e jogando com isso - imperturbável -, atravessa o palco pelo meio com um único olhar que se prolonga, apenas intuível, pelo canto do olho: nem um gemido de gato, nem um arroto vindo de um altifalante, nem a súbita buzinadela, nem sequer o ladrar irrompendo agora de uma das ruas - imitado? -, também nenhum papel que agora fique preso entre as suas pernas, o tijolo que cai sabe-se lá de onde, nada disso a perturba ou inquieta, nem sequer o jacto de água que, por um momento, sai de uma rua e passa por cima dela; só ao sair da praça volta a abrir os olhos.

Uma rapariga vestida como uma vendedora de boutique dá uma volta mais larga com uma bandeja de café, enquanto que um outro, um pedinte que terminou o seu dia, atravessa a praça, contando as moedas que tem no prato e metendo tudo de seguida no bolso do casaco.

Duas figuras indefiníveis passam então pelo quadrado, vindas de lados diferentes, uma com um livro na mão, a outra com um pão.

Sem olharem um para o outro, um deles abre o livro quando se cru-zam, e o outro dá uma dentada no pão.
Torna-se mais lento o andar do que lê, e também o do outro que come; o que lê levanta depois os olhos por cima do ombro, enquanto aquele que come, olhando à volta, sai da praça.

A grande praça vazia na sua luz clara, e mais nada.
Aparecem mais dois personagens indefiníveis.
Um deles pára e levanta a cabeça, como quem chega a algum lugar, olha à sua volta, respira fundo, abana com a cabeça, enquanto o outro já lhe acena para continuar a andar, uma e outra vez, até que o primeiro, dando uma volta sobre si próprio com todo o vagar, o segue a alguma distância.
Entretanto, ao fundo, um artesão ambulante, tocando uma sineta, segue o seu caminho.
Atravessa a praça uma mulher de lenço na cabeça e botas de borracha, carregando um regador e um ramo de flores já murchas, mesmo podres, que atira, a grande altura, para trás do cenário.
No mesmo momento vem de uma direcção completamente diferente outra mulher vestida quase da mesma maneira, tipo velhinha, com uma foice, um ramo de chamiços e uma cesta enfiada no braço, a transbordar de cogumelos silvestres.
Uma terceira mulher, indefinível, vestida de forma quase idêntica, movimenta-se por um terceiro caminho, sem nada nas mãos, costas e pescoço muito curvados, o rosto voltado para o chão, sem parar, mas quase sem avançar, enquanto atrás dela aparece um outro caminhante, retardando cada vez mais o passo, como se o atalho fosse demasiado estreito para ultrapassar, mas mantendo um olhar firme para a distância, sem dar atenção à criatura mesmo à frente das biqueiras das suas botas de montanha.
De frente para estes dois, que continuam a andar sem quase sair do mesmo lugar, aparece brevemente, como num intervalo para tomar fôlego, um homem vestido de cozinheiro, tira umas fumaças apressadas do cigarro e desaparece de seguida do campo de visão.
Um outro surge, arrastando-se penosamente ao virar de uma esquina, carregando aos ombros uma rede de pescador, enquanto o caminhante, de passagem, lhe tira da camisa um insecto que aí ficou preso, lançando-o ao ar para que ele saia voando.
Ouviu-se um trovão, e agora ouve-se de novo trovejar.

E uma mulher passou a correr pela praça, e regressa agora, trazendo nos braços um montão de roupa em desordem.
Como se nada se tivesse passado, um homem passeia-se pela praça de pernas abertas, balançando as ancas e os ombros, com a estatura de um senhor da praça, seguido de perto pelo, digamos, idiota da praça, que começa por imitá-lo, para depois se pendurar nele, primeiro o braço, depois a perna - saltitando sobre uma perna ao lado dele -, e por fim fazendo cabriolas à sua volta, de mãos e pés no chão, como cão que ladra, sem que o dono da praça, no seu papel de alguém que se sabe sozinho naquele vasto campo, acuse a sua presença uma única vez durante a sua ronda.
Enquanto isto acontece, por um caminho ao lado uma estátua vai sendo puxada, presa na vertical a uma armação circular, e por um outro caminho lateral passa de novo um indivíduo que tapa os ouvidos para não ouvir a charamela de sirenes que vem da esquerda e da direita, e que a certa altura cresce de tom e é já um silvo de alarme (imediatamente interrompido).
Como uma aparição, passa rapidamente pelo palco um Papageno, de gaiola na mão e vestido de penas.
A sua figura fica meio escondida atrás do que parece ser um pequeno grupo de lenhadores a caminho, com machados e serras ao ombro.
Uma mulher jovem anda atrás deles, meio desvairada, por todo o palco, com olhos esbugalhados, a mão a tapar a boca; depois deixa cair a mão com um grito surdo, envolvido como que pelo piar de pardais nos países do sul e o chilrear de andorinhas no verão e outros quaisquer sons de passarada.
A mulher cruza-se de passagem com um homem de bola na mão, depois com um japonês com uma máquina fotográfica ao ombro, pronta a disparar, sem reparar nos que com ele se cruzam, todo olhos para a praça que já captou com a objectiva, apanhando também aquela mulher que ia a sair chorando baixinho, mais um patinador, desta vez com uma vela à frente, e um enfermeiro que substitui o cozinheiro de há pouco, entrando para dar uma passa e desaparecendo num abrir e fechar de olhos; depois da fotografia, o japonês recua imediatamente, e já alguém lhe faz sinal para seguir viagem.
Em primeiro plano e ao fundo atravessam agora dois de cabeça baixa, sem nada de especial, a não ser talvez que o seu modo de andar tem qualquer coisa de atarefado.

Pausa.
A praça está vazia, na sua luz clara.
Começa a ouvir-se um sussurro, torna-se mais forte, um rumor fundo que envolve a praça e depois se acalma.
Um homem (ou uma mulher) de olhos vendados, às apalpadelas em pequenos círculos, sai de uma das ruas para entrar logo numa outra e deixar de ser visto.
Um homem com uma pena no cabelo, como se tivesse ficado ali esquecida, põe a mão em pala por cima das sobrancelhas, enquanto um outro vem ao seu encontro, de olhos postos na sua própria mão que, como tudo indica, foi ligada recentemente.
Com um certo intervalo, entram como diabos, vindos de lados opos-tos, dois corredores, em grande tropel, quase roçam um pelo outro ao se cruzarem, sem se cumprimentarem nem fazerem qualquer gesto.
O contrário acontece quando se cruzam os caminhos de dois carteiros de bicicleta, e também quando se encontram dois polícias de giro (soldados em patrulha?) em uniforme, e ainda, mas quase sem se dar por isso, como que em segredo, quando passam um pelo outro um homem e uma mulher.
Alguém puxa por uns instantes através da praça um esquife leve e azul, dentro do qual se adivinha uma figura branca, como múmia.
Um outro, na pose do dono da loja de ombro na ombreira, aparece de um dos lados, deixa-se ver assim durante algum tempo, e retira-se de novo.
Um pequeno grupo de excursionistas atravessa em diagonal, subdividido em: grupo da frente, pelotão e um único atrasado, de cabeça caída, passo arrastado, e que não se apressa nem mesmo quando um dos outros leva os dedos à boca e solta um assobio do outro lado do palco; antes de sair, o atrasado pára mesmo um instante, deixa a cabeça descer sobre a nuca e desenha com a mão qualquer coisa como as figuras de vários pássaros em voo no ar, metendo a mão debaixo da roupa para se abanar enquanto anda.
Entretanto, passou, com o seu ar distante, a beldade de antes, ou outra, de braço dado com o idiota da praça de há pouco, ou outro, que coxeia, saltita e rebola ao lado dela com um sorriso rasgado; a mu-lher irradia um grande brilho pelo caminho, vindo dos adornos espelhados que usa, da coroa na cabeça até aos saltos altos; no meio disso, vai lançando olhares através de uma folha de árvore esburacada, como se fosse um leque; e o idiota sopra os seus beijos, da mão para dentro do círculo, de onde sai logo uma freira de negro,

rosto invisível, numa das mãos uma mala de viagem em plástico, na outra um embrulho atado, que desaparece noutra direcção, nas costas dos dois.
Algumas figuras indefiníveis voltam depois, durante algum tempo, a povoar a praça, como quem anda atarefado.
Passa um homem com uma árvore.
Outro surge de baixo, das profundezas, com capacete de trabalhador dos esgotos, e desaparece da mesma maneira.
Saído também de baixo e ao fundo, como de uma vala ou de um fosso, aparece mais um par, como se estivessem lá há muito tempo juntos, e afastam-se na luz da praça, abraçados um ao outro, lentamente, numa espiral que se abre, voltando-se sempre para olhar para o lugar de onde vieram.
Fez entretanto uma breve aparição um homem vestido como um gangster, de mãos vazias e com jogos de dedos, que agora empreende uma rápida retirada, ambas as mãos carregadas com sacos de hipermercado dos quais espreitam pontas de hortaliças.
Igualmente apressado, passa alguém acorrentado e descalço, escoltado por duas figuras indefiníveis, à civil.
Durante a curta passagem, o acorrentado procurou com os olhos espectadores por todo o lado, mas logo depois dele entra talvez novamente a (ou uma) beldade, que atrai sobre si todas as atenções pelo modo como se movimenta pela praça, desta vez arrastando-se, com uma barriga muito espetada, como em fase avançada de gravidez, completamente sozinha, uma carta na mão, na qual ainda cola um selo à medida que vai andando.
Pessoas indiscriminadas, velhas, novas, homens e mulheres, formam depois a sua comitiva, dirigindo-se, a partir de diversos pontos, para um centro invisível para lá da praça, todas elas com objectos postais diversos que vão virando, alguns escrevendo neles, colando-os, voltando a lê-los, observando os bilhetes postais; uma delas, de mãos vazias, regressa ainda à cena e dirige-se para outro lugar; uma mulher continua por uma das ruas laterais, e um homem, regressando por um momento, desce para um subterrâneo ao fundo da praça.
Enquanto isto se passa, um outro passou como um meteoro noutra zona, quase despido; em primeiro plano passa outro, de fato-macaco com uma corda grossa atada à cintura, um saco de marinheiro ao ombro, que pousa no momento em que entra, para lhe meter dentro um enorme globo terrestre, que se acende de dentro do saco enquanto ele continua

a andar, tentando de vez em quando iniciar um discurso incompreensível que se vai dissipando em murmúrios e sussurros.
Dois caçadores transportam um terceiro numa maca feita de ramos verdes.
Depois, um par passa simplesmente, sem destino e com destino, um deles transformando-se a meio do percurso de alguém sem destino em alguém com destino, enquanto o seu seguidor, muito consciente do seu destino, subitamente perde de vista esse destino.
E novamente se ouve um sussurro por toda a praça.
Um homem vestido de empregado de mesa faz uma curta entrada e espalha pela cena pedaços de gelo que tira de um balde.

Pausa.
A praça vazia na sua luz clara.
Uma única folha cai lá do alto, como folha de árvore no verão.
Um tiro e os seus ecos, repetidas vezes.
Um homem entra na praça, com um aparelho óptico fantasmagórico nos olhos, como se viesse de um oculista, experimenta a visão e volta a recuar.
Noutro lugar, uma mulher atravessa, um cesto pendurado na curva do braço, com maçãs da primeira colheita, tira uma e dá-lhe uma dentada enquanto vai andando.
Um guarda da praça - o mesmo ou outro? - entra por um instante dando uma curva, lavando o chão com uma mangueira.
Guiado por alguém com uma sombrinha levantada, entra um pequeno grupo de turistas, figuras curvadas, gente do campo, de fatiota escura festiva, na sua maioria pessoas de idade; param todos de repente e soltam, como que sob o efeito da luz crua da praça, um grito de espanto em uníssono, que repetem à saída, agora de boca fechada e como se fosse uma zunida, voltando-se lentamente, curvados e em círculo, como se o som se dirigisse ao guia, que assiste a tudo quedo e mudo.
E novamente um homem e uma mulher se dirigem um ao outro vindos de longe, o homem baixando logo a cabeça, a mulher mantendo-a erguida; pouco antes de se cruzarem, o homem levanta por um instante os olhos, olha a mulher de frente, mas esta já tinha virado a cara no momento anterior.
Duas beldades, corredoras de marcha - disciplina desportiva - com equipamento a condizer, passam num instante, com movimentos sincopados.

Uma mulher candidata a executiva moderna, com uma malinha transparente onde se vê isto e aquilo, vai estudando um dossier enquanto anda, apertando na mão o telemóvel com a antena de fora; o telemóvel acaba por cair ao chão; a seguir, depois de ela se ter curvado a contragosto, a mala abre-se e os objectos caem; a seguir, depois de ela, irritada e bruscamente, os apanhar, tropeça ao dar mais um passo, sorri de repente de forma indefinível, o que se intensifica à medida que ela se concentra de novo no dossier continuando a andar e, quando agora tropeça mesmo a valer, tenta amparar-se, quase cai, e depois de soltar um grito de dor e raiva, dá uma gargalhada ribombante enquanto vai saindo.

Outro caminhante, chapéu numa das mãos, livro na outra, cabeça baixa, passa enquanto, sem se dar por isso, um outro par de corredores entra em passo de corrida, fazendo ecoar toda a praça; ensanduichando, ao ultrapassá-lo, aquele que vai a passo, tiram-lhe ao mesmo tempo os dois objectos das mãos, sem sequer - porque já desapareceram, depois de um breve movimento para cima e para baixo - se voltarem para trás, enquanto o outro agora cospe para o chão solenemente, se curva, continua a andar e, saudado pela mão erguida do corredor que vem atrás dos outros, levanta também a mão para retribuir o cumprimento.

Enquanto ele ainda vai deambulando, já um agrimensor montou nas suas costas o seu teodolito, espreita, acena ao seu companheiro invisível, fora da praça, para se desviar para a esquerda, para a direita, diz-lhe que está bem levantando o polegar, e já abandonou de novo a praça.

Um homem velho, quase centenário, munido de uma antiga chave de portão, deixou-se ver na periferia da cena muito brevemente.

E igualmente um outro homem, poderia ser o japonês de há pouco, que, apoiado numa bengala de montanha, leva às costas uma mulher de cabelos brancos; um jovem com um leque de palmeira ou fetos; dois ou três que, ao passar, vão bebendo de cantis; um homem vestido de Moisés, regressando do Sinai com as tábuas da Lei; um outro, de andar indolente, pára subitamente a meio em posição de "en garde" e bate com os tacões; um pequeno grupo em traje festivo preto e branco, vai andando e tirando dos cabelos grãos de arroz; e mais uma beldade que, a princípio só visível de costas, subitamente se volta para... mim!

De modo igualmente súbito irrompe pela praça, no meio da cena, um novelo, a princípio dançando sapateado, acompanhado por muitas vozes que soltam latidos, berram, uivam, tremem, chiam, rebolando-se pelo chão; não se trata de vários seres, nem sequer de dois que lutam um com o outro, mas de um único que se debate com a morte, numa agonia que por fim termina; o novelo estica-se, os objectos que foi perdendo na sua luta espalhados à sua volta, os sapatos a seu lado.
O moribundo foi sendo imitado, nos seus estertores, pelo idiota da praça, que entrou cheio de salamaleques.
Silêncio.
Entram a correr dois homens de bata branca, com uma maca;alguns movimentos rápidos, e o moribundo já vai de saída, com os seus poucos haveres.
Um par, a princípio separado, testemunha a morte, abraça-se agora; caem um sobre o outro, saltam um sobre o outro enquanto saem apressadamente.
Um outro, totalmente a leste do que se passou, vai ainda deambulando pelo lugar.

A praça, sem mais, na sua luz clara.
Volta a ouvir-se o restolhar outonal.
Passa um homem vestido de jardineiro, um ancinho a fazer de cep-tro, arrastando atrás de si um saco de feno de onde caem alguns tufos.
Parte de uma trupe de circo - um arauto, uma artista que faz um número qualquer, um com gestos de malabarista, outro de palhaço, com um macaquinho ao ombro, um anão - dá uma volta à praça como na arena, a meio caminho é completada pelo idiota da praça que por um instante vai atrás do grupo e no seguinte já está outra vez sozinho e sai meio perdido.
Mais uma beldade que se pavoneia pela praça, seguida por uma outra que anda mais depressa e que de repente desata a correr, dá uma violenta pancada na cabeça da que está à sua frente e foge logo para uma das ruas laterais; a primeira ficou parada, agarrada à cabeça.
Enquanto ela assim fica, entra mais um homem de patins, avançando com bastões de esqui, arranca-lhe a mala de mão ao passar e deixa-a a dar voltas sobre si própria.
Enquanto ela já está outra vez imóvel, passa alguém com um cavalete, chapéu preto em bico e indumentária do século XIX, um outro mostra-se, com máscara de fauno, saindo

de uma rua lateral, dois outros vão passando uma bola um para o outro com os pés, mais uma velha passa com o carrinho de compras, que agora já faz uma chiadeira insuportável, cheio de sacos de plástico todos rasgados, lá atrás um outro lança-se pelos ares como Tarzan sobre a clareira, outro atravessa a cena em roupão com um balde de lixo, vêem-se de novo alguns dos que vão ao correio deitar cartas.
Um homem chega-se sorrateiramente à beldade, vindo de trás, pronto a saltar, mas acaba por lhe tapar docemente os olhos com as mãos, depois do que, sem que ela se volte para ele, pega nela com a mesma delicadeza sob os joelhos e por baixo dos braços, levando-a para fora da praça.
Ouve-se a mulher soltar um fundo suspiro.
Passa um homem de braços nus, cheios de relógios até acima dos cotovelos.
Dois ou três com pesadas roupas de inverno, com malas e almofadas, encontram-se com dois ou três outros todos ligeiros, com roupas garridas de verão.
O caminho dos dois grupos foi interrompido a certa altura por um carro eléctrico com rodas de borracha que se atravessou fazendo uma curva; no carro vão dois homens de boné transportando um caixão, atrás do qual segue o idiota da praça, num passinho curto, de mãos cruzadas à frente, a acompanhar o funeral; na sequência disso, os dois grupos trocam de roupa sem constrangimentos, como se tudo estivesse previsto há muito, seguindo cada um depois o seu caminho.
Entretanto, alguém lançou um véu a esvoaçar para dentro da praça, logo seguido por uma mulher nova com vestido de noiva, mas claramente ainda em prova, que procura qualquer coisa, encontra, desaparece.
Durante todo este vaivém, mas agora em pezinhos de lã, ouve-se de novo a toda a volta da praça o tropel de crianças em corridas, com os respectivos gritos e exclamações.
Um qualquer passa agora por outro qualquer, olha hesitante, o outro faz o mesmo, ficam petrificados a olhar um para o outro, reconhecem-se, enganaram-se, abanam as cabeças, fazem um largo desvio, continuam a olhar fixamente um para o outro e seguem caminhos diferentes, abanando a cabeça.
Como que por acaso, e enquanto os dois ainda estavam em cena, um terceiro, abanando a cabeça descontente, atravessou o palco noutro lugar; mas, à medida que vai andando cada vez mais devagar, passa a acenar com a cabeça dizendo que sim, depois novamente que não, a seguir outra vez que sim, também sempre mais devagar, de cada vez com um

ar mais solene, e assim por diante, até que, no fim da sua passagem pelo palco, um gesto exprime o mesmo que o outro.
Durante todo esse tempo nem olhou para o velho aperaltado com roupa de casa em estilo oriental, muito enfeitada, quando este, de braço estendido para a luz, regressa a casa com um rapaz andrajoso, coberto de lama e quase incapaz de andar, indo ao encontro desse filho pródigo que antes a cada passo para a frente acrescentava outro para trás, enquanto aparece um terceiro, vestido de servo, com um cordeiro no braço, que se adianta ao par anterior.
Mal eles desaparecem nas respectivas ruas, segue-se-lhes, com os óculos puxados para a testa, o dedo enfiado em qualquer coisa como um manual, o idiota (ou o senhor) da praça, imitando-os, muito en-tusiasmado, ora a um ora a outro, desordenadamente, e acompanhado à distância por um outro que leva na mão uma maqueta reduzida da praça iluminada, feita de madeira ou cartão; vem juntar-se ainda aos dois uma terceira pessoa que traz num dos braços um manequim de montra, na outra um monte de fatos; em menos de nada desaparecem todos.

A praça vazia na sua luz clara, envolvida num marulhar intermitente, como de rebentação numa pequena ilha.
O assobio de uma marmota, o grito de uma águia.
Breve, fantasmagórico, o canto estrídulo de uma cigarra.
Duas figuras empurram um pequeno carro de taipais gradeados, sobre o qual transportam uma coluna inclinada.
Um homem segue uma mulher, e logo a seguir, como se os dois tivessem dado rapidamente meia volta fora da praça, uma mulher segue um homem; barra-lhe o caminho, ele desvia-se, ela volta a barrar-lhe o caminho e, quando ele tenta passar, agarra-lhe a capa, ele solta-se e sai, meio nu, enquanto a mulher, sem sequer o olhar, mos-tra a peça de roupa a um terceiro que entra vindo de outro lado, ao que o recém-chegado persegue o primeiro herói a passos largos, a mulher logo atrás, cruzando-se a meio caminho com um pequeno grupo de caminhantes de uma terceira idade bem conservada.
Um outro velho, sozinho, vem ao encontro deles, também de bengala, com a qual se atira ao grupo sem aviso, que apara imediatamente os golpes com as suas bengalas; gera-se

uma luta de esgrima que dura até que o solitário põe em fuga os seus opositores e segue o seu caminho, lacónico.

Durante algum tempo parece que a praça só é atravessada por gente muito velha, sempre os mesmos e sempre na mesma direcção, os mesmos que entram por um lado e saem pelo outro num círculo sem fim, umas vezes como estivessem numa fila que avança muito lentamente, outras como se se tratasse de um cortejo solene de dignitários com as suas togas, outras ainda como gente do campo, com grandes braçadas de espigas, garrafões de vinho, réstias de maçarocas de milho, uma procissão de graças pela colheita; outras vezes parecem mais veteranos, com tudo o que é próprio deles, e finalmente apenas velhos isolados, cada um por si, agitados ou nem tanto, ultrapassando-se uns aos outros e voltando a encontrar-se, um ou outro desviando-se para o lado e, enquanto os outros continuam às voltas, patinhando à margem, nas margens da cena, arrastando um pé atrás do outro, empurrando outros para o lado, parados, procurando uma parede, uma cornija para apoiar a cabeça, os braços, os pés, mais a bengala, depois tremendo da cabeça aos pés sem sair do lugar, rosto impassível, que parece ainda mais parado e branco quando agora, vinda de uma das ruas, se ouve uma gritaria de criança, deixa de se ouvir, volta a ouvir-se, gritos de terror e desespero que abafam até a agitação de passantes que começam a atravessar a praça, transeuntes vários, entre eles uma equipa de filmagens que descontraidamente se instala em cena e que, ao passar, faz seu o lugar com todos os que já lá estavam mais os que vão passando, embora seja evidente que este não é o lugar em que o filme vai ser rodado; e no meio de uma tal confusão e tumulto treme no horizonte ao fundo, acompanhada pela gritaria das crianças, a última cara de lua cheia da roda dos velhos, mas tão calmamente que no meio do tremor geral se distingue bem o levantar súbito da cabeça de cada um em busca dos olhos que, neste jogo de empurra, talvez se encontrem com os seus - sem êxito (ou então não são os olhos que se procuravam).

A este episódio juntam-se logo alguns outros, breves, de tal modo que de repente já só atravessam a praça rapazes novos, às curvas, cruzando-se uns com os outros; depois, apenas homens; e a seguir apenas as mulheres.

Depois, seguindo cada um o seu caminho, passam a correr um homem vestido de mulher e uma mulher vestida de homem; na correria perdem, um a seguir ao outro, algumas peças de roupa, apanham-nas atabalhoadamente, continuam a correr.

Um outro passou entretanto, jovem ao entrar e já velho ao regressar, o que se reconhece, não tanto pelo andar como pela pele e pelos cabelos, e noutro lugar (a criança já há muito tempo que se acalmou) deambulam fraternalmente na luz dois adolescentes, também vestidos com roupas orientais, um deles com um grande peixe pendurado num gancho, enquanto que ao mesmo tempo, mas já noutro lugar, Eneias carrega às costas o seu pai velho, atravessando a praça com um manuscrito enrolado na mão, a arder e a deitar fumo.

Pausa.
A praça brilha de vazia.
Ruído típico do escape de uma única motocicleta, invisível, e depois o de um hélice sobre a praça.
Em seguida, de novo o sussurrar a toda a volta.
Volta a aparecer num sector da praça um homem vestido de Papageno, mas em vez de penas agora aparece coberto de conchas tilintando; a gaiola que traz na mão está vazia e de portinhola escancarada.
Uma figura indefinível, com a mão debaixo do casacão inchado, segue-o, e Papageno volta-se repetidas vezes para trás, o outro move-se como colado a ele, descrevendo de forma igual cada curva e cada ziguezague.
Só quando ele pega numa maçã, dá uma dentada enquanto anda e tira do casaco um pacote de fraldas, o homem das conchas volta a olhar para a frente e até vai dando umas voltas sobre si próprio, brincando aliviado.
Mas o seu seguidor aproxima-se num ápice, amarra-lhe as mãos atrás das costas, dá-lhe um golpe na nuca com o pacote de fraldas, deitando-o ao chão, onde fica imóvel, enquanto o outro segue, comendo a maçã ruidosamente e balançando o pacote de fraldas.
Enquanto Papageno, de gaiola no punho tenso, se arrasta atrás dele, entra em cena mais um caminhante, levando à cabeça um tronco de árvore lavado da chuva, de raízes para o ar; depois de olhar em volta, descarrega o tronco e senta-se nele, com as raízes a fazer de pés do banquinho.
Enquanto desdobra um mapa, alguns outros irrompem pela praça, soldados que, uns momentos depois, agora em menor número, voltam a atravessar a praça vindos da mesma direcção; por fim, aparece no mesmo lugar um outro, transformado em fugitivo,

esbaforido, lançando a cabeça para um lado e para o outro, abre inesperadamente os braços como se tivesse chegado ao lugar que procurava, dá a volta a este tranquilamente e junta-se depois ao que está sentado no tronco, antecipando por assim dizer o desfile dos dois grupinhos seguintes: um deles puxa uma tenda de beduíno, o outro transporta num carrinho de mão um monumento feito em cacos; entretanto, o caminhante tirou os sapatos, volta-os e deixa escorrer a areia e o saibro por entre os dedos.

Uma mulher voltou entretanto a entrar em figura de grávida, com um carrinho de supermercado cheio, desta vez acompanhada por um homem; o par abranda o andamento e pára sob a luz, abraça-se como mandam as regras - enquanto isto, a mulher continua a empurrar o carrinho para lá e para cá sem sair do lugar.

Quando, por fim, continuam a andar, a mulher agora com um cesto à cabeça, tapado com um pano branco, o homem empurrando o carro a uma certa distância, volta a aparecer um homem que vai passeando com uma maqueta sobre a mão estendida: desta vez, em vez de uma miniatura da praça, é uma enorme maqueta de um labirinto clássico cujos contornos o homem tenta reconstituir em andamento.

Enquanto ele prossegue a sua dança num movimento anguloso, já o próximo entrou, novamente um homem com um tapete ou uma alcatifa enrolados; quando ele agora desenrola o tapete, em diagonal através de toda a praça, vê-se que se trata de um atalho no campo, com as marcas do rodado de um carro no barro amarelado e uma fita verde de erva ao meio; os dois que tinham chegado primeiro deram--lhe uma ajuda rápida, pisando o atalho na ponta, antes de voltarem a sentar-se.

Depois de terminado o trabalho, o homem do tapete sentou-se de pernas cruzadas à beira do caminho, a uma certa distância dos outros dois.

Os primeiros a usar o atalho são Abraão e Isaac, o pai um passo atrás do filho, que vai empurrando à sua frente, pondo-lhe a mão no ombro, enquanto a outra segura, atrás das costas, a faca do sacrifício; são seguidos por um par indefinível, que se transforma de repente num rei com a sua rainha, pelo "velho agiota" que, por pouco tempo, se transforma num que dá saltinhos a andar, pelo herói do Oeste que, parando, se transforma num coxo de muletas, num que dá estalidos com os dedos, num que bate o ritmo, num maestro de batuta imaginária, num que abana a cabeça, que por sua vez se transforma subitamente num que escreve de forma calma e regular, servindo-se do bloco de notas que tira de baixo do braço, e depois num prestidigitador, quando, voltando a

guardar o bloco, faz aparecer uma bola de cristal de rocha que nesse instante absorve em si toda a luz da praça; a magia acaba logo, por acção do próprio mágico, com o estoiro produzido pelo rebentamento de um saco de papel.

Pausa.
A praça iluminada, com as figuras de antes, no tronco de árvore, à beira do caminho.
A toda a volta ouve-se agora um chapinhar, como de peixes saltando, e um forte zumbido ergue-se nos ares, como um enxame de abelhas no verão.
Um homem, mala de caixeiro viajante na mão, irrompe pela clareira, e de repente já não tem pressa nenhuma, vai deambulando para o lado, junta-se ao que está sentado à beira do caminho e acocora-se a seu lado.
Isaac regressa, salvo, Abraão segue-o de mãos vazias, morto de cansaço.
Enquanto eles se deitam a uma certa distância dos outros, o pai com a cabeça no colo do filho, na parte invisível da cena passam de novo crianças, reconhecíveis pelos gritos e chamamentos ininterruptos, e um homem vem-se aproximando de joelhos; depois põe-se de pé, sacode o pó das pernas e vai postar-se em qualquer parte.
O idiota da praça volta a entrar sorrateiramente e percorre com os olhos, de baixo para cima, cada um dos presentes, recua depois em bicos de pés, enquanto entra outro, o "louco dos livros", fazendo incidir continuamente a luz sobre o livro aberto e andando assim para lá e para cá, e um segundo, saltitando por outro caminho, como que passando de pedra em pedra no vau de um rio, parando agora na margem para olhar para trás; por um terceiro caminho vem um casal de velhos lambendo gelados.
Por instantes ninguém mais passa pela praça; todos param, deixam de estar activos, ficando de pé, sentados ou deitados, e o mesmo se aplica aos que se seguem: dois que se agarram como lutadores à espera do golpe e de repente se separam calmamente; outro que entrou fazendo o gesto dos vencedores, de braços no ar, para os deixar cair assim que entra; outro que entra a correr, com um número no peito, e o número cai assim que ele pára; uma mulher que, quando dá o primeiro passo na luz, parece ter ressuscitado dos mortos, mas logo começa a dar cambalhotas, para discretamente se perder entre as outras figuras; um homem com neve nos ombros e no chapéu e que, quando já quase atravessou a praça, pára e regressa decidido para o centro, tirando o chapéu, sacudindo a neve e andando cada vez mais devagar e dando passos cada vez mais pequenos.

Por fim entrou ainda, tropeçando, alguém em fato-macaco azul, de aprendiz, fazendo rolar uma roda de carro - ou será uma rosácea de vitrais em azul de Chartres, que agora refracta a luz em várias direcções? -, quando chega ao centro dá meia volta com a roda, regressa já sem ela, procura o seu lugar junto dos outros, mas sem nunca o encontrar - esta cena do não-encontrar-o-seu-lugar torna-se cada vez mais dramática, até que por fim o idiota, aliás chefe, aliás senhor da praça o manda sem cerimónias para um lugar qualquer (nunca ninguém esteve tão claramente no seu lugar), e, depois de o arrumar assim, tira a máscara e ocupa um lugar entre os outros, transformado em Não-sei-quem.

Pausa.
A praça na sua anterior luz clara e depois, espalhados, distanciados ou bem juntos, deitados ou de pé, de cócoras ou sobranceiros aos outros, a totalidade dos heróis.
Volta a ouvir-se a toda a volta o sussurro ou o soprar do vento, a que se segue um som de estalidos que se prolongam em diagonal da frente para o plano de fundo, como quando um lago começa a gelar, a que se segue o som monótono do trinar de grilos, a que se segue silêncio.
Por um longo espaço de tempo, a seguinte cadeia de acontecimentos: um frémito apodera-se de todos ao mesmo tempo, um terror simultâneo, que se repete, que se repete mais uma vez, depois um sobressalto, por fim um estremeção seco.
Um deles dá bofetadas a si próprio.
Outro convida uma das mulheres para se sentar ao seu colo, e antes que dê por si já ela está em cima dele.
Outro vira o casaco do avesso e transforma-o em fato de cerimónia.
Um engraxa os sapatos ao outro, um homem procura apoio e encosta-se a uma mulher, outro esgaravata delirantemente o chão.
Um homem, que parece estar à espera de alguma coisa, vê um se-gundo juntar-se a ele, um terceiro vem juntar-se aos dois e faz também o papel de alguém que está à espera.
Um homem e uma mulher levam a mão ao sexo um do outro.
Um homem corta uma madeixa de cabelo, outro rasga a camisa no peito enquanto vai andando, outro raspa a merda de cão que ficou presa ao sapato, uma mulher atira uma chave à outra, e esta põe-se a saltitar com ela.
Um homem belisca outro ao passar.

Um deita-se no chão de barriga para baixo e põe-se à escuta, e outro imita-o.
Um dos homens parece desistir da espera, e quando já começa a afas-tar-se é trazido de volta ao seu lugar por um outro.
Um homem procura qualquer coisa, dobrado, depois de gatas, um outro ajuda-o a procurar, na mesma posição, um terceiro junta-se a eles, atravessa-se-lhes no caminho, e num lugar diferente também alguém começa a procurar qualquer coisa, enquanto aquele que começou vai encontrando isto e aquilo e olhando à luz as coisas que encontra sem as ter procurado, e um dos seus companheiros de busca encontra qualquer coisa que pensava perdida para sempre, e que beija e aperta ao peito.
Um homem deita água do cantil sobre a cabeça de outro que está dei-tado.
Um homem anda para lá e para cá na figura de Peer Gynt, descascando uma cebola.
As pessoas que estão na praça olham cada vez mais umas para as outras, não, observam-se umas às outras: um homem, que de repente ficou louco, berrando desvairado, acalma-se simplesmente porque alguém olha para ele, tal como uma mulher que desata a soluçar e a gritar e o homem que assobiava desalmadamente; aqueles que os olham fazem-no enquanto se vão aproximando.
E também pode acontecer que todos eles fiquem simplesmente ali, uns olhando-se, outros escutando-se, e transformando-se no outro ao se olharem assim, e isto por toda a praça.
Um homem passa por todos os outros com um sinal de reconhecimento, primeiro flores, depois um livro, em seguida uma fotografia: seguem-se várias negas com abanos de cabeça, um encolher de ombros, um abanar de cabeça definitivo, e por fim, inesperadamente, o sim silencioso e um abraço desajeitado.
De forma igualmente desajeitada, dois dos que continuam à procura de qualquer coisa dão uma cabeçada um no outro, um homem pega noutro que está no chão, ofegante, e anda com ele, ofegante, às voltas, uma mulher acaricia um homem de tal maneira que lhe desfigura grotescamente a cara.
E ficam todos novamente simplesmente ali, com olhos cada vez mais cerrados.
Grasnar de corvos e latir de cães, acompanhados de um som distante e cavo.
Desaba uma trovoada, alta, sobre a praça, com trovões que estalam, sem que isso faça mexer um único cabelo dos que estão cá em baixo.

Depois ouvem-se a toda a volta do palco gritos de dor e lamentações, aqui uma criança, ali um elefante, acolá um porco, um cão, um rinoceronte, um touro, um burro, uma baleia, um sáurio, um gato, um ouriço, uma tartaruga, uma minhoca, um tigre, o leviatã.
Depois, nada (se) passa a não ser as cores de cada um: das roupas, dos cabelos, dos olhos.
Enquanto isto, um homem observava outro.
Dois aquecem as mãos um ao outro debaixo dos braços, um assusta-se ao ver que aquele que vem ao seu encontro é o seu duplo, um outro, desesperado, procura aquele que o observa e, tendo-o encontrado, pode representar o seu papel nessa situação, um outro segue cada folha que vai caindo lentamente e estremece de cada vez que uma toca no chão.
Todos juntos formam com os seus corpos, no meio da praça, uma escada de exterior, o que está deitado no topo levanta-se de repente e desce, enquanto se ouve o repicar de sinos, vindo das profundezas por baixo deles, quase inaudível, ora metálico, ora cheio, ora longe, ora perto, ora puro, ora distorcido, e todos eles, levantando-se, dobrados, de mãos nas coxas, se põem à escuta, uns encantados, outros carrancudos, uns gozando, outros sofrendo.
Ao som dos sinos, duas silhuetas em trajes africanos sumptuosos entraram e pararam ao fundo da praça, apenas com o tronco à vista, num barco invisível em que só se viam os remos, convidando mudamente os presentes a entrar na sua canoa.
Ninguém aceita, embora se sinta novamente um estremecer de todos nessa direcção.
Os dois afastam-se enquanto os sinos submarinos continuam a tocar, cada vez mais longínquos.
No último momento, o aprendiz do fato-macaco azul desata a correr atrás deles, mas estende-se logo ao comprido, porque um dos outros lhe passou uma rasteira.
Fim dos sinos, fim do sonho.
Um acena a dizer adeus, depois outro, ainda outro, e por fim todo o coro.

Pausa.
A praça, a luz, os contornos.
Um homem, muito velho, de olhos esbugalhados, para quem a pouco e pouco todos os outros se voltam, aproximando-se, olhando-o de longe.

Subitamente, ele sorri para o círculo à sua volta.
Silêncio.
E eis que faz menção de começar a falar, ganha balanço, faz dese-nhos com as mãos que marcam o ritmo, com os braços que se elevam para o céu, mexe os ombros, balança com a cabeça, ensaia a fala com os lábios silenciosos, as narinas alargam, as sobrancelhas arqueiam-se, de vez em quando até as ancas gingam, tudo para preparar o discurso.
Até os mais distantes ficam muito atentos.
Este ou aquele dos espectadores parece compreendê-lo de antemão, acena com a cabeça, volta a acenar, soletra com ele, que já murmura, como que para começar, volta a murmurar em vários tons.
De repente fica calado, como se finalmente fosse começar a falar, mas continua calado, perde a expressão, deixa que o vejam assim.
Uma mulher aproxima-se dele com uma trouxa, como se fosse um recém-nascido, deposita-a nos braços estendidos do velho, e este, olhando para a trouxa, os olhos em alvo, transbordante de alegria e de júbilo, sem palavras, gaguejando e exultando.
E novamente este ou aquele dos seus espectadores acena com a cabeça, sempre como se antes ele tivesse dito qualquer frase; alguns já começam a sair e acenam com a cabeça ao passar por ele.
Mas só se assiste a um cortejo geral, fazendo um grande arco à volta da praça, quando o velho começar a bater palmas no centro da praça, repetidas vezes, depois do que, exteriorizando mais alguns fragmentos do seu júbilo e da sua alegria, se integra no cortejo com o recém-nascido nos braços, enquanto da trouxa vai saindo, com intensidade crescente, um piar que se repete, como de passarinhos abandonados, ao qual se volta a juntar o sussurro a toda a volta da praça; antes, um velho tão velho como este massajou-lhe as fontes, como que para o pôr em forma.
Depois disto, tudo se precipitou: depois de um dos homens passar ainda pela erva da savana no atalho, para se despedir, este foi logo enrolado; também o tronco com raiz, empurrado de passagem por várias mãos e vários pés, já desapareceu nos bastidores; um homem que, olhando por cima do ombro, hesita ainda perto da saída, é projectado para diante por um pontapé no traseiro, dado pelo que vem atrás; aquele que ficou a ver as folhas cair, agora faz isso a correr; aquele que ficou com o pé preso numa espécie de armadilha, precipita-se muito mais para a tirar e sai a correr com ela no pé.

Torna-se agora evidente, enquanto todos se vão dispersando em todas as direcções, como um sai irritado e desiludido, deitando a língua de fora e cuspindo; outro serenamente desencantado, encolhendo os ombros; uns mais aliviados por terem saído do sonho, outros continuando a persegui-lo, meio sonâmbulos; uns começando a chorar, outros a rir; um beija o chão antes de sair, outro desenha o caminho no ar antes de se ir embora, como um esquiador antes da largada para a prova de slalom; um toma claramente balanço, outro abre e fecha as mãos como um halterofilista antes de levantar os pesos, e desaparece logo com todos os seus haveres; destaca-se também, isoladamente, cada um dos que se vão dispersando, roupa de verão a adejar, tocada por alguma coisa que esvoaça, um pedaço de papel, um saco de plástico, uma nuvem de pó de carvão - e entretanto começam a ouvir-se, vindos vagamente de outras praças para lá da praça, os sons de fogo de artifício que se transformam em acordes e depois se dissipam.

Pausa.
A praça clara e vazia, na sua luz de recordação.
O breve instante da borboleta (ou falena).
Qualquer coisa atada entra, pairando, presa a um pára-quedas em miniatura.
Atrás dela vem logo outra vez o guarda, aliás varredor, da praça, pu-xando um carro carregado de tubos metálicos de barracas de mercado, que rangem, ao lado de um contentor de lixo; na outra mão traz uma vassoura grossa com a qual, ou empurra à sua frente uma parte dos objectos que encontra no chão (incluindo o embrulho do pára-quedas), ou então, voltando-a ao contrário, espeta-os com o cabo pontiagudo, para os deitar no lixo: alguns frutos - um morango gigantesco -, o cadáver de um pássaro, um livro meio desfeito, uma cabeça de peixe; ao empurrar à sua frente o que encontra, e parando por um instante, varre com a vassoura os próprios sapatos.
Entretanto, mais uma beldade passa em primeiro plano pela praça, mostrando durante o longo percurso um sorriso voltado para dentro, mesmo quando, ao andar, vai endireitando as meias todas torcidas; ao fundo, atravessa de novo um homem com uma escada, tão graciosamente que o objecto lá atrás quase desvia as atenções da beldade que vai à frente; um homem, bêbado ou ferido, entra de novo cambaleando, com os

atacadores, superlongos, soltos; de novo um homem vai descrevendo círculos com um livro aberto na mão, enquanto outro anda a seu lado, lendo do seu livro e virando as folhas ao primeiro, e noutro lugar algumas pessoas passam, erguendo num pau, como espantalho, alguém que vão queimar em efígie.

Grito de coruja em pleno dia; um homem que chora em silêncio, andando, depois ganindo e gesticulando; um outro todo curvado, carregando-se a si próprio com cada vez mais tralha e partindo assim com um sorriso de alívio, um outro que entra e sai com um ramo entre as pernas; um outro ainda que passa com a maqueta de uma ponte, que compara com a praça; a Morte é transportada numa liteira; o caçador transporta, num frasco, o "coração de Branca de Neve"; o Gato das Botas pavoneia-se no palco; farrapos de papel queimado caem do céu; uma mulher com roupa que foi buscar à lavandaria, dentro de um saco de plástico; pastores que regressam a casa com botas de borracha; um transeunte com um girassol; uma mulher que ao passar deita fora o molho de chaves; a beldade com um pau de avelaneira; um resfolegar monstruoso, e depois passa um corredor minúsculo; transporte de um portão enfeitado com grinalda de flores; um general avança com sapatos de criança nas mãos; alguém com um mapa do firmamento, outro com um pedaço de cartão dobrado sobre o nariz; o senhor, ou guarda, da praça empurra de novo o carro, a vassoura e a pá servem-lhe de ceptro; um homem transportando a canoa à cabeça; outro, de olhos vendados, a caminho da execução; outro anda para lá e para cá com um cardápio gigantesco; uma família de refugiados, a cabeça de uma criança pequena saindo de um saco de ir às compras; a caçadora de heranças acompanhando a tia rica; um cão manco à trela de um homem coxo; um grupo, de cabeças bem erguidas, a caminho de uma récita de gala em traje de noite; um alegre corredor correndo aos saltinhos; um jogador de cartas abrindo o baralho em leque enquanto vai andando; dois que trocam qualquer coisa em andamento, num abrir e fechar de olhos; alguém puxa um carro com taipais gradeados cheio de máscaras e bonecas; um grupo que desceu junto de um autocarro dispersa-se rapidamente pela praça, cada um para seu lado; a beldade fechada transforma-se numa beldade aberta ao passar; um jovem apaga a luz da vela a um velho; o faroleiro atravessa pesadamente; uma patrulha balançando algemas e bastões; um caminhante passa restolhando pela folhagem espessa; o avô traz umaa cobra a contorcer-se no cabo da bengala; aparece a Portuguesa; a rapariga de Marselha avança pelo cais do porto; a judia de Herzliya deita para a rua a

máscara de gás; a Mongolesa passa com o seu falcão; a santa padroeira de Toledo arrasta atrás de si uma pele de leão.
Começa finalmente um incessante vaivém em todas as direcções - um homem novamente vestido de empregado de mesa esvazia um cinzeiro na praça, uma mulher passa de uma rua para a outra com uma bandeja cheia de copos de champanhe, outro homem, comerciante de folga ou meteorologista, entra e começa a olhar para o céu, e Chaplin passa flanando como quem não quer a coisa -, com o passar do tempo cada uma das figuras mais não é do que um simples passante, a caminho de algum lugar, balançando os braços, representando de uma maneira ou de outra este papel de transeunte (um corredor vai entretanto arfando e marcando o ritmo do seu andamento, levando na mão estendida a escultura de barro que representa uma criança); por um momento temos a impressão de que todos os passantes estariam ao mesmo tempo a ser transportados.
E agora, lá em baixo, o primeiro espectador levanta-se da cadeira, junta-se por momentos ao cortejo, perdido no palco como um cão ou uma lebre num campo de futebol, e foge.
E agora o segundo espectador sobe ao palco e experimenta acompanhar os outros, é logo impedido por duas mulheres que, enquanto os outros se afastam com tacto, atravessam a praça com um varão de metal carregado de roupa branca; ele fica.
E já o terceiro espectador entra em cena, mete-se logo por entre os outros e vai deambulando, muito naturalmente, com o cortejo que parece não querer pôr fim ao desfile.
Vaivém continuado, durante algum tempo.
Por fim, a praça escurece.

O JOGO DAS PERGUNTAS
ou
A Viagem à Terra Sonora

Para Ferdinand Raimund, Anton
Tchekov, John Ford e todos os outros

E aqueles peregrinos iam, pensativos...
Pareciam vir de longe, os peregrinos.
(Dante, *Vita Nuova*)

PERSONAGENS:

UM OBSERVADOR[?]
UM DESMANCHA-PRAZERES
UM ACTOR JOVEM
UMA ACTRIZ JOVEM
UM CASAL VELHO
PARSIFAL
UM-DA-TERRA, *em diversas variantes*

As indicações de cena nem sempre são necessariamente *instruções* de cena.

[?] O nome alemão desta personagem - *Mauerschauer*: o que olha, ou vigia, do cimo da muralha - é uma invenção linguística de Handke, decalcada da palavra grega que designa este processo já na tragédia antiga: *teicoscopia*. O nome traz também, aliás como outros momentos da peça, ecos do *Fausto II* de Goethe, nomeadamente da figura de Linceu, o Atalaia (no 5° Acto).

1

O palco, com luzes de ensaio, é um planalto no meio do mais remoto ponto do continente, vazio, silencioso, ligeiramente inclinado, como que subindo até uma falésia. Começa a ver-se surgir aí um par de mãos procurando apoio. Do lado, como quem sai de casa para a rua, entra em cena o OBSERVADOR, um homem de meia idade, vestido com roupa ligeira, como quem está de partida; a sua bagagem reduz-se a pente e escova de dentes, que ele acaba de meter no bolso superior do anorak. Ao cabo de alguns passos, poucos, e enquanto vai dando voltas sobre si próprio e olhando para o lugar de onde veio, já está a caminho, no espaço aberto, tocado a vento, de cabeça erguida, em ritmo de passeio. Repara no movimento que procura apoio ao fundo do palco, porque entretanto já só lá está uma das mãos. Pára. Quando, depois, corre até lá, também essa mão desaparece, como que sob o efeito da trepidação dos seus passos. Se há queda, o certo é que não se seguem, nem grito, nem baque do corpo. O Observador abeira-se da falésia, recua rapidamente, acocora-se, cobre o rosto com as mangas largas do anorak e permanece imóvel.

De outro lado chega agora a correr, como que em fuga, ofegante, no último fôlego, o DESMANCHA-PRAZERES, também ele um homem de meia idade, que na corrida se volta frequentemente à procura dos seus perseguidores, com as mãos apoiadas nos flancos. Finalmente pára no canto mais distante do palco, de braços caídos e olhando para todos os lados, como se, cercado, se entregasse. Mas os esbirros não aparecem. Lentamente, espreguiça-se e veste o sobretudo que até aí trazia no braço, senta-se e estende as pernas, com olhos que mais não fazem do que repousar das canseiras da fuga.

Entram agora em cena, vindos de pontos diferentes e sem que os dois primeiros dêem por eles, o ACTOR JOVEM e a ACTRIZ JOVEM. Ele, de óculos de sol, cansado, atento, como se viesse de um ensaio, enquanto ela vai a caminho: os olhos postos no horizonte, uma das mãos no ombro do lado oposto, a passos largos, num vestido rodado, como se fosse pelas colinas ao encontro de alguém. Não tarda nada, e será a mulher do padeiro ou a noiva de aldeia, enquanto o actor jovem se encontra ainda meio preso ao papel do rebelde, do misantropo ou do condenado à morte, vestindo uma peça do respectivo guarda-roupa. O momento em que cada um, virando a esquina do seu bastidor, dá de caras com o outro é aquele instante por que sempre esperaram. Não precisam de abandonar os respectivos papéis: estes ganham apenas, com um leve toque, novos traços. Nela, ao jogo fisionómico da moça do campo apaixonada vem juntar-se uma expressão séria; nele, os golpes de espada do revoltado abrandam e transformam-se pouco a pouco em braços que se estendem para ela. Depois, a quebra: ela, virando a cara, senta-se no lugar onde está, e ele, depois de ter deambulado até aos limites do planalto, senta-se a uma certa distância dela, desviando também os olhos.

Entra agora em cena o CASAL VELHO, um atrás do outro numa corrida desajeitada, ambos agitando as mãos estendidas. A mulher traz uma grande mala de mão enfiada na dobra de um dos braços, e o velho puxa atrás de si um enorme malão, que no entanto parece ser leve. Acabam manifestamente de perder, por uma unha negra, um meio de transporte que pretendiam apanhar. Ambos usam fatos domingueiros escuros, como pessoas que quase toda a vida andaram de roupa de trabalho, e por isso o seu aspecto é ainda mais festivo; hoje poderiam ter-se sentido livres, fora de serviço. Agora, porém, afastam-se de cabeça baixa, também eles sem olhos para os demais, e deixam-se cair, primeiro de joelhos, depois sobre os calcanhares. A Velha tapa a cara com o lenço que lhe servira para fazer alguns sinais, o Velho, com as mãos nos joelhos, balança para a frente e para trás.

Por fim aparece ainda no palco PARSIFAL, entrando às arrecuas e parando com frequência, sugerindo como que um passo teimoso em relação ao lugar de onde partiu, mas afastando-se cada vez mais dele - como se acabasse de ser abandonado algures numa terra selvagem e alguém o afugentasse, talvez com uma arma. É o mais novo de todos quantos se encontram no planalto, quase ainda uma criança, de cabelo rapado, roupa esfarrapada, descalço. Como se acabasse de ser definitivamente expulso, dá pequenos saltos em círculo no último canto livre do palco, bate com a cabeça, primeiro nos joelhos e depois, já caído, contra as tábuas do chão, a saliva a escorrer-lhe da boca.

Vem agora um sinal sonoro, agudo mas propagando-se ao longe, um som prolongado, o mais grave de todos os sons, que tudo atravessa; depois de uma pausa, durante a qual todas as figuras no palco, incluindo Parsifal, ficaram petrificadas e à escuta, ouve-se ainda uma segunda e uma terceira vez qualquer coisa como a sereia de um barco no nevoeiro ou o apito saído do bojo de uma locomotiva antiga ou o sinal de partida de um ferry-boat num braço de mar. Depois, no silêncio, os sete dão pela presença uns dos outros e, se não estão já em pé, vão-se levantando. Voltam a pegar no malão e na carteira e apagam-se as luzes do palco.

2

Uma curva do caminho na terra interior, com um pinheiro anão no alto de uma colina. Acampam aí os sete, o CASAL VELHO em banquinhos articulados, a seu lado a carteira e o malão. Continua o silêncio e a luz clara do planalto, ou a luz dos primeiros ensaios. A ACTRIZ JOVEM está a desmaquilhar-se. O ACTOR JOVEM faz desaparecer a peça do guarda-roupa que trazia.

O OBSERVADOR
(*Penteia os cabelos, entretanto de novo revoltos, põe uma mão em pala sobre os olhos, perscruta o espaço lá fora e aponta com a outra mão*)
Olhem só, que beleza! Há paz nesta terra interior, e por isso posso falar assim. Não há dúvida: nasci para glorificar as coisas, não há dúvida, nada mais tem voz em mim. O que, fora disso, de mim sai, ou não tem som, ou é estridente. - Mas porque será que hoje me custa cada vez mais achar as coisas belas? Porque é que vocês, os de antes de nós, diziam tão facilmente: Corações ao alto! ou: O mar salgado!, ou simplesmente: Terra! Sol!, ou o mais simples de tudo: Temos tempo de sobra! E porque é que abençoaram ainda os que vieram depois? E por que razão me afasto eu a cada passo mais de vocês, sem poder transmitir nenhuma das vossas bênçãos aos nossos filhos para lá do horizonte, que aí se movem, inconscientes, sobre o abismo? Já estou a ver o horror a assaltar-vos de repente, ouço o vosso apelo, e nós sem podermos fazer nada. Nos meus ouvidos o vosso grito, e à vossa frente ainda as colinas, com um sussurro que parece vir de dentro delas.(*Acompanha com um movimento da mão a linha ondeante das colinas distantes*.)

O DESMANCHA-PRAZERES
(*Enrola-se, com frio, no casacão.*)
E nas colinas, debaixo das árvores, os caçadores. Já não seguem a presa, sorrateiros, como antes. Agora entram de rompante com os jeeps pelas estradas florestais, já pararam e disparam pelas janelas abertas, não a leões ou ursos, não, aos esquilos que saltam pela última vez, e empilharam os pequenos cadáveres, e depois de mijarem apressadamente, todos em fila, contra as rodas dos jeeps, desandam para a próxima razia. E se, um segundo depois, fores até ao lugar da matança, nem uma gota de sangue brilha aí, nem um farrapo de pele esvoaça ao vento da tua colina, não encontras nem uma farpa de casca de árvore, não sentes nem um cheiro a queimado ou - como é que se diz hoje? - um calor remanescente: nada, só a árvore incólume, a erva sem sinal de bota e o sussurro inumano. - E os nossos filhos, esses já nos esqueceram, a ti e a mim, há muito tempo. Mesmo que nos vissem todos os dias, seríamos para eles, se não uma seca, na melhor das hipóteses "Ah, sim, esse" que só de olhá-lo dá vontade de bocejar! Por mais abandonados que se sintam, se nós lhes batemos à porta o que vem depois da alegria do "Quem será?" é a desilusão do "Ah, és tu!", "Olha quem ele é!". Os nossos filhos querem

ser protegidos e salvos, lá isso querem, mas por nós é que não. Chamam por nós na hora da morte, pois, mas isso é mero reflexo. Até nos seus sonhos ficamos de fora, e só depois da morte voltaremos a olhá-los nos olhos. - E os de antes de nós, a quem tu chamavas os antigos, tão nobres? Aceito que talvez tivessem um coração capaz de glorificar, não só quando se tratava de um vencedor, não só porque serviam a um deus ou um senhor e eram recompensados por isso. Mas não se sentiriam eles a si próprios como vencedores quando a sua voz descia até ao povo? E no fim não estariam convencidos de ter dito de uma vez por todas o que havia a dizer para glória da existência, reconhecendo-se apenas a si próprios, como todos os vencedores, surdos de indiferença em relação a nós, seus descendentes - não será tudo isto o contrário das tuas bênçãos? "Tempo de sobra", pois é. Mas não será que os antigos, que dispunham assim soberanamente do tempo, por isso mesmo nos não deixaram tempo nenhum a nós? Olhem só ali, na estrada, aquele gigante centenário, a mão aparentemente paternal no ombro do seu pequeno Isaac: o facto é que ele o leva uma vez mais para o matadouro. (*Volta-se para a sua própria mão aberta*) E tu, meu bichinho, o que é que achas? Será que estou enganado? Será que o velhadas, de mão pesada no ombro do rapaz, é apenas cego e se deixa levar um pouco a passear? Mas - tempo de sobra, também para nós? E será mesmo só um camponês cego que faz a ronda das suas terras com o neto? - Olhem, o bichinho deixou de espernear e levanta a cabeça. Fareja qualquer coisa. Basta uma pergunta, e ela fareja logo qualquer coisa. - Então lá vai mais uma pergunta, meu bichinho: Será que o tempo vai aquecer? O que é que fazes logo à noite? Onde E que vais passar o Inverno? Onde estiveste na guerra? Onde está a tua mãe? Onde está o teu filho? - Olhem só, ela volta-se mesmo, procura os seus parentes! - Esta é a tua primeira forma, animal, ou já te metamorfoseaste? E nós, em que é que ainda nos vamos metamorfosear no decorrer dos acontecimentos? Aquele ali: de idiota com pes aleijados passará a corredor prodigioso? E a outra: de uma que passou todas as suas noites com as mãos entre as coxas para uma que na próxima noite apertará nos braços o que está com ela? E os dois velhos ali, com cara de caso, serão amanhã uma cabeça dupla de montanhês com o sorriso malicioso e contente das caras de Buda? E aquele outro, com o seu ar de eternamente provisório, transformar-se-á em alguém com morada certa, que já não busca a sorte na errância, mas sim, como o velho sultão, aqui mesmo, neste lugar e no regaço da jovem amada? - E já agora diz-me também a mim, oráculo desta minha mão, se no decorrer dos acontecimentos o fugitivo que eu sempre fui, com olhos que nunca ousam fechar-se completamente, que se assusta com o simples levantar voo de um pardal, que se desvia ao ver uma borboleta pelo canto do olho, que - (*interrompe para se dirigir à ACTRIZ JOVEM*: "Dê só uma olhadela à sua volta!". *Ela corresponde imediatamente*) - que nunca foi capaz de olhar por cima do ombro com a descontracção que acabamos de ver, mas sempre assim (*mostra como*): diz-me, meu animalzinho, se o acossado por montes e rios se transformará finalmente aqui num outro capaz de cantar alto na floresta dos caçadores, para que o distingam da caça, porque já não é caça humana para os seus caçadores, os caçadores de homens? Meu animalzinho,

porque será a fuga desde sempre o meu primeiro impulso ao ver uma pessoa? - Ou então diz-nos, muito simplesmente: Quem é o teu inimigo? Ou: foste tu que me roeste os buracos no sobretudo? (*Encosta o ouvido à mão, e diz para os presentes*:) Nem resposta. Fantástico! (*Afasta com um sopro o animal da mão*.)

O CASAL VELHO
(*Alternando as falas, acompanhadas de um movimento de braços meio erguidos, num "Singspiel"*)
No fundo, esta devia ter sido a nossa primeira viagem. Mas a mim nunca me entusiasmou muito. Nem a mim. (*A uma voz*:) E porque é que não me disseste? - Desde a guerra que não durmo fora de casa. E eu desde aquele tempo no hospital. Sempre gostei muito que os outros viajassem, para poder ficar sozinho. É: e quando eles, cheios de pena, me acenavam e finalmente os perdia de vista, o meu coração dava saltos. Pois é: e quando uma vez o filho voltou atrás para nos consolar com uma última palavra, apanhou-me já comodamente instalado de jornal na mão. E a mim no jardim, debaixo da cerejeira, a cuspir os caroços. (*A uma voz*:) Nas maçãs já nenhum de nós consegue meter o dente. - A casa toda fica tão bem, quando os outros estão a fazer boa viagem e a gente lhes toma conta do lugar. Pois, afinal eles são dos nossos, e guardar-lhes a casa antecipa já o regresso (*A uma voz*:) Pelo menos por momentos. - A minha alegria foi sempre a de me sentir feliz com os meus. Sim, especialmente quando eles viviam a sua felicidade bem longe de nós. E como nós lhes pintávamos cor-de-rosa as maravilhas das praias distantes e os levávamos sempre a fazer novas viagens! (*A uma voz*:) E agora os papéis inverteram-se. - Em vez de ser eu a dar umas voltas na motorizada com o meu neto, é ele que tem de ficar a ouvir as perguntas que o nosso filho lhe faz: "Ora conta lá, que coisas boas te aconteceram hoje?" E em vez de eu ter no colo a minha neta a contar-me os seus sonhos, e nós as duas a rir ou a chorar com eles, agora é ela que tem de sorrir para a fotografia. (*A uma voz*:) Antes isto do que andar com os outros velhos lá da terra a fazer um cruzeiro pelos lugares da guerra. - Será que já superaram o espanto da primeira vez, e agora só contam anedotas ou jogam às cartas? Não acredito! Pois se a nossa terra é conhecida por as pessoas não saberem anedotas nem jogos! E quanto mais velhas são mais espantadas ficam! Na nossa terra, as pessoas quando chegam à velhice até pasmam colectivamente, em uníssono, em coro, e o nome que mais se vê nas casas é "O pasmado", "A pasmaceira", "Vulgo: Pasmados". Até o dialecto da terra é conhecido por "fala dos pasmados", e a nossa entoação exprime um espanto permanente. Pois é, estou mesmo a vê-los ainda sentados, mudos como à partida, de cabeça levantada, a olhar. Mas não achas que, com todo esse espanto, lá bem no fundo cada um deles tem é saudades da terra, das peónias do quintal que à partida estavam quase a desabrochar - o botão tinha já uma aberturazinha cor de púrpura! -, e do novo episódio da linda novela, logo à noite na televisão? Se acho! Pois se até lá na terra temos a alcunha de "Os saudosos da terrinha"! Também sentes saudades da terra? Não, agora já não. Eu também não, agora está tudo

tão morto por lá, tão fora do mundo, o silêncio não é o mesmo de antes. E dos outros, tens saudades? Ainda menos. Imagina só essa velhada toda junta! Um velhinho, só um, já cheira a mofo que baste! E finalmente livres de todas aquelas velhas perfumadas com olhos de beladona, alagadas em suores de medo a cada movimento de ancas. Já me basta o meu pescoço de peru. Pois é, finalmente livres, de uma vez por todas, daquelas histórias de doenças, das últimas intriguices, dos comentários sobre os parentes do morto junto à campa.

A VELHA
(*Dirigindo-se ao círculo dos restantes*:) Quando eu há muito tempo, ainda nova, tive de ficar no hospital, o que gostei mais foi de ver passar os comboios junto à janela; e quando disse isso à múmia que estava ao meu lado, a resposta dela foi: "Pois é, mas para mim os aviões ainda são mais bonitos".

O VELHO
(*Dirigindo-se ao círculo dos restantes*:) E quando eu fiz a guerra, uma vez estava de licença e fiquei aquela longa noite de Verão num país estranho ao lado de um homem velho, na esplanada de um café, e a única coisa que ele me disse à despedida, já era meia-noite, foi: "Não é um sítio ideal para ver passar as mulheres?" (*A uma voz com a VELHA*:) Estes eram terceiros, em lugares terceiros, e se vocês, gente de fora, forem terceiros como eles, então vamos fazer uma bela viagem todos sete. (*Observa os actores jovens, e estes levantam-se para que os possam ver melhor*:) Tu aí, és um resistente? E tu, és a rainha da festa?

A VELHA
Nunca o ouvi fazer perguntas assim. - Ainda tens perguntas para fazer, na tua idade?

O VELHO
Se tenho! Tenho perguntas que nunca mais acabam! E tu?

A VELHA
Eu também. Quanto mais velha fico, mais perguntas tenho para fazer e mais penso tudo em forma de perguntas (*Silêncio. Ela ajeita-lhe os suspensórios, e ele arranja-lhe a travessa no cabelo*.)

OS ACTORES *observam-se mutuamente.*

A ACTRIZ JOVEM
Então?

O ACTOR JOVEM
Não. Ainda não.

A ACTRIZ
Ainda não sabes que pergunta vais fazer.

ACTOR
Por um lado estou morto por fazê-la, porque sem ela nós dois não podemos continuar. Por outro lado, tenho um certo receio, porque se fizer a pergunta errada, ou se a fizer no momento errado, nós nunca mais ficaremos juntos e à tua frente tens, não o resistente ou o rebelde, mas apenas o actor jovem e fanfarrão que só complicará tudo inutilmente.

ACTRIZ
Eu nunca quis ser outra coisa senão actriz. Queria que o meu olhar, dirigido à copa de uma árvore, fosse visto pelos olhos dos outros. Quando, sozinha no meu quarto, me voltava, imaginava o frémito que se apossava das massas de espectadores. Quando estendo o braço de tal modo que se veja que é realmente um braço estendido, quando encosto o ouvido a alguém de tal modo que ele se torna realmente um ouvido encostado a alguém, quando te posso ver com estes meus olhos, não me limito a imaginar, não, sinto que aquilo a que nesse momento dou corpo - é verdade, nesses momentos eu não faço nada, limito-me a dar corpo a alguma coisa -, sinto que isso se dirige, para lá de ti, a um público que me envolve até à linha do horizonte, se alegra ou se entristece comigo nesse meu momento de verdade, e pensa: "Sim, é assim mesmo", ou pelo menos, num movimento de respiração comum: "Sim, foi assim um dia"! O jogo do actor, é o que eu penso, deve ser um jogo da verdade, uma coisa muito rara.

ACTOR
Sim, comigo foi o mesmo, lembro-me bem. Se alguma vez me saía um sentimento verdadeiro, o que eu queria era ser filmado logo ali, com o brilho desse sentimento nos olhos, a sua calma nos lábios, as suas vibrações na voz, em grande plano simultaneamente projectado em écrans gigantes em todos os estádios do planeta. Nunca me puxou para a representação por querer agir e encarnar heróis; o meu sonho era ser sério, finalmente, durante mais do que uns segundos e levar o mundo a sentir isso comigo. Mas entretanto já quase perdi esse incentivo.

ACTRIZ
Eu também. Desde que represento verdadeiramente, já quase nunca me acontece, como antes, quando isso não era ainda a minha profissão, abarcar todo um mundo com o gesto certo no momento certo. Os teus professores também te explicaram isto: só se transforma naquele de quem cada espectador pode dizer: "O meu actor!", quem repetir aquilo que

desde a primeira infância sentiu a uma luz invisível, mas de forma depurada e a uma luz visível, como se da própria transparência se tratasse? E de tal modo que no fim não é ele, mas são as pessoas, que vão para casa transformadas em actores, em actores convencidos da sua arte? E isto porque foi ele, o criador de transparência, quem lhes ensinou que também eles encarnam esse ser-transparente e que só nos momentos em que são actores tomam consciência de si próprios e dos outros como sendo aqueles heróis e aqueles solitários que na verdade todos nós somos, a nossa mãe, o nosso pai, o nosso irmão, os nossos vizinhos. E os teus professores também te disseram como nós, os actores de hoje, somos incapazes de transparência? Que os nossos gestos já só nos mostram a nós próprios, em vez de apontarem para um espaço lá fora?

ACTOR
(*Aponta*:) Olha aquele coelho ali, a nossa própria imagem! Olha como são transparentes as suas orelhas!

ACTRIZ
E como todas aquelas palavras que serviam para contar as grandes histórias de antigamente, e sem as quais não há histórias - "benção", "maldição", "amor", "raiva", "mar", "sonho", "loucura", "deserto", "desgraça", "sal", "miséria", "paz", "guerra" -, como elas se transformaram para nós em palavras estrangeiras, já só com um resto de sentido que acabamos por destruir, ou porque as pronunciamos de forma penosamente falsa, ou porque nos limitamos a lançá-las ao ar como nas conversas fortuitas em zonas de peões? E como somos incapazes de recitar frases longas e tortuosas, as únicas onde aquelas palavras, regeneradas, podem retomar o seu lugar?

ACTOR
(*Ensaia*:) Tal como existe a felicidade - pois eu, em verdade, a vivi -, assim também existe a miséria - pois eu, em verdade, a vivi -, e também eu regressei já de uma guerra, depois do que o mar me lambeu como se eu fosse seu filho e eu me fiz a própria gratidão...

ACTRIZ
E como os nossos corpos hoje já não conseguem criar à sua volta aquele silêncio em que os espectadores se reencontram, mas são, pelo contrário, ou montanhas inacessíveis, ou macacos que atraem o público à sua jaula?

ACTOR
Eu sempre quis ser o **terceiro** corpo!

ACTRIZ
E como nos faltam as derrotas que nos ensinam a dúvida e fazem este nosso trabalho dar frutos?

ACTOR
Eu vivo do fruto das feridas da minha infância.

ACTRIZ
E como nós entramos em cena, repetidores espectrais dos nossos antecessores?

ACTOR
Se existe hoje em mim alguma força, ela é a do principiante.

ACTRIZ
E como nós reclamamos como colónia nossa o que a tradição nos legou, e o fazemos com uma despudorada naturalidade?

ACTOR
Se alguma coisa eu sei desde criança, sem necessidade de professores, é esta: que não podemos ter nada neste mundo, nem tu nem ninguém. Eu sou um Zé-Ninguém fanático. E venho também da terra dos que pasmam, para quem nunca nada há-de ser evidente e que se deixam dominar pela saudade quando não têm nada que os faça pasmar. E a minha nostalgia vai para qualquer coisa ainda mais forte que o simples pasmo: a estupefacção sem limites. (*Levantam-se os dois*.)

ACTRIZ
E finalmente, e acima de tudo, os professores não te disseram também que nós, os de hoje, não conseguimos criar a transparência porque não nos decidimos a recomeçar tudo desde o princípio com as perguntas? Mesmo que nos vão fazendo o favor de reconhecer que o ritmo de fundo do nosso respirar, ver e ouvir, ao que parece tal como neles e nos que vieram antes, continua a ser o de um perguntar mudo e contínuo, com a nostalgia de uma criança que se pôs a caminho em busca da expressão redentora? E que essa mudez, essa ausência de perguntas, não é mais uma das nossas incapacidades, mas antes, e precisamente na nossa época moderna que dizem despudorada, o sinal vivo de um pudor que vem das origens? E que afinal esse pudor, que nos momentos decisivos nos faz, a nós modernos, silenciar a pergunta certa ou fazer uma pergunta jocosa em vez dela, é aquilo que de mais fecundo temos - o nosso dom especial? E que já é mais que tempo de usar esse pudor como bússola e nos metermos a caminho para, com toda a nossa

seriedade e a ligeireza possível, representarmos entre tragédias e comédias o inadiável drama das perguntas, um drama - os teus professores também achavam isso? - que não deve ter aquele lado previsível da peça didáctica nem as perguntas capciosas de um diálogo socrático - nada de perguntas para pensar, nada de perguntas armadilhadas! -, mas que deve, pelo menos para algumas pausas de descanso, conter algo do conto de fadas ou da farsa? Que o fundamental deste nosso drama das perguntas deve estar numa viagem de descoberta, e o seu tom dominante, para lá de todos os jogos tacteantes, deve ser o dos salmos? E que nós devemos tomar este jogo das perguntas, em todas as situações, como uma forma de trazer à luz o nosso mundo mais oculto e mais remoto? E que nesse jogo é melhor fazer perguntas erradas do que não fazer perguntas nenhumas, porque a primeira destas coisas é apenas um erro, enquanto que a segunda se transformou entretanto numa culpa?

ACTOR
Então começa. Pergunta. Faz tu primeiro o papel da perguntadora. Eu ainda preciso de algum tempo. Mas tu podes fazer-me perguntas. Ajuda-me com as tuas perguntas. Mas começa com pequenas coisas, se possível sobre nós dois. E não forces nada, deixa-te ir simplesmente. Não estás a ser examinada. Os teus parceiros de jogo não são teus professores, mas gente que busca conselho, como nós. Não há caminhos previamente traçados. Pode acontecer que com a nossa expedição retomemos aquela busca da passagem Noroeste que o Capitão Cook não conseguia encontrar - pela simpes razão de que ela não existe. Os nossos antecessores lá tinham as suas razões para não fazer das perguntas assunto para um drama; porque, a ser um assunto, ele é feito de tantas formas, dispersas em tantas direcções, que talvez não seja possível encontrar uma forma que o atravesse do princípio ao fim e conduza a um objectivo. Mas a nossa partida não pode ser assim tão impossível e sem sentido, senão eu não sentia este desejo todo. Do perguntar faz parte o andar: andar perguntando, lá fora, ao ar livre. A ideia que tenho desta nossa viagem-das-perguntas é a de um deambular das geraáões pelo ar rarefeito de um planalto, connosco de novo no papel dos antigos actores ambulantes, as nossas perguntas como um curso de água correndo em ritmo certo, sem baixios. Luz e ar, ajudem-nos então! E tu, papel que tanto desejei no drama-das-perguntas, ganha corpo em mim! Espírito da pergunta, concede-nos, a nós, hoje, que joguemos contigo este jogo da busca, que bem falta nos faz! Mas não como antigamente fazias com os servidores do teu oráculo: não queremos que respondas às nossas perguntas no teu lugar tradicional, mas apenas que nos ajudes de tal modo que cada um se pergunte o que representam afinal, hoje, as suas perguntas. E agora, mulher, pergunta. E vai mais devagar, que agora começamos a subir o monte. E faz perguntas mais curtas do que até agora, que isso também vai melhor com a subida. E começa sem escrúpulos, como as crianças pequenas, os bêbados e os idiotas. E quando não souberes como continuar, salta para outra, ou faz como o nosso coelho além no horizonte.

(*Todos os outros, à excepção de PARSIFAL, se levantam. O CASAL VELHO arruma as cadeiras articuladas no malão, muito cuidadosamente, como que para não perturbar o começo do jogo*.)

ACTRIZ
O que é que pensaste quando me viste pela primeira vez?

ACTOR
Tenho finalmente à minha frente aquela cuja imagem desde sempre trazia dentro de mim: a mulher certa.

ACTRIZ
E como é que soubeste isso?

ACTOR
Nas outras pessoas vejo logo aquilo que me desagrada. Em ti, porém, nada me saltava à vista. Só quando me admirei com isso te olhei mais de perto e constatei, com espanto, que tu eras de uma beleza perfeita.

ACTRIZ
E depois?

ACTOR
Depois aconteceram três coisas, todas ao mesmo tempo: senti um impulso para me dirigir a ti, te agarrar, te levar comigo e contigo deixar um rasto de sangue e esperma por todo o continente, até ao fim dos tempos; e ao mesmo tempo desejava que tu quisesses abandonar-me imediatamente e para sempre, para eu poder ficar só com a tua imagem; e a terceira coisa era o desejo que eu próprio sentia de desaparecer ali mesmo, de me pôr a correr pelas colinas, de fugir de ti ao encontro do perigo, em busca, não propriamente do Graal ou do Velo de Ouro, mas de alguma coisa de valor igual, de ficar anos a fio ausente em terras estranhas, e só depois de mudar o suficiente para te merecer me unir então a ti num terceiro lugar, como se a felicidade só fosse alcançável por caminhos ínvios como estes. - Mas pergunta, pergunta.

ACTRIZ
Imaginaste uma união comigo?

ACTOR
Não precisei de a imaginar, ela **aconteceu**, naquele mesmo instante, ardentemente. Mas ao mesmo tempo percebi, para aumentar o meu prazer, que te seria sempre fiel e nunca

me iria cansar do teu corpo. A forma arredondada das tuas nádegas continuaria a renascer sob o meu olhar, a minha mão, ao chegar à tua anca, saberia para sempre que estava em casa. E vi mais: ei-la, finalmente, a conhecida desconhecida dos meus sonhos que nada faz senão estar aí, envolvendo-me no seu amor todo corpo. E vi também logo que o nosso prazer agradaria a Deus - nada agradaria mais a Deus que o nosso prazer -, que a Deus agradariam até as nossas obscenidades: o deus ou a deusa responsáveis acabariam por despertar dos mortos e juntar-se a nós. E soube ainda, no meio de todas estas imagens, cheio de perguntas e dominado pelos seus ritmos, que jamais te faria uma pergunta como "Amas-me?" ou "Em que pensas neste momento?"

ACTRIZ
(*Dando um passo atrás*:) E agora?

ACTOR
(*Dando igualmente um passo atrás*:) Tenho a impressão de que nós temos roupas tão leves que, sem sequer nos tocarmos, podíamos fundir-nos um no outro, assim, sem mais.

ACTRIZ
(*Um passo atrás*:) Diante de todos, aqui?

ACTOR
(*Um passo atrás*:) Eles nem dão por isso, porque seremos transparentes para eles. E se virem não acreditam, porque nunca viram uma coisa assim. Aos olhos deles, o perdermo-nos um no outro será uma dança num mínimo de espaço.

ACTRIZ
(*Um passo atrás*:) E depois?

ACTOR
(*Um passo atrás*:) Tomarão por extremo desprezo o que no teu rosto é expressão de uma entrega total.

ACTRIZ
E depois?

ACTOR

Juntos, veremos em nós uma imagem que se tornará maior e mais colorida com o ritmo da nossa respiração.

ACTRIZ
E depois?

ACTOR
Tu não terás gritado, ficarás tão maravilhosamente em silêncio que eu não terei sido um mero apêndice do teu prazer, e os espectadores não terão acreditado só em ti.

ACTRIZ
E depois?

ACTOR
Tal como por vezes vemos **subitamente** agitar-se a folhagem de uma árvore, embora ela se agite já há muito tempo, assim também tu, que todo este tempo mais não fazes que olhar-me, nos olharás **subitamente**.

ACTRIZ
E depois?

ACTOR
Teremos os olhos fechados diante deles, como numa meditação a dois, ou na dor que nos une por uma mesma perda.

ACTRIZ
(*Depois de um momento de silêncio, dirigindo-se a PARSIFAL, ainda acocorado*:) Estando entre aquele ali e mim quase tudo dito antes mesmo de ser feito o que quer que seja, será que pode acontecer entre nós alguma coisa que se torne corpo?

PARSIFAL
(*Acorda assustado e põe-se à escuta, como uma criança que desperta*.)

ACTRIZ
(*Corre até ele e acocora-se, falando-lhe ao ouvido*:) Quanto tempo terá ainda de passar até que as imagens que aquele estranho cavaleiro lançou no mundo a partir dos seus sonhos possam ser traduzidas em vida pelos nossos corpos adultos de hoje, insensíveis de tanta repetição, incapazes de presente no meio de tantas recordações?

PARSIFAL
(*Foi ouvindo a pergunta, abanando a cabeça, e agora bate no chão, marcando-lhe o ritmo*.)

ACTRIZ
Ah, já me esquecia! Perguntas curtas! - Quanto tempo? Que espécie de tempo? O que se conta por dias de viagem, por clareiras e pelos olhos de fogo dos animais selvagens, o tempo dos contos de fadas?

PARSIFAL
(*Acena ao mesmo tempo que sim e que não com a cabeça*.)

ACTOR
(*De longe*:) Perguntas que tenham resposta!

ACRIZ
(*Depois de uma longa pausa, para PARSIFAL*:) Quem te expulsou de casa?

PARSIFAL *fica hirto*.

ACTRIZ
(*Depois de uma longa pausa*:) Abandonaram-te como a um cão na auto-estrada antes das férias de Verão?

PARSIFAL *afasta-se da Actriz que pergunta, rastejando*.

ACTRIZ
(*Para acalmá-lo, faz-lhe o seu gesto: mão direita sobre o ombro esquerdo*:) Tens medo de mim?

PARSIFAL *esbraceja, como se quisesse afugentar um insecto*.

ACTRIZ
Ah, já me esquecia! Saltar para outra pergunta! - Quais são as tuas cores?

PARSIFAL *bate na face*.

ACTRIZ
Andas sempre descalço, ou roubaram-te os sapatos?

PARSIFAL *enrola-se sobre si próprio e bate com a testa no chão*.

ACTRIZ
(*Afasta-se*:) Já vi que não sei fazer perguntas. É verdade que um dos professores uma vez me apontou a todos como exemplo, porque eu era a única que não aceitava nada como definitivo e queria saber sempre o porquê das coisas. Mas esse era um outro modo de fazer perguntas. Será que a minha actual incapacidade de fazer perguntas tem a ver com o facto de eu nunca conseguir consolar ninguém? De nunca encontrar a palavra de consolo certa? Tenho então de passar a outro o papel de fazer as perguntas e, por agora, continuar a andar por estas colinas em silêncio? Na minha terra diz-se: "Fica onde estás e cala o bico!"
(*Afasta-se um pouco mais para um dos lados*.)

O DESMANCHA-PRAZERES
(*Dirige-se a PARSIFAL*:) Toda a gente sabe com que pergunta se acalmam crianças e idiotas que se perderam e estão fora de si, cheios de medo, para eles ao menos nos ouvirem. (*Pousa a mão na cabeça de PARSIFAL, e este encolhe-se ainda mais*:) Como te chamas?

PARSIFAL *senta-se de um salto e arreganha-lhe os dentes*.

DESMANCHA-PRAZERES
(*Voltando-se novamente para os outros*:) Sei muito bem, de longa experiência, o que se deve perguntar a alguém que não está propriamente de bem connosco. - A tua mãe ainda vive?

PARSIFAL *põe-se de pé de um salto e agarra-o pelo casacão*.

DESMANCHA-PRAZERES
(*Tentando ainda a sua sorte junto dos outros*:) Desde os meus anos de criança fugitiva que sei como acalmar os perseguidos, ou pelo menos como deixá-los perplexos: perguntando-lhes de que terra são - não a grande, a pátria não, mas a pequena, a mais pequena das terras: a aldeia, o bairro, a rua. (*Para PARSIFAL*:) Onde é que nasceste, exactamente?

PARSIFAL *fica perplexo, mas não o larga*.

DESMANCHA-PRAZERES

Para qual dos pontos cardeais estava voltado o teu quarto? O Sol entrava logo pela manhã, ou só à tarde?

PARSIFAL *continua a agarrar o outro pelos colarinhos; vê-se que tenta recordar-se, calado.*

DESMANCHA-PRAZERES
Qual era o lugar da casa em que gostavas mais de estar? Onde é que conseguias estar mais contigo? Qual era o canto em que não tinhas de ter medo?

PARSIFAL *sorri de súbito, depois de uma pausa, volta a sorrir várias vezes, e por fim respira fundo, deixando cair a mão do pescoço do outro*.

DESMANCHA-PRAZERES
Quando olhavas pela janela, o que é que vias?

PARSIFAL *vai mergulhando pouco a pouco nas suas imagens e acompanha-as com sinais dos dedos, como se de uma escrita se tratasse*.

DESMANCHA-PRAZERES
Quando estavas sentado no teu canto, o que é que ouvias daí? Qual era o som de fundo?

PARSIFAL *começa, ao fim de algum tempo, a emitir uma zoada com os lábios fechados, num tom que, sempre à mesma altura, se torna sonoro à medida que cresce, até encher o espaço e se interromper, altura em que Parsifal se deixa cair, sem apoio de braços, e fica imóvel no chão*.

DESMANCHA-PRAZERES
(*Para os restantes*:) Viram? Perguntas certas umas atrás das outras. - E agora, para acabar a minha cura em regime de quente-frio, só tenho de encontrar as perguntas cem por cento erradas, para que o rapaz solitário, pelo choque, perceba as regras do jogo, deixe a sua ilha de degredo e venha jogar connosco. (*Para PARSIFAL, curvado*:) Menino Parsifal, lá no sítio de onde vens, onde é que passava a linha para lá da qual o ar da tua terra desaparecia de um momento para o outro, a luz da tua terra escurecia e tu te sentias arrancado ao teu cantinho colorido, caído num mundo desbotado e confuso?

PARSIFAL *levanta a cabeça sem se levantar, como que para imaginar uma tal linha, depois vira-se de repente e afasta de si o Desmancha-Prazeres a pontapé.*

DESMANCHA-PRAZERES

Menino Parsifal, a quem atribuis a culpa pela tua ferida incurável?

PARSIFAL *bate de um golpe, provocando um som pesado, com um pedaço de corrente de ferro no chão e levanta-se depois lentamente*.

DESMANCHA-PRAZERES
(*Põe-se à distância para escapar às correntes e diz, depois de uma pausa*:) Parsifal, meu filho, o que é que te falta?

PARSIFAL, *segurando firmemente a corrente, avança lentamente para o outro, que continua a recuar, exibindo todo o seu repertório de variantes de fuga*.

DESMANCHA-PRAZERES
(*Parando a cada uma das tentativas de fuga, e dirigindo-se ao círculo dos restantes*:) Não se assustem, que a situação está sob controle! (*Mas logo a seguir, encurralado, refugia-se entre os outros, que o envolvem e protegem*.)

PARSIFAL *vai andando, com passo vacilante e um ar completamente desvairado, brandindo a corrente em direcção ao grupo, que vai recuando por todo o palco*.

OBSERVADOR
(*Põe-se à frente dele e aponta com o braáo numa certa direcáão*:) Estás a ver aquele pardal além, a baloiçar numa folha de erva? E agora ali, em cima do pára-raios?

PARSIFAL *olha*.

OBSERVADOR
(*Com um ar dominador, para os outros*.) Em minha opinião, neste caso muito especial há que evitar sobretudo as chamadas "Perguntas com Q". Porque nisso Parsifal é uma criança marcada. Não se lhe podem fazer perguntas que comecem com "Quem" ou "O Quê", com "Quando" ou "Que lugar", e muito menos "Como" e "PorQuê". E têm de ser perguntas a que se possa responder com Sim ou Não.

PARSIFAL *brande a corrente e por pouco não o apanha*.

OBSERVADOR
(*Depois de se safar com um salto, continua imediatamente com as perguntas, mas sem tom de interrogatório*:) Ali, atrás do dique, estás a ver os postes de electricidade. Estás a ver como começam a oscilar quando olhamos para eles. Estás a ver que são mastros de barcos. De metal. Ouves o tinir dos cabos no metal. E não ouves mais nada, nem uma

vela solta a bater ao vento. De uma ponta à outra da baía não ouves nada, a não ser a cantilena dos cabos de aço sem velas, batendo nos mastros de milhares de barcos ancorados uns ao lado dos outros, casco contra casco.

PARSIFAL *acalmou a sua fúria e escuta*.

OBSERVADOR
(*Novamente com ar dominador, para os outros*:) Como se está a ver, quando lhe fazemos perguntas temos de evitar toda e qualquer entoação interrogativa. Depois, parece que ficou nele ainda alguma coisa daqueles povos primitivos que fazem perguntas como nós, mas não conhecem o nosso tom interrogativo, e para os quais a subida de voz no fim das nossas frases interrogativas já revela o que há de insolente e irritante naquela raça de senhores tristemente célebre em todo o mundo só pelas vozes inquisidoras dos seus filhos. (*Volta a aproximar-se de PARSIFAL, que continua à escuta*:) Bonita, a cantilena, não é?! É sinal de Verão e liberdade, não é?! Liberdade fora das quatro paredes, do tecto sobre a cabeça, das vozes dos vizinhos atrás da cerca, dos ruídos dos proprietários, liberdade de não se ser nem alemão, nem dinamarquês, nem turco nem espanhol, é isso! Já não sentes saudades, é isso! Sentes o desejo de existir debaixo deste céu mais livre, de fazer connosco esta jornada, ao som deste tilintar, até à morte distante, não é?!

DESMANCHA-PRAZERES
(*Saindo do círculo protector dos outros*:) E até as gotas de sangue pelo caminho tu tomas por sinais desta jornada em liberdade - aconteceu a abrir latas de conservas, não é?!

PARSIFAL *toma balanço e bate com a corrente nos pés do OBSERVADOR, que estão protegidos por polainas de viagem*.

OBSERVADOR
(*Recua, não para fugir, mas para assim ter PARSIFAL melhor debaixo de olho; aquele fica parado como se fosse cego, olhando alternadamente por cima do ombro e para diante*:) Em minha opinião, eu também sou culpado deste ataque. Provavelmente nós já interiorizámos o tom interrogativo e não conseguimos libertar-nos dele; provavelmente até já está estampado nos nossos corpos, contra a nossa própria vontade. Talvez seja melhor vocês, Velhos, continuarem com as perguntas. Talvez vocês ainda tenham algum parentesco com este primitivo. De qualquer modo, ele parece vir, como vocês, da região dos "Saudosos da terrinha". Em minha opinião só vocês, Velhos, serão capazes de mostrar a este homem das cavernas o que há de bom nestas perguntas, que ao longo da jornada farão também dele um dos nossos.

DESMANCHA-PRAZERES
E quem é que disse que é por causa das saudades da terra? Pode muito bem ser que ele simplesmente não suporte ser interrogado, seja em que forma for.

OBSERVADOR
Mas agora já não podemos parar com as perguntas. O jogo tem de continuar.

DESMANCHA-PRAZERES
E porquê?

OBSERVADOR
Porque entrámos nas perguntas, e sem perguntar nunca mais saimos delas.

DESMANCHA-PRAZERES
Mas com perguntas saimos?

OBSERVADOR
Com perguntas de vez em quando, sim. E fazendo perguntas continuamos no jogo. E temos as rédeas do jogo na mão. Literalmente à rédea solta, sempre prontos para saltar para a próxima pergunta, num sentido completamente diferente. E apesar disso seguindo regras. Que temos de descobrir, jogando o jogo. Continuando sempre a perguntar. Para podermos, pelo menos de vez em quando, simplesmente estar aí e descansar num vácuo de perguntas. (*Dá lugar ao CASAL VELHO.*)

O CASAL VELHO
(*Cantarolando, em alternância*:) Nunca cantei por iniciativa própria, até que a morte de um vizinho me levou a cantar. - Nunca cantei por iniciativa própria, até que a náusea da vida me levou a cantar. - Meti-me pelos campos à volta do moribundo, e de repente comecei a cantar. - Eu fiquei na cozinha, muda, com a minha náusea da vida, e de repente comecei a cantar. - Afastei-me cada vez mais do moribundo na sua própria luz e cantei um canto de triunfo sobre os campos ceifados. - Na luta contra a minha náusea pus-me a dançar pela casa fora cantarolando, e todos se espantaram com a minha súbita alegria. - Eu cantava sem palavras, e a pouco e pouco o canto degenerou em berros e eu pus-me a bater com os pés no chão e a luz do moribundo iluminava-me os mais escusos cantos das cabanas nos campos. - Só os animais domésticos se esconderam ao ouvir a minha cantilena sem fim, e os pássaros ficaram calados nas árvores, e na rua as crianças, em vez de me saudarem, desviavam-se do meu caminho. - Continuei a fugir do moribundo até para lá da terceira aldeia, seguindo em ziguezague pelos caminhos, aos gritos na sua luz, deitei fora aos berros o meu canto de morte por cima do espelho de um

lago de águas negras, lancei-o para dentro de um bosque claro como espelho, e quando finalmente me encontrei na terra vazia, em silêncio atrás do espelho, senti por momentos, aqui na cabeça, o correr do ar de Emaús, mas ao regressar, à noitinha, continuava a ouvir-se na casa do vizinho aquela respiração ofegante, lá dentro continuavam em luta com a morte os cabelos revoltos de um homem, não estavam ainda penteados, adornando um mero corpo sem alma. - E eu, quando finalmente cantarolei da alma para fora aquela náusea da vida, vi que em casa me esperava, em vez daquela tralha que nunca se dá por limpa, de uma vez por todas a ordem dos utensílios na hora do descanso, a porta apareceu-me de novo engrinaldada, o amor atravessou uma vez mais comigo ao colo a soleira da casa, e à minha frente, sob a forma de um prato, amável, estava o mundo. (*Pausa*.)

PARSIFAL
(*A princípio titubeando e gaguejando, passa depois a falar claramente*:) Pai nosso que estás no céu - Cão de guarda: dobermann - O tal do gostinho especial - Nem uma agulha bulia - Só durante a semana - Não gosto de estar no lugar de onde venho - Uma palavra tua, e a minha alma será salva - Longe, tão longe da terra onde nasci - Peões: utilizar a passagem subterrânea - Foi o dia mais lindo da minha vida - Ouvi agora, senhores - A e B / muito animados,/ no meio do trevo / estão sentados - À noite o ouvido ouve acordes de sonatas - Como é alegre a vida dos ciganos - As escaldantes areias do deserto - Para eliminar o equivalente a um grama de uma substância preciso de 96.500 quilocalorias - Tudo peganhento - Como na hora da nossa morte - De onde ninguém nunca mais regressa - Se apesar de tudo ainda rimos - Quando a miséria chega ao máximo - Enquanto a barriga couber no colete - Noites tropicais - Non è possibile - Et moi et moi et moi - Viajar educa - Dober dan - E = mc2 - Nós ficamos à porta - Tomou o pão e partiu-o - Onde encontrei a minha amada - Phalatrsnawayragya - Vem aí o lobo mau - Próxima estação: Hakubutsukandobutsuen - Toisin autoisin potamoisin epibainusin hetera kai hetera hydata epirrhei - Somewhere I lost connection - Miserere nobis - Ah, pudesse eu nunca mais ficar sozinho! (*A fala de Parsifal dá a impressão de ser uma contínua tentativa de sacudir tudo isto de cima de si. Mas quanto mais ele procura libertar-se, mais falas dessas se seguem. Mesmo agora, que se calou, vê-se que dentro dele algo continua a falar. Parecendo ainda cego, acaba por bater na cabeça, primeiro com o punho, depois com a corrente de prender o cão.*)

A ACTRIZ
(*Pendura na árvore um espelho, destinado a Parsifal, que corre como louco à volta do pinheiro.*)

PARSIFAL *pára, apanha uma imagem reflectida, observa-se longamente ao espelho ou então olha-se a si próprio nos olhos. E assim olha também à sua volta e suspira, um longo suspiro de alívio, feito, dir-se-ia, com arte*.

DESMANCHA-PRAZERES
(*Interrompendo-o*:) Abre a boca, fecha os olhos. Todos os olhos postos em ti. Leves, imploram meus cantos. Deixa-me olhar-te nos olhos. Este retrato é de uma beleza deslumbrante. À noitinha, debaixo de um chapéu de chuva. Não olhes para trás. Mais luz. Liberta-te, meu amigo! Dá-me a tua mão, minha vida! Trevas egípcias. Gnothi seauton. Olio extra vergine d'oliva. Última bomba de gasolina antes da auto-estrada. Ecológico. Nobre seja o homem. Perestroika! Verde-mar...

PARSIFAL, *que a princípio recuara e ficara parado de braços caídos, como que tentando por vezes desviar-se daquelas falas com a cabeça, começa por fim a andar, dirigindo-se passo a passo para o grupinho dos outros, muito lentamente, a ponta da corrente a arrastar pelo chão*.

DESMANCHA-PRAZERES
(*Grita-lhe, do meio do grupo*:) Vamos lá, acalma-te. Eu não posso deixar morrer o jogo. Nesta nossa jornada não há curas milagrosas. Aqui não há soluções fáceis, de opereta ou com truques de espelhos. Nós temos de manter o mais possível as nossas feridas abertas. Este falar dentro de ti e de mim mais não é que a doença das perguntas. Hoje em dia, os nossos centros da faculdade de perguntar estão doentes. Deslocaram-se para a cabeça. Já não são capazes de formular a pergunta certa. Por isso irrompem da nossa cabeça sob a forma deste martírio da desconversa. Que sufoca qualquer pergunta. Que consome os corações. Que há-de acabar connosco se nós, em vez de desviar as atenções da ferida, não tentarmos ir ao fundo dela. Se não continuarmos a investigar com zelo e raiva a nossa doença das perguntas. Porque ela há-de ter uma causa. Porque dos inúmeros acasos que nos regem tem de nascer de novo uma necessidade.

OBSERVADOR
(*Assume o papel do outro*:) O palácio das perguntas tem de ser reconstruído. As estátuas de pedra das perguntas têm de respirar e espetar as orelhas. A fantasia do acto de perguntar não pode ficar agrilhoada. O cerejal das perguntas não pode ser abatido.

PARSIFAL *continua a andar e começa a brandir a corrente*.

O ACTOR *avança, tira os óculos de sol e procura o olhar de Parsifal*.

PARSIFAL *toma balanço com a corrente*.

O ACTOR, *depois de dar um passo atrás dele, torce-lhe o pulso, fazendo cair a corrente e logo a seguir o próprio Parsifal*.

O VELHO *acorre rapidamente e amarra com perícia o jovem que está deitado de barriga para baixo*.

O ACTOR *vira as costas, atira os óculos de sol para o chão e cobre os olhos com o braço*.

A ACTRIZ *junta-se a ele, mantendo uma certa distância*.

DESMANCHA-PRAZERES
(*Falando para o grupo e apontando para o Actor*:) A rebelião que este imaginou deve ter sido outra.

O ACTOR *lança-lhe um olhar como se ele fosse um inimigo*.

O DESMANCHA-PRAZERES *aguenta o desafio*.

O OBSERVADOR, *para aliviar, faz que está a olhar o horizonte*.

O CASAL VELHO, *por seu lado, apanha os óculos do Actor e estende-lhos num gesto conciliador, fazendo o mesmo com o espelho para a Actriz: rejeição por parte de ambos*.

PARSIFAL c*omeça a dar voltas batendo com os pés no chão*.

O-DA-TERRA *entra em cena. A pena no chapéu e o bordão dão-lhe um aspecto de caçador, ainda mais porque traz o bordão ao ombro, como uma espingarda. No outro braço traz uma pequena bétula enraizada numa caixa com terra. Parece não dar pelo grupo e enquanto anda vai falando com a sua árvore*.

O-DA-TERRA
Cá estamos. Aqui estamos em casa. Vais-te dar bem comigo. Chegámos mesmo ao interior. Atrás das dunas, por um lado, atrás da floresta, por outro lado. Nem exposição a ventos que não te deixam crescer, nem animais selvagens que te mordam toda. Como vês, não há razão para teres medo, bétula. Quando muito, arranco-te de vez em quando um bocado de casca supérflua e escrevo nas tuas linhas as respostas às cartas dos meus filhos emigrados. E assim faço-te companhia. (*Coloca a bétula junto do pinheiro, girando com ela de modo a que um ramo de uma das árvores se misture com o da*

outra:) O teu verde-luz contra o verde-treva dele, as aparas magnéticas dele entrelaçadas com as tuas folhas-coração, as tuas cápsulas esfregando-se nas pinhas dele, ele a empinar-se e tu a estremeceres, o teu resfolhar de mil saias alternando com o sopro monótono dele. (*Anda à volta do par de árvores, observando-as. Subitamente surge de trás das árvores na máscara de um proprietário de terras, aponta com o bordão para o céu, como se quisesse abater pássaros, dirige-se a passos largos ao grupo, deixando ver e ouvir, tilintando à cintura, um enorme molho de chaves, e prepara-se para realizar uma série de acções: bate nas solas dos pés de PARSIFAL, que está deitado, ameaça o seguinte com o bordão, fazendo-o recuar, confisca aos dois Velhos os objectos que têm na mão e parece querer correr à força com os outros das suas terras*.)

PARSIFAL *levanta a cabeça do chão e olha para ele, como que tranquilizado com o espectáculo de alguém que se comporta de forma ainda mais destrambelhada do que ele.*

O-DA-TERRA
(*Interrompe com um sorriso a cena que acaba de fazer, abrindo a mão que tinha fechada e oferecendo a cada um, em sinal de hospitalidade, uma baga; devolve também aos Velhos as coisas confiscadas e tira o chapéu com uma vénia - deixando ver uma ligadura na testa*:) Sou cá da terra. Mas não pensem que acho que sou mais por isso. Não fico especado a olhar para cada forasteiro que chega, ameaçando: Ai de ti se não saúdas primeiro! Não espreito pela frincha dos cortinados, porque não tenho cortinados. Em minha casa não há tabuletas por causa do cão que morde, que eu não sou um desses donos que dizem "Cuidado com o cão!". Nem casa tenho, só um jardim lá atrás no mato, e uma cabana com a porta tão baixa que cada vez que entro dou uma cabeçada. Talvez não pareça, mas eu próprio sou um estranho aqui. Embora goste muito de dar informações, não se me pode perguntar nada, porque indico sempre o caminho errado. Quantas vezes não me escondi já nas moitas para fugir à ira daqueles que enganava, quando, já tarde de mais, descobri que a informação estava errada. A minha mulher deixou-me, porque ao que parece tenho um olhar estranhíssimo. A minha filha emigrou, o meu filho foi para a Legião Estrangeira. Sou cá da terra, e sempre em desassossego. Não aguento aquilo lá em casa e ando por aí sem destino, e nunca encontro o sítio certo, volto a casa e é certo e sabido que me engano no caminho quando chego ao cruzamento. Os outros chamam-me "o atlas ambulante". Tudo porque, era eu ainda quase uma criança, me meteram num reformatório para lá daqueles montes, não, daqueles, ou são aqueles? Fiquei lá cinco anos, dois meses e três dias por ter morto o meu pai. Rachei-lhe a cabeça com a enxada, quando estava a dormir. Ainda hoje, quando leio histórias destas no jornal, volto a tomar balanço em pensamento e digo: "Bem feito!" Quando regressei da prisão já não tinha pálpebras. E até hoje não voltaram a crescer. Venham cá ver. Para esconder isto, quando encontro alguém viro a cabeça para o lado e olho para outro sítio.

Por isso me chamam também "O homem que vê os comboios passar" ou "O papão". Só diante de estranhos me descem às vezes pálpebras, pesadas e macias, sobre os olhos a arder. Quando vos vi, lá de longe, fiquei com medo de que fosse gente cá da terra, e ia já a dar meia volta, como para fugir a uma espera de cães num caminho. Mas depois vi que era, como é que hei-de dizer?, um grupinho decente de forasteiros. E como é que eu soube que eram forasteiros? Pelo tom sereno das vossas vozes. Os daqui, ou berram ou cochicham. Quando é que chegou cá esta mania de cochichar? Louvado seja Deus!, pensei, são forasteiros. Quantas vezes não me acalmei já ao encontrar-vos! Acabar com a errância, com as cabeçadas na travessa da porta, com o mandar alguém para o Sul dizendo que é o Norte! Horizonte de olhos benignos, os vossos olhos, forasteiros, dilatados pelos prazeres da caminhada. Mesmo que não me vejam: é um cortejo de cores que falam. Basta-me essa linguagem - já não preciso de falar com animais e plantas. A minha mulher, se me visse agora, lembrava-se de que em tempos me amou. Vós, forasteiros, não me sois estranhos, conheço-vos a todos. (*Voltando-se para o Velho*:) Tu és aquele de quem constantemente se diz que morreu, e de repente apareces à procura de uma bezerra tresmalhada. (*Para a Velha*:) Tu és aquela que compra duas bolas de gelado ao neto e se lambe toda com uma grande taça de frutas e chantilly. (*Para o Observador*:) Tu és aquele que tem sempre tanta pressa em comunicar aos outros os seus entusiasmos, que mesmo calado já os revelou, e depois não encontra o momento certo para o fazer. (*Para o Desmancha-Prazeres*:) Tu és um desses que sempre que pode diz as coisas na cara dos outros, e na sua ausência os enaltece quanto pode. (*Para o Actor*:) Tu és aquele que sempre quis ficar invisível por artes mágicas e que depois, quando alguém depara com ele, é logo transformado em amigo ou inimigo. (*Para a Actriz*:) Tu és aquela sobre quem eu não posso dizer nada, a não ser talvez que não és nenhuma dessas que revelam a sua profissão só pelo tom de voz ou pela maneira de pôr as mãos nas ancas. (*Inclina-se para Parsifal*:) Só dele é que não posso dizer nada. Ou talvez possa: do remoinho que tem no cabelo. O meu filho, que foi para a Legião Estrangeira, já não tem esse remoinho, o barbeiro do quartel rapou-lho. Aliás, o orgulho dos barbeiros cá da terra é também arrasar e tapar esses torvelinhos. Só às vezes é que eu vejo ainda brilhar esses escuros corações do mundo, por exemplo quando passa a carrinha de uma escola, de preferência na passagem da estrada para a ponte, quando por um momento a carrinha se enche de um saltitar de remoinhos. Estes remoinhos deviam ser o princípio de uma nova ciência do homem. Barbeiros, que fizestes com os nossos remoinhos, as nossas últimas penas de índio, esses barretinhos de judeu que nasceram connosco? (*Liberta Parsifal da corrente, ajuda-o a levantar-se e leva-o para um lugar ao fundo do palco onde este dá para o vazio. Aí bate com os pés no chão: um ribombar metálico, como de uma báscula, acompanhado da típica oscilação. PARSIFAL, que ficou só aí, baloiça visivelmente para cá e para lá no lugar onde se encontra. O-DA-TERRA, que fica perto dele, pede com um gesto aos outros que fiquem calados: ouve-se uma funda vibração e um som como de carris sobre os quais um comboio se aproxima. Sem que se veja, o comboio passa depois*

com estrépito, fazendo esvoaçar para dentro do palco farrapos de papel e jornais, enquanto o eco sonoro ainda ressoa. Como que esperando que aquilo tenha continuação, PARSIFAL bate com os pés em cima da báscula, procurando O-da-Terra à sua volta com o olhar.)

O-DA-TERRA
Fica calmo, rapaz. O próximo comboio vem dali, está quase a passar.

PARSIFAL *começa imediatamente a caminhar na direcção que o outro indicou, convidando os outros a segui-lo com um aceno de cabeça. Com ar impaciente, espera que eles se juntem. Eles acedem prazenteiramente, mas também com um certo ar de superioridade. A VELHA solta o lenço da cabeça e ata-o à cabeça da ACTRIZ jovem, que por sua vez a alivia da mala; o VELHO enfia o seu chapéu na cabeça de PARSIFAL e põe os óculos de sol do ACTOR. PARSIFAL e ele próprio, com a mão no ombro do rapazinho, vão à cabeça do cortejo que agora, respondendo ao som monótono, gravíssimo e prolongado de uma gaita de beiços gigante que O-DA-TERRA foi desencantar no bolso do gibão, se põe em movimento compassadamente. O ACTOR e o OBSERVADOR levam o malão, um segurando na pega da frente, o outro na de trás. O único que ainda hesita E o DESMANCHA-PRAZERES.*

OBSERVADOR
(*Olhando para a frente e depois para trás, para o DESMANCHA-PRAZERES, e desenhando com um movimento do braço inteiro aquilo que vê no horizonte:*) Olha ali, atrás do bosque, o reflexo da luz. E mais além, para lá da colina, o céu abobadado de fresco: azul, azul e mais azul! E lá mais ao longe, atrás da abertura do desfiladeiro, o vento que se levanta, vindo da Terra das Perguntas. E mais além, para lá do rio, o cone de terras de aluvião com a mancha escura - E um bosque de carvalhos que vai ressoar quando nós lá chegarmos, como o oráculo distante, no coração da Grécia. E assim nos aproximamos lentamente do silêncio. Sem o silêncio de lá, não há imagem. E sem imagem não há perguntas. Levanta-te, estranho amigo, que vamos precisar de ti nos caminhos mais ínvios do interior! Coração ao alto! (*Tira do anorak um livro e là em voz alta, à medida que vai andando*:) "No décimo segundo dia depois da quinta lua partimos de Misushima para Hiraizuma, passando por lugares que conhecíamos da poesia, tais como Anehano-Matsu e Odae-bashi, mas o caminho parecia pouco pisado, a não ser por caçadores e lenhadores. Como não sabíamos onde estávamos, perdemo-nos e fomos dar a uma cidade portuária chamada Ishi-no-Maki..."

DESMANCHA-PRAZERES

(*Hesitante, tomando finalmente o carreiro invisível pelo qual os outros vão subindo lentamente em diagonal*:) E assim que passarmos a floresta o reflexo da luz clara será um cinzento sujo. E o céu atrás da colina será baixo como um cano de esgoto. E o vento das perguntas para lá do desfiladeiro dará em calmaria assim que chegarmos. Em vez dele teremos cães, vespões e cobras. E por trás do banco de areia do rio os caterpillars não vão parar dia e noite a tirar cascalho. Tapem os ouvidos! Aliás, eu já não teria ouvidos para oráculo nenhum, por mais sonoro que fosse! (*Olha à sua volta com o seu olhar de fugitivo, e depois põe os olhos no chão*:) Nada de olhar para longe! Olhos na biqueira dos sapatos! Curioso! No fundo eu até estou contente! É, sinto a alegria de estar a caminho. Mas não há razão nenhuma para nos alegrarmos, ou há? O eu estar tão alegre agora não será um sinal de que daqui a pouco vou partir um pé ou que um caçador me prega uma chumbada? Alegria! O que isso quer dizer é que não tardam aí as notícias funestas! - E cá está já aquela pontada no coração: E o castigo por ter dado largas à minha sensação de bem-estar. Lá se foi a alegria. E olha-me só para este desgraçado! Está na cara que foi um erro eu ter-me alegrado. Coisa estranha: quando não me falta nada é que me falta qualquer coisa! (*Desaparecem todos, ao som do último acorde da gaita de beiços, na parte final do caminho, curvados sob o pinheiro e a bétula, que os despenteiam todos com os ramos. De repente, PARSIFAL pega no VELHO às cavalitas*.)

O-DA-TERRA
(*Seguindo-os com o olhar*:) Antigamente sair de cena era morrer... - No fundo, não eram má companhia. As gerações todas juntas, velhos, meia idade, jovens, um quase criança. Um idiota, dois filhos de reis, um que tem no olhar incansável o seu melhor lado, um pessimista muito útil, um casal de aldeãos muito experientes a encontrar trilhos. - Mas basta um caminho mais incerto para se ver como são fracos, sem armadura - e por outro lado tão carregados, todos eles! Como baloiça a sua barca em mares desconhecidos! E como são mal recebidos hoje pelos seus semelhantes em toda a parte! Hoje em dia reconhece-se o homem das perguntas, o descobridor, por ser um fugitivo (*Aponta com o bastão na direcção dos que se foram:*) Queira Deus que eles - sem a renegar - percam a pesadez e ganhem a leveza. Que o que os espera se lhes torne mais leve e acima de tudo que se tornem mais leves para si próprios. Mais jogo, na sua viagem de descoberta! Jogo forte. Eles não estão agora na época do defeso? Pois que lhes continue a fazer bom proveito. Bel Pacific! Tempo de sobra! Para os confins do interior com eles! E que eles possam sempre descansar das suas perguntas. Não se pode estar sempre só a perguntar. (*Volta a põr o chapéu na cabeça, e dá-se nele uma transformação. O bastão volta a ser espingarda, o molho de chaves chocalha, através da racha do gibão vê-se brilhar atrás uma cartucheira. Com a voz mudada*:) Eles, **feridos** pelas perguntas - e eu, **morto** pelas perguntas. Desde aqueles cinco anos, dois meses e três dias no reformatório, morto pelas perguntas - e morto para as perguntas. (*Volta a rachar a cabeça ao pai com a enxada*:)

De mim não vão ouvir nem uma pergunta, ou então serão só perguntas fingidas. Eu só sei fazer perguntas inúteis. E odeio quem faz perguntas. Já não precisamos de gente que faça perguntas. Já não precisamos de sonhadores. (*Volta a transformar-se. Em pânico*:) Onde estou eu? Forasteiros, mostrem-me o caminho para casa. Ou será que vocês são apenas os do costume, os cá da terra? Se é assim, fora daqui! (*Pára para reflectir um momento*:) Velho poeta vagante! O teu "Sem tecto entre céu e terra / **Dois** viandantes", isso ainda faz sentido? Será que o solitário de hoje ainda anda por aí na companhia do seu deus? (*Sai de cena a correr, primeiro numa direcção, depois na outra, e por fim pode ainda ouvir-se o estrondo, quando ele vai contra qualquer coisa. À medida que o palco vai ficando escuro ouve-se ao longe o ladrar de cães e, sobrepondo-se-lhe, o grito monótono dos milhafres*.)

3.1

O palco deslocou-se para a posição seguinte da bússola, no sentido da terra interior. O par de árvores, desviado para a periferia, está aí agora em companhia de uma terceira árvore, digamos um zimbro ou um sabugueiro. A terra interior é assinalada pela posição deslocada das árvores, e ainda mais dos objectos ao fundo: a última, por assim dizer, de uma série de estacas de cerca, a parte de trás de um banco degradado pelo tempo, um pára-choques como no fim de uma via férrea, uma torre de controlo fronteiriáo abandonada. Luz de fim de Verão, como perto do círculo polar. Um grande céu cuja abóbada enquadra as coisas e lhes dá formas claras e delicadas. - Entram agora em cena na luz desta última terra de fronteira, caminhando pelas travessas da linha de caminho de ferro, o OBSERVADOR e o DESMANCHA-PRAZERES. São eles quem carrega agora o malão, que deixam junto das árvores. Para um deles faz, como sempre, muito calor, para o outro, como sempre, muito frio, e este logo se põe a inspeccionar o lugar, procurando os caminhos de fuga possíveis.

OBSERVADOR
(*Traçando com um gesto os contornos do sítio, e voltando depois o olhar para o outro, que procura saídas*:) Continuas a não te sentir seguro?

DESMANCHA-PRAZERES
Neste momento estou. Mas só a sensação de segurança faz-me logo ficar inseguro. Num instante, um daqueles apitos pode começar outra vez a assobiar. Os meus momentos de despreocupação foram sempre tão raros que me lembro de cada um deles. E essas recordações queimam como uma culpa. Uma vez fui pelos campos fora e senti-me num momento de despreocupação, não apenas bem, mas até benvindo naquela paisagem, mas não tardou nada e um enorme cão desatou a ladrar atrás de mim, e do outro lado vinha já outro. Bem feito!, pensei, e só a calma com que disse "Bem feito!" é que me salvou. - Não, este instinto para farejar saídas está-me na massa do sangue, é a minha maneira de ter presença de espírito.

OBSERVADOR
No meu caso, pelo contrário, os momentos de despreocupação funcionam como uma absolvição. Estar despreocupado para mim é poder existir: cair no chão com a folha que cai, depenicar com os pardais no saibro, verdejar com a erva verde, ser translúcido com a neve translúcida. É a oração da existància, viver simplesmente no ser, aqui, agora - enquanto houver paz. O meu "Bem feito!" é o contrário do teu: "Ainda nem olhei para um livro, e já a manhã diz: Bem feito! Não penso em nada a não ser na manhã, e o melro diz: Bem feito!" Despreocupado, enfio de passagem a cabeça num bebedouro ou piso,

descalço, uma bosta de vaca. Mas o pior dos males é para mim a preocupação. Relâmpago sombrio que me estrangula o coração. Um carcoma dentro de mim, a tirar-me a alegria - um verme cerebral. - E contigo, como é? Posso perguntar?

DESMANCHA-PRAZERES
Infelizmente, a mim podes perguntar tudo. Mas gostava tanto de ser aquele de quem todos dissessem: a ele não se lhe pode perguntar nada... (*Como num acesso de raiva*:) Ah, malditas preocupações! Envenenaram-me a vida. Tens aqui à tua frente o escravo das preocupações. Mal um dos meus familiares se ausenta, e logo a preocupação toma conta de mim, já não há nada a fazer. Sem cerimónias nenhumas, por assim dizer, abandono o terreno de jogo, deito abaixo as figuras, a meio do jogo, e sem qualquer perigo de xeque-mate, mando o meu rei às urtigas e desisto. Para mim, a preocupação encarnou naquela borboleta com as pintas negras nas asas que era sinal obrigatório de fim de jogo quando aparecia no meio das nossas brincadeiras de criança, e que por isso na minha terra se chamava "Desmancha-prazeres"... Maldita preocupação! É a úlcera dentro de mim, que não rebenta, mas continua a corroer-me desde o dia em que fui expulso do paraíso. Será que ainda lá estaria se o pai da nossa raça não tivesse respondido à primeira pergunta conhecida da história humana - Onde estás...? - da maneira que se sabe e, como o nosso companheiro de jornada, tivesse antes puxado da corrente do cão para começar a sua guerra contra as perguntas? A preocupação: um génio maligno. Muitas vezes desejo que venha uma guerra ou uma doença ou qualquer outra calamidade, para ficar de vez livre de preocupações. A doença da vida: a preocupação. Preocupação, o meu desassossego estéril. E também não há diferença entre preocupação falsa e verdadeira: ela mesma é falsa. Santo Desgosto, Senhor dos aflitos: afasta de mim a preocupação! - Mas onde é que se meteram os outros este tempo todo?

OBSERVADOR
Será que os dois velhos aguentam a caminhada?

DESMANCHA-PRAZERES
Só faltava eles irem-se abaixo e nós termos de voltar para trás a meio caminho!

OBSERVADOR
Resta saber se encontrávamos tão depressa outros para os substituir.

DESMANCHA-PRAZERES
E se o parzinho jovem não estará já com vontade de deixar esta terra interior do silêncio e com saudades de lugares certamente bem mais animados - e o silêncio ainda aumenta esse desejo -, lugares onde eles podem mostrar nas praças das grandes metrópoles como fazem um belo par.

OBSERVADOR
E os nossos filhos não andarão agora por esse deserto de Deus completamente abandonados, mudos de tanto desespero? (*Chamam em todas as direcções, cada vez mais alto. Ao fim de algum tempo, os gritos são-lhes devolvidos, como que de uma grande distância*.)

DESMANCHA-PRAZERES
E não será apenas o nosso eco?

OBSERVADOR
(*Para distrair*:) Olha, que beleza, ali ao fundo: a giesta amarela sobre a terra vermelha.

DESMANCHA-PRAZERES
É de certeza tojo. (*Sem olhar*:) O que é que vês mais?

OBSERVADOR
Ali ao fundo, as bolas de cardos a rolar ao vento num terreno deserto. E do outro lado os rolos de algas a rebolar sobre a areia da praia.

DESMANCHA-PRAZERES
Só vento e coisas secas e mortas. Não há sinal de vida em lado nenhum?

OBSERVADOR
O abeto além, esse está vivo!

DESMANCHA-PRAZERES
De certeza que só o plantaram para o ver morrer.

OBSERVADOR
Mas diz lá se não é bonito: aquelas árvores gémeas num jardim que costuma estar sempre vazio, os troncos à distância certa para depois não taparem a vista do horizonte ao fundo.

DESMANCHA-PRAZERES
Que mania a tua de transfigurar tudo! A distância está certa, está, mas é para daqui a uns tempos pendurarem uma rede. E tu a dar-lhe com a natureza! Não vês um ser vivo em lado nenhum, coisas que corram, saltem, dancem?

OBSERVADOR

Ali na praia há dois cães a brincar. E se eles sabem brincar, os cães! Olha só, é mesmo uma beleza! Aí tens a tua dança. Andam à roda e vão avançando sempre, dão a volta ao mundo. Olha agora um a pôr a pata na cabeça do outro, e agora os dois a par, na luz leitosa da rebentação, dançando de rocha para rocha. Não são mesmo a imagem viva da alegria de viver neste mundo?

DESMANCHA-PRAZERES
Só vejo seres acossados. Dois vagabundos. Corridos a pontapé de todo o lado. Destruídos de tanta solidão. E quando acabar a brincadeira, o que lhes vês nos olhos não é alegria de viver, é toda a tristeza deste mundo. São a nossa própria imagem, de orelhas caídas em vez de espetadas.

OBSERVADOR
Mas olha ali o Sol da meia-noite. As ilhas no meio da corrente. A terra dos zimbros. Também não achas isto bonito? A beleza como possibilidade, a beleza como plenitude?

DESMANCHA-PRAZERES
Sim, por enquanto ainda é bonito. Belo como nos dias do fim. Mas o que é que vem depois? Imagina só que vivias sempre aqui. O Inverno, o gelo, a neve...

OBSERVADOR
Ah, é tão lindo quando neva! A neve na testa, nos lábios, nos pulsos.

DESMANCHA-PRAZERES
O comboio em que viajamos vai ter uma avaria. Vai ficar sem aquecimento... E tu a dar-lhe com os bichos. Não há sinal de homens em lado nenhum?

OBSERVADOR
(*Olha por um binóculo*:) Ah, uma criança, ali. Vai a andar e a comer um bocado de pão.

DESMANCHA-PRAZERES
Vê se te calas, tu e as crianças! Não fica bem falar delas. Nem elas querem. E para além disso, hoje já não há crianças. - Não há um único adulto à vista?

OBSERVADOR
Vai ali um a passear, com um buraco na peúga.

DESMANCHA-PRAZERES

Outra vez eu e só eu. Mais um solitário. Não vês nenhum grupo de pessoas? Não vagabundos, gente com um tecto - o que não quer dizer que não chova lá dentro...!

OBSERVADOR
Ali, atrás daquela janela iluminada, muitos, mesmo muitos, todos juntinhos, todos de olhos em alvo como se estivessem a assistir à Ascensão de Nosso Senhor.

DESMANCHA-PRAZERES
Os cafés têm sempre as televisões lá nas alturas! - E agora vê lá se descobres os dois amantes - embora hoje em dia isso seja quase inimaginável: os falsos pares do costume, perdidos um no outro só para Inglês ver, e de vez em quando a espreitar pelo canto do olho, para ver se há alguém a assistir ao seu número...

OBSERVADOR
Estão ali dois que se amam mesmo. - E com eles o mundo a dançar num baloiço.

DESMANCHA-PRAZERES
Pois, por enquanto.

OBSERVADOR
E que belos, quando riem.

DESMANCHA-PRAZERES
Pelo seu riso já se está a ver que em breve estarão a chorar. (*Tira o binóculo ao outro*:) À vista desarmada! E não me olhes sempre só para a distância! O que é que vês aqui, no caminho mesmo aos teus pés?

OBSERVADOR
Uma vieira. A concha dos peregrinos.

DESMANCHA-PRAZERES
Já só há falsos peregrinos, tudo organizado, motorizado, climatizado, desinfectado. E mesmo antigamente, os verdadeiros peregrinos já eram uma minoria. Disfarçados com essa concha, em cada encruzilhada juntavam-se a eles cada vez mais ladrões, roubavam-nos e matavam-nos antes de chegarem ao seu destino.

OBSERVADOR
Peregrinos ou não peregrinos, olha lá para a concha, a coisa em si - não é bonita? Não sentes também que só diante de tal beleza o coração que trazes dentro de ti é verdadeiramente coração?

DESMANCHA-PRAZERES
Isso era dantes. Agora já não vejo coisas, só vejo um sinal de bomba de gasolina. E coisa por coisa, já agora um cinzeiro. - E o que é que vês mais no nosso caminho?

OBSERVADOR
Um prego com estrias.

DESMANCHA-PRAZERES
Isso é um verme seco. Quando era pequeno, isso para mim era uma prova de que Deus não existe. - E o que é isto?

OBSERVADOR
O rasto de um caracol, prateado.

DESMANCHA-PRAZERES
Rasto de morte. - E que mais?

OBSERVADOR
Uma pena de pássaro, preta com seis pintas brancas, na forma do seis num dado de jogar.

DESMANCHA-PRAZERES
E a pena está espetada num pássaro morto, sujo de pó. - É já o terceiro passarinho morto que conto só neste troço do caminho. Os olhos ainda fechados, o corpo depenado, só com esta amostra de pena. E essa é que é a grande diferença entre nós dois: eu vejo primeiro os sinais de desgraça e mau agoiro, e tu só vês as lindas penas espalhadas pelo teu caminho. Do teu posto de observação só vês beleza, mas mais tarde ou mais cedo vais ficar cheio de verrugas no corpo e na alma. Tu e a tua beleza! Não se fica estúpido de ver as coisas assim?

OBSERVADOR
Fica! Mas saudavelmente estúpido. De uma estupidez desconcertante. Houve alturas em que eu fui inteligente, doente de inteligência e sabedoria, mas o meu modo de olhar as coisas fez-me outra vez estúpido, de compreensão lenta e descuidado como quando era criança. Se consigo descobrir a beleza ao olhar as coisas, respiro de novo o ar do dia em que nasci. Nessas alturas, o mundo sou eu. E contigo não é assim?

DESMANCHA-PRAZERES

E no momento em que tu contemplas a quilha de espuma das nuvens, um átomo de cloro devora na atmosfera uma molécula de ozono, num céu diferente há um avião de passageiros que é abatido, agonizam sob outros céus, sem anjos da guarda para acompanhar as almas, aqueles milhares de quem se diz primeiro, no anúncio da morte, que "Adormeceu serenamente nos braços do Senhor" e depois que foi "Profundamente chorado pelos seus". O teu modo de olhar, no fundo, não será uma outra forma de isolamento, no sentido de estar fora de questão?

OBSERVADOR
Se observo bem já não me sinto só. A beleza devolve-me o olhar, fala comigo e faz-me falar. Não conheço diálogo mais digno de um homem que o diálogo com o belo. (*Àparte*:) Eu sei que o meu papel é ingrato. Mas alguém tinha de o fazer.

DESMANCHA-PRAZERES
Um homem que observa e a beleza: o maior dueto de mentira que já se viu.

OBSERVADOR
Pelo contrário: no momento em que eu descubro a beleza, sou a verdade em pessoa. Não sou eu que quero olhar, o olhar acontece. Uma vez morri a dormir. De repente era tudo verde diante dos meus olhos. Ah, pensei eu, há coisas a verdejar, então ainda estou vivo, a morte era só sonho.

DESMANCHA-PRAZERES
Essas são as imagens que desejamos para a hora da morte, e que depois muito provavelmente não vêm. (*Mudando de tom*:) A única coisa que me poderia ter tornado verdadeiro teria sido uma mulher. Essa sensação de estar vivo eu nunca a senti por obra do verde que de súbito aparece diante dos meus olhos, mas sim por obra da mulher que de súbito aparece diante de mim. (*Como quem responde a uma pergunta tácita do seu interlocutor*:) Sim, tempos houve em que era belo ser-se homem e mulher. Não havia interlocutor mais belo que uma mulher. Que tranquilo! Que sério! Que nobre! Que solene! Um brilho recíproco, sem acessórios. Quando foi isso? Em que século? - Mas também é verdade que dessa preocupação já eu me livrei. Pelo menos essa fuga eu consegui. Pelo menos por agora. Mas o pior talvez ainda esteja para vir. - Sempre fugi por cobardia e deixei-me ficar por inércia. - Acho que a longo prazo não estava à altura da seriedade das mulheres. "Se conseguires manter a seriedade, então és o meu homem." E eu perdia a seriedade no momento decisivo. Se a coisa ameaçava ficar séria com uma mulher, eu fugia logo. Quem sabe o que é a nostalgia das mulheres não pode desejar ser outra coisa que não seja um homem em fuga. Só estou à altura da seriedade das perguntas, da seriedade das mulheres não. Estraguei a minha relação com as mulheres, por assim dizer, e para sempre. Graças a Deus. Pelo menos já não tenho de suportar

aqueles gritos. Espero bem. - Nunca reparaste que as mulheres evitam fazer perguntas que exijam uma resposta? Está cientificamente provado! - Por outro lado, a existência delas exigia constantemente de mim não me deixar ficar fora de questão. Onde quer que aparecessem, elas esperavam logo por um qualquer que não estivesse fora de questão, e quem se negasse ou se limitasse a fingir podia contar com o seu desprezo imediato. Mas se te decides a não ficar fora de questão, então aí começa a mais séria história de amor do mundo. - Pois é, não é nada fácil estar vivo e ao mesmo tempo fora de questão. Estar em questão é qualquer coisa como enfeitar-se sem grandes adornos. E tu não podes ficar fora de questão, e tens de te enfeitar! Ficar fora de questão é sinal de desmazelo. - Não, não me arrependo. Mas ai de mim, que continuo a voltar a cabeça para esse sexo das falsas promessas, para todos esses seios, ancas e pernas, e ao ver uma beldade há qualquer coisa dentro de mim que faz um arco e vai dar a ela. Não houve alguém que disse: pelos teus olhos serei salvo? Mas hoje em dia já nada prende o meu olhar a esses olhos, uma anca tem muitas vezes mais forma, uma veia num joelho por vezes mais expressão. - E porque é que nós dois, eu e tu, estamos fora de questão? - Tu és um solitário que cuida do jardim dos seus olhos e que desse modo nunca se tornará naquela pessoa dramática hoje mais procurada. O que hoje se pede é "O meu herói!" E eu, um fugitivo, a princípio ainda tenho alguma procura, mas com o tempo só o vencedor é que se impõe.: "O meu herói!" e "O meu campeão!" - Mas haverá alguém - tirando talvez os desportistas - que queira ser um campeão? E porque é que eu tenho esta impressão de que isto faz dos homens e das mulheres cada vez mais uns estranhos, e de que já não há histórias de amor? Porque é que eu acho que ficar sentado a soprar sobre uma mosca velha e cansada é melhor ocupação do que estar com uma mulher? Porque é que as mulheres já não são como antigamente os melhores inimigos dos inimigos, mas estão sempre a revelar-se como os piores inimigos de nós próprios? Por que razão desconfio eu entretanto das mulheres como sendo as más, as degeneradas? Mas não conhecemos nós desde sempre o ditado: "Vento Norte, a mulher mais pura"? Ou o outro ditado: "O sonho é um mundo e uma mulher é uma mulher"? Ou então: "Um magote de crianças é um magote de olhares, e um magote de mulheres é um magote de mulheres"? - Enfim, já não entendo as mulheres. Mas não foi sempre assim? Foi, só que antigamente o não entender era uma espécie de admiração, maravilhada: "Santo Deus, de onde é que tu vens?" E agora? Se se der o caso de alguma delas ainda se voltar para mim, é com certeza para me gritar: "Tu não entendes nada! Não entendes nada de nada!" Será porque as mulheres hoje falam uma língua completamente diferente da minha? Por nós e elas termos as mesmas palavras, mas elas as usarem num outro sentido, que me escapa? O que é isso de uma mulher hoje em dia? O que é que quer, no fundo, essa tropa estrangeira? Porque é que elas hão-de ser tão diferentes? Porque é que eu conheço homens que têm a nostalgia da pureza, mas mulheres não? E apesar disso, se alguma vez soube o que era a plenitude, porquê então sempre com alguém que pertence a essa terrível corporação? Mas sem mulher: incompleto de todo. Lembrança do estar-em-questão: diante de mim estava uma

mulher gigante, eu crescia até ficar da altura dela e deixámo-nos cair os dois no chão. Lembrança do momento do já-estar-fora-de-questão: um monstro erguia-se do nada e atacava-me.

OBSERVADOR
Quanto a mim, tenho um casamento feliz, mesmo se às vezes tenho suores de morte quando estou nos braços da minha amante.

DESMANCHA-PRAZERES
(*Assumindo o papel do outro e olhando para longe, espantado*:) Olha ali, que beleza! Um par a sério, finalmente.

OBSERVADOR
Como é que os reconheces?

DESMANCHA-PRAZERES
Pela hesitação dele. Pelo pudor dos dois. Nunca percebi porque é que Hamlet sofreu tanto com a sua hesitação. Mas ele também não amou, essa é que é a questão.

OBSERVADOR
(*No papel do outro*:) Mas esse dois não são os do nosso grupo? E o pudor deles não é só jogo?

DESMANCHA-PRAZERES
(*No papel do outro, e seguindo o par distante com uma espécie de dança da mão*:) O pudor não se pode representar. - E parece-me que eles ainda estão no começo. Antes assim!

OBSERVADOR
O amor das mulheres, a tua loucura. Eu nunca me senti como tu diante de uma mulher, mas diante de uma árvore sim, sempre. Diante da mulher: olhos pequenos. Diante da árvore: olhos grandes. Diante da mulher: onde é que isto vai parar? Diante da árvore: todo olhos, todo ouvidos, todo ali - a plenitude.

DESMANCHA-PRAZERES
(*Voltando ao seu papel*:) Já não posso com essa palavra: "Árvore". "A árvore da vida." "A árvore do conhecimento." "O amador das árvores." "A página do amigo da árvore." - Vá, começa lá com o teu elogio das árvores. O que é que vàs de especial, por exemplo naquela tília além?

OBSERVADOR
O aroma das suas flores dá-me vida, até ao mais fundo dos pulmões.

DESMANCHA-PRAZERES
E a mim sabe-me a químico, como um champôo misturado com o fedor de mijo de gato.

OBSERVADOR
Vou inspirá-lo profundamente e esta noite vai ser um conto de fadas.

DESMANCHA-PRAZERES
Queres dizer um pesadelo ligeiramente menos violento?

OBSERVADOR
Sim, mas é a nuance que faz a diferença.

DESMANCHA-PRAZERES
E as folhas peganhentas?

OBSERVADOR
Isso é mel. A árvore ressoa de abelhas, o foguetão ideal para chegar ao céu.

DESMANCHA-PRAZERES
Qual céu, qual quê! - Milhares de ferroadas matam apicultor. - E a casca tão mole: ideal só para pregar cartazes eleitorais. - E agora a cerejeira além.

OBSERVADOR
A criança na pernada mais alta, o rei da árvore, colhendo com a boca as cerejas que lhe chegam nos ramos, baloiçando ao vento.

DESMANCHA-PRAZERES
E em baixo no tronco, a meia altura, sem saber como subir nem como descer, o outro, o rapazinho do cu de chumbo, eu.

OBSERVADOR
Mas olha só o pêlo negro da sombra do cedro, o teu refúgio.

DESMANCHA-PRAZERES
Nessa sombra, debaixo dos ramos como rabos de raposa e com agulhas cerradas que não deixam passar uma pontinha de ar, está um calor de morrer, muito mais quente do que lá fora ao sol: não há flor que se dê aí.

OBSERVADOR
Mas olha ali a sombra arejada dos choupos.

DESMANCHA-PRAZERES
Aquilo não é sombra, é um tremeluzir que me cai na cara como um insecto. Luz dos choupos: luz que à distância engana, luz óptima para desastres de automóvel. E o sussurro das folhas: tão alto que ninguém o ouve. Que coisa mais sem sentido!

OBSERVADOR
Mas os ciprestes, odulando verdes lá em baixo, com as luzes saltitantes das suas cápsulas: esta vista também não tem sentido?

DESMANCHA-PRAZERES
Se tiveres que te esconder neles e te enfiares lá dentro, aquilo é um labirinto cerrado, os ramos não cedem, é pior que barras de prisão, e no chão da tua cela a carcaça mal cheirosa de um pássaro.

OBSERVADOR
Mas com certeza não tens nada contra a pequena amoreira ali, a árvore dos viajantes como nós, à beira do caminho, sem espinhos, eterna sombra ao vento primaveril, as amoras sumarentas ali mesmo à mão, o vento até tas traz, e o tronco esburacado, esconderijo ideal dos rouxinóis!

DESMANCHA-PRAZERES
Pois é, a amoreira: à mais leve brisa deixa cair os frutos húmidos e esponjosos como se fossem merda, com o ruído da praxe ao espapaçarem-se no chão, e quando o viajante estende a mão para apanhar uma só amora, caem-lhe logo mais três em cima, e escapam-se-lhe todas entre os dedos, e tudo o que delas lhe resta são as nódoas na roupa. E agora imagina ainda o concerto e o suspirar dos rouxinóis toda a noite a entrar pelos ouvidos de um fugitivo com insónias!

OBSERVADOR
Mas não vês pelo menos como as cabeças dos que passam ganham forma contra o fundo cinzento dos troncos? Como as gradações dessa luz cinzenta clara dão o verdadeiro perfil aos rostos dos transeuntes?

DESMANCHA-PRAZERES
Nos troncos das árvores só vejo buracos de balas, e as gradações do teu cinzento claro é o que resta dos miolos desfeitos daqueles que encostaram a elas para serem fuzilados.

OBSERVADOR
A zona coberta por uma árvore é um lugar muito especial. Um outro solo, outra luz, outro som.

DESMANCHA-PRAZERES
Pois, pois, a zona da árvore,lugar de concentração dos deportados. E o outro som é o que vem do ramo que cai e mata o teu amigo. (*Pega na vieira, deixa-a cair e pisa-a; depois, num acesso de súbita hostilidade que provavalmente só pode dar-se entre pessoas íntimas, mete pela rua abaixo a assobiar*.)

OBSERVADOR
(*Sozinho*:) Que assobio mais irritante! Mas como se costuma dizer: quem sabe se o assobio não esconde um desgosto secreto? - E tu, concha, voltaste a ser apenas calcário. Nada mais na mão. Está bem, afinal eu até prefiro andar de mãos livres. - (*Como num acesso de raiva*:) Porque é que eu hei-de ter sempre de representar! Ah, se eu pudesse um dia deixar de representar! (*Anda para lá e para cá no proscénio*:) Até a minha maneira de andar é representação. (*Pára*:) Nem sequer parado deixo de representar. E no meio disto o meu desejo de fazer coisas a sério! (*Pigarreia - é teatro. Tosse - teatro. Fecha os olhos - teatro*.) Mas quando é que eu já fiz alguma coisa a sério? Quando participava de alguma coisa. E como é que eu participava? Olhando, observando. (*Olha - teatro*.) Já não consigo olhar. Olhos secos. O que vejo não me diz nada. Quando muito, talvez possa contar as coisas pelos dedos. Meu Deus, porque é que eu tenho de representar, quando afinal sei que nunca hei-de aprender a representar bem, que não tenho outra saída a não ser a de não representar! Vou ler! É certo que a ciência dá razão à sabedoria popular que diz que ler estraga os olhos, mas a minha experiência é outra. Não há modo de olhar mais ágil e mais arguto do que o da leitura. Todo olhos. Vem daí, livro, fruto e semente da luz! (*Tira o livro do bolso do casaco*:) "Noite calma de Primavera nas montanhas desertas..." (*Não consegue acabar de ler esta linha, tenta uma outra*:) "Na montanha deserta o homem sem forma..." - Já não consigo ler! O livro já não é um prazer livre, é o enxame de vespas da verborreia. (*Olha pelo binóculo*:) Nas colinas já não se ouvem murmúrios - já nada se move. E como tinha de ser, e como sempre acontece quando me desvio do meu objectivo, já ali está o grupo dos perseguidores, quase igual ao nosso, a julgar pelo aspecto, só que todos me parecem observar, não com uma coisinha destas, mas com binóculos de campanha como manda a lei, e não apontam para mim, mas para este livro aqui, como se fosse muito suspeito: como se este livro fosse uma granada que não rebentou na última guerra e que eu tivesse desenterrado. Como é que era aquele meu sonho em que nós entrávamos todos? Estávamos sentados numa clareira, cada um de nós mergulhado num livro, como se diz naquele verso: "Fui um leitor fiel". E agora o tempo da leitura, ao que se diz, acabou? Eu, que não tinha mais nada a não ser o

livro, agora já nem o livro tenho? Já não tenho futuro? - Mas afinal o que era isso, a leitura? - Qualquer coisa como o movimento da folha isolada a meia distância: a meia distância móvel. Mediadora entre o muito perto e o muito longe. - E o que é que a leitura tornava possível? O olhar sem objectivo, em que uma coisa representava todas as outras. A ausência que me tornava ainda mais presente e próximo. Ler e estar presente! Todo olhos e ouvidos! E para onde ia o teu desejo de leitura? - Queria libertar-me das imagens reflectidas, através da entrada na imagem única. - E alguma vez tiveste uma imagem da imagem única? Sim, aquele quadro com o livro em que uma página do meio se levanta com a corrente de ar provocada pela chegada do anjo da anunciação. - E agora, sendo assim, não te resta mais que representar? E como seria se não representasses? (*Pausa*.) Inconcebível. Seria o fim. Mais uma tentativa! (*Sem representar torna-se um idiota; refaz-se*:) Mas não será este imperativo de representar também a minha oportunidade de me tornar naquele que sou? Vida perfeita: será que conseguiria, se me representasse a mim próprio? "Finalmente posso representar-me - venham ver o meu verdadeiro rosto!" Que confusão! (*Neste momento O-DA-TERRA entra de roldão pelo palco, vestido de operário de cena, num dos braços traz um tamarisco, com a outra mão faz rolar uma bobine de cabos vazia. Tem um dos olhos ligados, com a pressa de deixar os seus adereços esbarra com o livro do OBSERVADOR, pisa-o e desaparece de novo. Ouve-se um choque nos bastidores, grito de dor, pragas*.)

OBSERVADOR
(*Retirando-se lentamente*:) "Tília" - só de ouvir esta palavra..., um verdadeiro nome de mulher. - E os ulmeiros, com as suas folhas moles como orelhas de elefante. "Desejo sob os Ulmeiros", como é que alguma vez pudeste acreditar numa coisa dessas? - "Primavera tranquila". A minha ideia da Primavera: lá volta o tempo dos mosquitos, e para os cavalos o das moscas... (*Suspende brevemente a fala; abana a cabeça em sinal de espanto*:) Já consigo olhar outra vez - com o olhar do Desmancha-prazeres! E a leitura, funcionará? De qualquer modo, é um olhar sadio, e faz bem. - Acho que a única coisa que nunca tive nem nunca terei de representar é o terror. Ou será que vou ter de representar até na hora da morte? E na minha execução, terei de representar? Tive de representar já recém-nascido? Mas que confusão. Vá lá, rapazes, ajudem-me a não ter de representar. (*Sai*.)

3.2

Avançou-se mais um meridiano no sentido da terra interior. Todos os objectos no espaço do palco ainda lá estão, apenas giraram um pouco em círculo, e outros vieram juntar-se-lhes, não apenas árvores, mais grossas e mais altas, mas também, por exemplo, uma cancela do quintal de uma casa, abandonada, sem fecho, sem a vedação

habitual; em cima dela um casal de pombos, imitação perfeita, de costas para o público. No resto do palco, que está vazio e lembra um prado atrás do que em tempos terá sido um parque, uma mesa de jardim por assim dizer para ali levada, e as respectivas cadeiras. Luz de início de Verão num jardim de restaurante. - Os restantes cinco, saídos do comboio, entram agora neste espaço atravessando o campo, guiados pelo VELHO - no rosto a expressão "Aprendi isto na guerra" - e PARSIFAL, que agora é o carregador e traz o malão à cabeça. Abancam todos ali, os ACTORES no papel de senhores, os outros no chão, a uma certa distância, no papel de criados mudos, PARSIFAL em cima do malão cujo peso lhe fez fugir por momentos as vozes da cabeça: fazem-lhe festas e dão-lhe palmadinhas de agradecimento. - Silêncio.

ACTOR
Agora já posso perguntar: estiveste alguma vez na tua vida ligada a um homem que se entregasse tanto a ti como tu a ele?

ACTRIZ
Não. Enquanto que eu sentia o impulso de me dissolver para assumir a minha forma própria, percebia sempre o medo que o homem tinha de se dissolver comigo. Esse medo contaminou-me, e ambos fugimos rapidamente deste nosso voo de destruição para nos refugiarmos no chamado prazer, até à raiz dos cabelos, se quiseres. E estou certa de que nunca houve um casal que tenha conseguido dar-se verdadeiramente.

ACTOR
Quem foi o teu primeiro homem?

ACTRIZ
O mundo - naquele caso, o céu de Verão. Eu era ainda uma criança e estava sentada num baloiço. Mergulhava cada vez mais alto. No ponto em que estava quase a dar a volta, presa entre o em baixo e o em cima, aí cedi.

ACTOR
Ao prazer?

ACTRIZ
Não, à doçura. Foi doce como um relâmpago que entrasse por mim adentro e me incendiasse lentamente. "Desejo-te!", disse o mundo, disse o céu, e eu acordei também para o desejo. Nessa altura fiz-me mulher. Nunca mais voltei a sentir algo tão doce. A partir desse momento, eu estava pronta.

ACTOR
Sempre?

ACTRIZ
Sempre. Pronta para a união imediata. Só me fechei ao homem falso. Ah, e vocês todos, os homens falsos, com o truque dos olhos semicerrados, o suor do medo a escorrer-vos da testa e fazendo gala nos vossos sexos que depois ficam frios como gelo.

ACTOR
Já alguma vez conseguiste chamar a algum: "o meu homem"?

ACTRIZ
Uma vez disse: "Um homem bom escolheu-me para mulher, e tenho muito orgulho nisso." Mas isso fazia parte de um papel num filme de "cowboys" - e, além disso, já não há filmes de "cowboys". E outra vez disse a um homem: "O mundo, neste caso tu", mas isso foi numa peça de teatro - e, além disso, a peça há muito que está esquecida.

ACTOR, *com olhar inquisidor*.

ACTRIZ
Pois é, e no meio de tudo isso eu continuava a sentir desejo. Mas nunca por ninguém em particular. Se alguém em particular se interpusesse entre mim e o meu desejo indeterminado, eu aceitava-o como seu substituto, depois do primeiro susto, tão doce, e que muitas vezes se dissipava logo depois de dizermos os nossos nomes, ou depois das primeiras palavras pronunciadas.

ACTOR, *com um silêncio interrogativo*.

ACTRIZ
Não, eu só amei o meu desejo, e apenas o desejo do meu rosto, o desejo dos meus olhos. E sabia: não há no mundo olhos mais belos que os olhos do meu desejo. E como o desejo nos meus olhos me fazia bem! E quando depois se extinguia esse brilho - como eu me sentia feia, e absurda, e mesquinha, e nua.

ACTOR, interrogando-a com o silêncio.

ACTRIZ

Não, nenhum homem tinha um desejo destes. Ou me apareciam de repente desfigurados de cio, ou então - como é que se costuma dizer? - era aquela "seriedade pesada em que o prazer se consuma", de tal modo que eu cada vez mais tinha a impressão de que em mim entrava e saía um morto, ou que o homem imitava a serenidade do meu desejo, e com isso só perdia a seriedade, e até o cio. - Tão belos como os olhos do meu desejo só me pareciam ser os olhos de homem que tivesse alguma coisa em mente, que fosse a caminho de algum projecto, e claramente decidido. Os olhos de um homem que medita não só não quebravam o meu eterno desejo, como lhe davam razão. O encontro dos olhos da fantasia com os do desejo: o par em que cada um está à altura do outro. O que acontece é que esses olhos nunca se encontravam. E da segunda vez já não dispunham do mesmo momento. E não havia uma terceira vez.

ACTOR
A tua imagem do teu homem perdeu então o encanto?

ACTRIZ
E a tua imagem da tua mulher?

CASAL VELHO
(*Interrompendo com um grito*:) Nada de contra-interrogatórios!

ACTRIZ
O que conta é a imagem. Só a primeira imagem conta. O baloiço ainda baloiça.

ACTOR
E como é que eu reconheço a imagem?

ACTRIZ
Pelo abrandamento do meu ritmo, juntamente contigo. - Mas até agora todos recuaram diante da raiva do meu amor.

ACTOR
(*Depois de uma longa pausa*:) Ajuda-me a amar.

ACTRIZ
(*Depois de um longo silêncio*:) Então leva-me para casa.

ACTOR
(*Depois de um longo silêncio*:) E onde é a tua casa? (*O palco escurece*.)

3.3

A terra interior gira mais uns quantos graus. Os dois VELHOS sós, com PARSIFAL. Mais algumas árvores vieram juntar-se às que dominam o fundo da cena, árvores de rio ou de nascentes, como um amieiro e um salgueiro. O mesmo se passa com alguns objectos, vistos de trás: a parte de trás de um painel publicitário, a parte de trás, sem anúncios, de uma coluna de afixar anúncios. Mais de metade do horizonte do palco é agora constituída por esta sequência. O espaço entre o amieiro e o salgueiro, no qual se derenrola a acção, tem o aspecto de caminho de acesso a um bebedouro ou vau que não se vêem. OS VELHOS estão sentados no chão, encostados às árvores, voltados um para o outro, como em cima de um dique, quando deixamos balançar as pernas sobre a água. PARSIFAL está deitado entre eles, agarrado ao seu malão, tapado com um casaco, a dormir. Os Velhos fazem guarda. Luz de Outono na margem de um grande rio.

OS VELHOS
(*A uma voz, e de forma claramente perceptível, embora tentem falar baixo*:) Cheira a Outono, não é?

O VELHO
O fumo a subir dos campos.

A VELHA
E o cheiro a podre que vem do rio, com a pouca água que leva.

O VELHO
Mas é bom. Ora cheira lá! (*Cheiram os dois; respiram fundo*.)

A VELHA
É bom, é. É mesmo bom.

OS VELHOS
(*A uma voz*:) E ainda há pouco era Verão. Já estamos mesmo outra vez no Outono?

O VELHO
É mesmo Outono. Sei-o pelo meu apetite por maçãs. Pelo meu desejo de maçãs. O reino dos céus por uma maçã!

OS VELHOS
(*A uma voz*:) Só que nós já não conseguimos meter o dente nas maçãs!

PARSIFAL, *como que perturbado pelo sussurrar em voz alta dos dois, mexe-se no seu sono inquieto*.

O VELHO
Fala em tom normal. Sabes bem que ele não suporta cochichos. Ele precisa é de sons calmos.

A VELHA
A tua voz ficou tão grave. Já estamos assim há tanto tempo a caminho?! No começo da viagem todas as nossas vozes eram muito mais agudas, até a tua.

O VELHO
Tu tens exactamente a mesma voz de quando eras nova.

A VELHA
É a única coisa que se manteve do meu aspecto exterior.

O VELHO
A tua voz nunca foi exterior (*Longo silêncio*.)

A VELHA
Estes casais de agora têm de jogar jogos tão complicados!

O VELHO
Já não têm sinais para abreviar todos os desvios da conversa. Lembras-te como foi comigo?

A VELHA
Lembro-me bem, mas conta lá outra vez.

O VELHO
Já te conhecia há muito tempo. Mas um dia apareceste com uma pirâmide de laranjas nos braços e subitamente fez-se um brilho naquela sala.

A VELHA
E tu só continuaste a ser o filho do vizinho até ao dia em que, depois de uma das tuas visitas, ficou no soalho um resto de neve na forma da sola do teu sapato. (*Pausa*.)

O VELHO

Há quanto tempo já andamos para aqui errando. Velhos e sem sentido.

A VELHA
Que estranho baloiçar! Que estranha expedição! Talvez apenas um triste delírio?

O VELHO
Tens saudades de casa?

A VELHA
Não, não! Olha as minhas peónias, aqui ao pé do rio - como em nossa casa, mas sem caracóis. Tão macias. E este baloiçar ao vento, só mesmo as peónias. E por dentro tão escuras, tão bonitas! Mas o que eu queria agora era sentar-me com o rosto voltado para a nossa terra. (*Olha para um lado e para o outro, depois encolhe os ombros*.)

O VELHO
A partida é que foi muito apressada. Não te sentes também atormentada pela ideia de que esqueceste alguma coisa? E que essa coisa és tu própria? Que no meio daquela precipitação foste tu própria que ficaste realmente esquecida, só e desamparada no meio do quarto?

A VELHA
Não mudaste nada. Não vês como a água corre lá em baixo? O que é que há de mais real? Vai lá e mete a cabeça dentro de água.

O VELHO
(*Vai, volta com a cabeça a pingar*:) É verdade, estou mesmo aqui!

A VELHA
E agora agarra estas urtigas com a mão. O que é que há de mais real?

O VELHO
(*Mete a mão nas urtigas*:) Picam! Quando chegar a casa, as bolhas vão ser a prova de que estive aqui. Constelação das bolhas! (*Tropeça em qualquer coisa.*) Já cá faltava o velho trapalhão! É mais uma prova de que estou mesmo aqui, em pessoa! Obrigado, minha trapalhice!

A VELHA
(*Àparte*:) Este aqui, o da trapalhice, o da cabeça confusa - E o teu marido...

O VELHO

(*Apanha o objecto em que tropeçou e segura-o à luz: é uma chave antiga. Dá um assobio*:) Olha só! Encontrei uma coisa que tinha perdido, uma chave que perdi há meio século, na guerra! (*Pára*:) Mas a chave de agora, onde é que está? (*Apalpa-se*.)

A VELHA
Deixaste-a outra vez na porta? (*Pausa*.)

O VELHO
O que é que estarão agora a fazer os nossos netos?

A VELHA
Lá deve estar quase a escurecer. - É pena não termos aqui um jornal, para vermos como é que está o tempo por lá.

O VELHO
Se aqui está bom, acho que lá também deve estar.

A VELHA
(*Olhando para o relógio*:) A nossa menina deve estar agora a descer da carrinha da escola; E a única que desce naquele cruzamento. Agora dirige-se para a casa isolada. Na relva à beira do caminho muitas vezes há cobras. Cuidado!

O VELHO
E o rapaz acabou a lição de boxe no ginásio. Um meia leca, com aquele tamanhão de luvas. Dá-lhe! Não encolhas assim a cabeça! Olha-o bem nos olhos! Ora, já me esquecia que és míope! E ainda por cima cobardolas. (*Pausa*.)

A VELHA
Já não me lembro se desliguei o ferro de engomar quando saímos.

O VELHO
E se lá na terra houver temporal? Não me lembro se tirei a ficha do televisor.

A VELHA
(*Com voz cada vez mais estridente*:) E puseste o candeeiro à janela, aquele que acende automaticamente para afugentar os ladrões?

PARSIFAL *mexe-se*.

O VELHO

(*Com voz cada vez mais estridente*:) E tu puseste a pipeta conta-gotas no vaso da laranjeira?

PARSIFAL *acorda e senta-se.*

A VELHA
E tu, para o Caso dos casos, fizeste o seguro para a nossa trasladação?

O VELHO
E se um tufão nos destroça o telhado?

A VELHA
Ou um aluimento de terras a aldeia inteira?

O VELHO
Ou uma inundação toda a região? Ou um terramoto o país inteiro? E se o mundo, fora da nossa bolha de ar, há muito já acabou, toda a respiração sufocada, toda a vida extinta?

PARSIFAL
(*Que a princípio tapou os ouvidos, dá de repente um salto, gritando*:) E quem é que comeu do meu pratinho? E já fizeste as orações da noite? E já telefonaste hoje para casa? E diz-me lá: onde é que estão as flores? E quem é que atira a primeira pedra? E o que é que aconteceu realmente a Baby Jane? (*Entretanto fugiu a correr pela ribanceira abaixo, e a sua voz ecoava como se viesse de uma caverna*.)

O VELHO
(*Levanta-se e segue-o com o olhar*:) O rio está a lavar-lhe as orelhas. Será que ajuda? - E agora despe-se todo, mergulha e começa a nadar, rio abaixo, com a cabeça debaixo de água. - Finalmente, lá está ele outra vez. Inspira fundo, olha à volta, está radiante. Acho que ajudou, a água acalmou-lhe a cabeça tagarela. - Ou talvez não? Agora mergulha outra vez. (*Pausa*.)

A VELHA
(*Levanta-se para partir e pisa qualquer coisa que range sob os seus pés:*) Olha, espalharam aqui arroz, é de um casamento!

O VELHO
Não é nada, é areia que deitaram no local de um acidente.

A VELHA

Tu tens que saber sempre tudo melhor. - E agora, para onde vamos? Trouxeste um mapa? Uma bússola? Medicamentos? Um chapéu de chuva? (*À medida que ele vai dizendo que não com a cabeça, ela vai tirando todas estas coisas da mala e distribui-as por ele e por ela própria*.)

O VELHO
Tu pensas sempre em tudo. É isso que me perturba em ti, desde sempre. É contra a dignidade humana fazer preparativos.

A VELHA
(*Faz-se ao caminho com ligeireza - o Velho mais devagar*:) Onde é que foste buscar essa lentidão toda?

O VELHO
Aprendi na guerra, com o perigo.

A VELHA
E a mim a tua molenguice levou-me ao hospital.

O VELHO
Mas tu antes costumavas dizer: "Ele é tão molengão - é homem em quem se pode confiar".

A VELHA
E também costumava dizer: "Que horror de molenguice - é homem para dar com qualquer uma em doida"! (*Segue o seu caminho*.)

O VELHO
(*Grita-lhe*:) Mas onde é que tu vais? O caminho é por aqui!

A VELHA
Foi sempre assim, cada um a querer ir para seu lado. Se eu ia para a direita, tu dizias: não, é para a esquerda. Se eu encontrava um atalho para encurtar caminho, tu davas a volta completa pela estrada. Se eu queria ficar no prado, tu metias pela floresta. Se a mim me tentava o Sul, tu preferias o Oeste. Nem sei como é que nós ainda estamos juntos. (*Segue o seu caminho e desaparece*.)

O VELHO
(*Puxando a mala, lento, e seguindo também ele o seu caminho*:) Uma estranha. Logo à primeira vista, há cinquenta anos, era uma estranha para mim. Vi logo que não era a

mulher certa para mim. Só a maldita guerra é que nos fez ficar juntos. Nunca consegui acertar o passo com ela. Sempre a duas velocidades, dois estranhos. "Tu sabes bem como eu sou!", disse ela sempre. Não, não sei! Quantas vezes olhei para ela a dormir - que expressão mais nobre tem o rosto desta mulher! - e quantas vezes desejei que ela continuasse assim a dormir para sempre, que aqueles olhos estranhos já não acordassem para me olhar. (*Já nos bastidores*:) Ah, esta estranheza. Estranhos como no dia primeiro. É de enlouquecer, tanta estranheza! (*O palco escurece*.)

3.4

Uma sequência de cenas fragmentárias, cada uma delas avançando um pouco mais para a terra interior. As árvores do rio estão já meio encobertas por outras: uma palmeira, um buxo, um tronco de cacto; ao fundo, numa luz fraca, a estátua de um embuçado, de costas: Dante? Um anjo? Um homem em luto?

*

Palco deserto. Começa a nevar.

*

Palco deserto numa luz que cega, como num enorme parque de estacionamento, com muitos cromados e vidros de pára-brisas a brilhar. Um avião de papel atravessa o palco. Da teia cai um pára-quedas sem ninguém, e enreda-se nas árvores. Um grande garrafão, em cima de um tabuleiro com rodas, é puxado através do palco por uma corda de roldana invisível, como se se deslocasse numa carreira de tiro. Por momentos aparece um cão, e quando volta a sair, respondendo a um assobio, sobe do subterrâneo do palco uma borboleta. Um pneu rola pelo palco vazio, cambaleia muito tempo...

*

Luz muito branca, de Inverno, como numa planície. Entra O-DA-TERRA vestido de operário de cena, a ligadura agora noutro lugar, com um assento de avião que pendura de viés na árvore mais robusta. Sai e volta a entrar com uma roda de bicicleta e pendura-a pelo veio num ramo cortado.

*

Luz de projectores fortes. Entra o OBSERVADOR, com passos cansados, olhar ausente. Pára e faz exercícios com os olhos, com o olho esquerdo para o canto direito, com o direito... Uma bola vem cair no palco, o Observador corre atrás dela, pára-a e devolve-a com um pontapé para o campo de jogo. Continua a andar com brilho no olhar e de braços abertos.

*

O ACTOR JOVEM, "à paisana", o casaco dobrado sobre o braço. Luz de campo. De vez em quando o seu rosto toma subitamente a expressão de uma máscara de samurai. Golpe de espada no ar. Retoma a expressão dos tempos livres. Continua, e de repente assume a máscara de um louco e movimentos a condizer. Sai, com um riso grotesco.

*

O VELHO. Leva o malão às costas, como uma mochila. Luz pálida, de ar queimado, de guerra. Arrasta-se através do palco, cantando uma marcha que vai crescendo de tom até ao berro. De permeio e à medida que vai saindo, ouve-se de vez em quando um choro de criança.

*

A VELHA, arrastando os pés para lá e para cá, com a mala, numa luz fluorescente de hospital. Cabelos soltos. Cantarolando baixinho, interrompida de vez em quando por uma crispação do rosto. Cantarolando ou já gemendo?

*

O DESMANCHA-PRAZERES, numa luz de geada, a tremer, todo enrolado no casacão. Vai andando e contando, a princípio mal se ouvindo, depois cada vez mais alto. Já alcançou números muito altos. Com a contagem, os seus passos ganham energia e ele vai aquecendo. No meio da sua caminhada, vira um sinal de trânsito onde se lê: É PROIBIDO INVERTER A MARCHA. Sai, sempre a contar.

*

A ACTRIZ JOVEM

(*Entra, na sua pose de rainha da festa, numa luz festiva a condizer. No seu voltear passa por um grande tronco de árvore fingido, no qual se abre uma porta de correr, deixando sair O-DA-TERRA, que agora veste um camuflado e que, sem reparar na Actriz que ficou parada, começa a patrulhar a área. A ACTRIZ deixa cair o braço, desfaz a pose. Só a pouco e pouco consegue retomá-la, à medida que, sozinha no palco, vai dizendo*:) Parece que estou morta. Fora daquilo que represento não participo em mais nada. As histórias do mundo, quando muito, ainda me divertem. Não levo ninguém a sério. Se alguém vinha ter comigo para me contar como foi feliz, eu interrompia logo, dizendo: "Eu compreendo-te, eu compreendo-te". Se vinha outro e me começava a contar as desgraças da sua solidão, logo eu o interrompia com o meu: "Acredito, acredito". Os

outros são para mim crianças que não sabem o que está em jogo, e eu rio-me deles, amável e insensível. Tenho resposta para todas as perguntas, e eu própria não faço perguntas a ninguém, pelo menos não tenho perguntas prementes, ou sérias, ou daquelas a que o outro tivesse prazer em responder. Sou ainda tão nova e já funciono como uma pessoa que alcançou os seus fins, burocratizada como um escritório, totalmente organizada. Mantenho uma certa distância, mas na verdade o que eu sou é inacessível. Que eu seja maldita. Quem me maldiz? Onde está aquele capaz de me despertar para a vida, maldizendo-me? (*Sai*.)

*

O DESMANCHA-PRAZERES

(*Na sua luz, a cabeça enterrada no pescoço*:) Tantos caminhos com nomes de fontes antigas. Mas, onde estão as fontes? Secaram? Foram emparedadas? Gelaram? Mas temos o grande céu. Isso só pode significar que as coisas não vão ficar assim. Provavelmente vai ficar encoberto em menos de nada, e vem uma tempestade de neve, um "blizzard". Trevas egípcias, e sobre a neve, que subirá tão depressa como a água numa comporta, o reflexo dos relâmpagos que me iluminarão o caminho para casa. Para casa não, nem pensar! Se neste momento viesse ao meu encontro uma cara conhecida lá dessas bandas - eu perdia logo toda a sensação de estar aqui. Continuemos a subir o monte - mas Deus nos livre de lá em cima ser a nossa casa. (*Olha para trás por cima do ombro*:) Que é que se passa, ninguém me segue? O que é que aconteceu aos meus perseguidores? Consegui levar a bom termo todas as fugas - e agora, o que vai ser de mim? Onde é que está o meu sentido da vida? Oxalá esta não seja a minha última fuga! - Ah, lá está ele, o grupo dos meus perseguidores! E ali vem já a cara conhecida do chefe, o "Autor", como lhe chamam. Ele E também um dos culpados por eu estar sempre em fuga. Quer apanhar-me para me meter na sua história, quer encerrar-me em perguntas como: "Em que meio social passou a sua infância?", "Já alguma vez sonhou que ia para a cama com a sua mãe?", "O que é que sentiu quando deflagrou a terceira guerra mundial?" O homem faz disso um negócio florescente, a Leste e a Ocidente. Está metido em tudo, mas não se mete em nada. Sempre presente com o seu contributo, nunca com o seu empenho. Os colóquios e as pesquisas intercontinentais junto das suas fontes seguras não esgotam de modo nenhum o meu autor - está sempre à espreita, à espera de uma oportunidade para encaixar a minha história. Não, nem que nades vinte piscinas por dia, faças os teus exercícios respiratórios, aprendas mais três línguas para juntar às doze que já falas fluentemente, por melhor que te tenhas apetrechado para a caça à história no vosso último congresso internacional, subordinado ao tema "Do significado da pergunta nos nossos dias" - tu, que te autopromoveste a Pat Garrett, nunca me irás apanhar! Os meus modelos são aqueles de quem nada se sabe nem pode saber. A minha simpatia, a do fugitivo, vai para o homem sem destino, o viajante de passagem - para a nova

humanidade! - Grande céu - infelizmente sem pássaros! De qualquer modo, acho que as andorinhas voam rápido de mais. E é sabido que só a mulher do pardal acha bonito o canto do pardal, o seu homem. E os corvos, ao que se diz os pássaros da sabedoria para os Índios, vi-os um dia num campo fechar o cerco à volta do nosso coelhinho, que tremia como varas verdes. - Ah, meus companheiros, viajantes de passagem, como sinto a vossa falta! Ser desmancha-prazeres de si próprio não dá mesmo gozo nenhum. Andei tanto tempo com vocês que já começava a levar-vos a sério. (*Passos que se aproximam. Uma voz vinda do caminho: "Deus o guarde". Os passos afastam-se*.) Que voz mais agradável! Basta alguém cumprimentar-me, e volto logo à realidade. Mas que quer dizer aquilo: "Deus o guarde!"? Será que já cheguei? Deus me livre! (*Passo de fuga. Pára*:) Grande céu. Quase me sinto livre. Estranha palavra esta, "quase"... Céu ideal. Mas onde é que está aí a pergunta? Quanto mais ideal, mais inquietante. Será que aconteceu alguma coisa a algum dos meus filhos, acossado e fugindo de lugar para lugar? Corre ao meu encontro, filho, entre as minhas pernas, agarra-te aos meus joelhos! (*Continua a fuga*.)

*

A MULHER VELHA
(*Na sua luz, curvando-se para apanhar um papel do chão*:) Uma carta! É a letra dele! (*Lê*:) "Na frente, a 12 de Novembro. - Minha vida: é noite e estamos entrincheirados. Os outros já dormem, mas eu quero ver se consigo escrever-te esta carta à luz do petróleo..." (*Abana a cabeça, espantada*.)

*

O HOMEM VELHO
sentado em cima do malão, numa luz de arco-íris, a jogar cartas consigo próprio. Depois volta a cabeça para qualquer coisa que se encontra a uma certa distância. Acena, como que para chamar sobre si as atenções. Depois, como se lhe tivessem acenado também, volta a acenar com um grande sorriso, desta vez como que saudando alguém.

*

A ACTRIZ
(*Disfarçada de homem, é perseguida pelo ACTOR, disfarçado de mulher. Os dois focos de luz fundem-se num só. Quando ele a apanha torna-se homem, e ela mulher. Ficam os dois parados, hesitantes. Abraçam-se*.) ELE: "Concordas comigo, um pouquinho só?" -

ELA: “Concordo. E tu comigo?” - ELE: “Também. Sabes qual E a tradução do nome Nefertite?” - ELA: “A beleza chegou.”

*

O OBSERVADOR

(*Na sua luz*): Isto é de doidos! Enquanto eu sonhava este sonho feito só da minha gratidão - da alegria da paz da gratidão por ter tempo, tempo para ficar num lugar amado e por lá caminhar, só isto, mais nada -, enquanto isso, o jornal anunciava que no hotel da outra margem gritavam os hóspedes em chamas. É de doidos! Ainda agora vi com estes olhos aquele que há anos sofre de insónias, a caminho da ponte, para se atirar, a transeunte a dar com a mala na cabeça de outra que vinha ao seu encontro - e dou por mim outra vez a pensar: Que belo mundo este! Que gozo mais doido - com a megera de louro platinado, toc-toc nos seus saltos altos, com a rapariguinha da escola a comprar um gelado, com o negro em traje regional! Quero acabar com isto! Olha para dentro de ti, para a verdadeira distância, aquela que não te impõe nada - o que é que vês? (*Fecha os olhos*:) Até ao fio do horizonte, a humanidade, as cabeças todas alinhadas, em palanques de caça, mas não são caçadores, são antes caça pronta a ser abatida. Como é que se diz de um doente incurável antes de a sua morte se começar a dramatizar? “Este já não vai lá.” É assim que nos vejo a nós sobre os palanques: também nós não vamos lá. Todos alinhados, mudos, sem perguntas, justamente como todo aquele que já não vai lá. De facto, quais são as perguntas dos moribundos? (*Abre os olhos*:) É isso mesmo: uma imagem que não engana. A partir de agora é uma imagem dessas que me guia. Ah, metem-me nojo as cambalhotas de júbilo das minhas ilusões! Trevas, frio, abismo, maldição: ficai comigo como últimas verdades! Nunca mais quero sentir-me bem. - Olha ali o milho: ainda há pouco tinha rebentos e agora já estende os braços. Meu Deus, que beleza! - “Que beleza”: há quanto tempo não tinha motivo para dizer uma coisa assim! E como hei-de eu descrever a beleza? Com uma palavra: “Ali.” - É de doidos! Já estou outra vez a gostar disto aqui. Olho como quem bebe. Com esta idade, e continuo a alimentar-me do olhar. - Que beleza! Que silêncio! Que silêncio espantoso! Que espanto de silêncio! Silêncio: o dia está ganho. O silêncio é um valor, a última magia que nos resta. - Javardo! Lunático fora do tempo! Incapaz de qualquer história por causa dessa mania de olhar. Perdido para qualquer sociedade por causa do silêncio. Mas como era essa imagem, agora mesmo? A única imagem válida, decisiva, sem véus? - Merda, já me fugiu. - Então bate em ti próprio, para ver se ela volta! (*Dá bofetadas e murros a si próprio. Suspende. A expressão do rosto acompanha transeuntes invisíveis, participa de um susto, de um abraáo, de uma alegria*:) Raios me partam! Já estou novamente a sentir uma certa alegria do mundo, agora é o terceiro, já respiro outra vez o ar dos contos de fadas. Desaparece, boa disposição! Mirone estúpido! Põe-te a andar e acaba com a raça

do primeiro que te aparecer. (*Fica. Pausa*.) Estás doido, filho? Não olhas? - C' os diabos, homem, quem és tu? Afinal, quem és tu? Afinal, quem sou eu? (*Sai*.)

*

O VELHO e a VELHA encontram-se no foco da sua luz comum, com todas as suas coisas, como que a meio de uma ponte de madeira (o ruído dos passos deve sugerir isso). Olham-se mutuamemte, espantados. O VELHO: "Tu?!" - A VELHA: "E tu?!" - O VELHO: "Continuas com os mesmos olhos claros." - A VELHA: "E tu com a mesma cabeça torta." - O VELHO: "Mas, não foi agora mesmo?" - *A VELHA desfaz-se em lágrimas, e o mesmo acontece com o VELHO. Subitamente ouve-se ao longe um lamento ininterrupto, um grito de socorro. Os dois põem-se à escuta e decidem-se por fim a continuar o seu caminho*.

3.5

A faixa mais recuada da terra interior. O palco está agora cercado por árvores - algumas de fruto - e por objectos vistos de trás, formando uma pequena clareira que ao mesmo tempo tem qualquer coisa de passagem estreita. Fetos, videiras silvestres e lianas entre as árvores criam a impressão de estarmos numa floresta virgem. Entre os objectos de que vemos as traseiras descortina-se agora também um frontão em chapa ondulada e um muro comprido. Na clareira, ou garganta, vê-se de um lado uma cabana de madeira, do outro uma coluna isolada. O centro está vazio, à excepção do rebordo de uma fonte, para a qual se desce por alguns degraus. - A uma luz que alterna rapidamente entre sombra e sol, PARSIFAL, nu, dirige-se para o palco vindo da floresta, como se fosse um náufrago. Os movimentos com que se protege são perturbados pelo constante tremor da cabeça e dos membros. Chega finalmente ao espaço aberto e começa imediatamente a procurar qualquer coisa com as mãos e os pés, qualquer coisa que, com o bater dos pés, ecoasse como a báscula - em vão. Dá murros contra a coluna de afixar anúncios: papmaché. Contra a estátua que está de costas: o mesmo. Tenta pentear-se com os dedos, ritmando a luta das vozes dentro de si; e tenta também comer uma maçã. Corre de uma árvore para a outra e roça-se nelas como um animal que se quer ver livre de um moscardo. Finalmente acocora-se no espaço vazio, ainda e sempre dominado pelo ritmo que irá também marcar os gemidos que se começam a ouvir. Tenta em vão gritar para expulsar de si as vozes. A única coisa que muda é a luz: começa a dominar uma espécie de luz como quando o vento sul sopra dos Alpes, com um azul que desce até ao chão, recortando e isolando todas as coisas. Entra de um dos lados O-DA-TERRA, novamente no papel de contra-regra, com um comutador eléctrico na mão. Baixa a luz carregando num botão, ao que PARSIFAL levanta a cabeça.

O-DA-TERRA
(*Aproximando-se dele*): "Vento".

PARSIFAL
"Quem semeia ventos colhe tempestades."

O-DA-TERRA
"Céu".

PARSIFAL
"O céu estrelado sobre a minha cabeça, e..."

O-DA-TERRA

"Chapéu-de-chuva".

PARSIFAL
"Sob um chapéu-de-chuva à noitinha..."

O-DA-TERRA
"Coisa".

PARSIFAL
(*Levanta-se de um salto, em posição de ataque*:) "Há coisas entre o céu e a terra das quais..."

O-DA-TERRA
"Anfitrião".

PARSIFAL
(*Atirando-se ao da terra*:) "As bebidas são por conta do anfitrião".

O-DA-TERRA *recua*.

PARSIFAL *volta a acocorar-se, com a cabeça nas mãos*.

O-DA-TERRA
O que é que terão feito a este indivíduo? (*Carrega num botão do comutador e um projector ilumina a coluna*.)

PARSIFAL *levanta os olhos*.

O-DA-TERRA
(*Faz girar a coluna, sobre a qual aparece, como o relevo de um capitel, uma enorme cabeça de feições distorcidas, um pássaro pendurado em cada orelha, com o bico meio metido na cavidade auricular. Pega em PARSIFAL suavemente pelo pulso e leva-o até junto da coluna*:) Estás a ver esta imagem? Pois agora também os pássaros vão tirar as vozes da tua pobre cabecinha!

PARSIFAL *levanta os olhos e transforma-se em espectador passivo*.

O-DA-TERRA

(*Volta a carregar num botão e a coluna começa a emitir sons: o registo sonoro da civilização, sucedendo-se os sons uns aos outros, cada vez mais graves, fundindo-se por fim num único, igual, monótono, como o toque simultâneo das sirenes de todos os navios na barra de um rio, para saudar e festejar alguma coisa. - Silêncio. Apaga-se a luz que iluminava a coluna*:) "Vento".

PARSIFAL
(*Como se, com a palavra, se formasse também dentro dele a coisa*:) "Vento".

O-DA-TERRA
"Céu".

PARSIFAL
(*Como se agora a palavra fosse a própria coisa*:) "Céu".

O-DA-TERRA
"Pó".

PARSIFAL
(*Ao dizer a palavra, faz com que o objecto ganhe vida*:) "Pó".

O-DA-TERRA
"Água".

PARSIFAL
(*Com a palavra, procura agora a coisa com o olhar*:) "Água".

O-DA-TERRA *bate no rebordo da fonte, e ouve-se logo o borbulhar da água; o ritmo do que se segue é dado pelo correr monótono e abafado da água.*

PARSIFAL
(*Senta-se, deixando cair os pEs para dentro da fonte; gagueja, gorgoleja, solta risadas, finalmente fala*:) Enquanto não houve balanças não houve cara a cara. Esta balança estava pendurada num lugar que não existia. Pesavam-se nela os que não existiam. Ninguém via nem tocava na balança. Subiam para ela os que não existiam e afinal existiam e existirão sempre. O gigante levantou o pé e chegou com alguns passos ao lugar dos cinco montes. Pescou de uma só vez seis tartarugas, pô-las às costas e regressou à sua terra. Aí assou as cascas para conseguir um oráculo. Entre os anjos, porém, muitos milhões ficaram sem pátria. A norte do desolado Norte havia um grande

oceano. No Sul crescia uma grande árvore, crescia no Inverno, os seus frutos eram vermelhos amarelados e tinham um gosto amargo. A casca e o sumo eram bons para as sezões. Quando levaram a árvore para o outro lado do rio, ela transformou-se no arbusto espinhoso da laranjeira. Uma borboleta branca voou sobre o mar de pedra, e num cardo-mariano zunia uma abelha de Setembro. O cadáver do meu pai balançava ao vento nas copas, enquanto eu sentia ainda na boca o gosto desagradável do leite materno. Depois, vi na estação de fronteira os Orientais sentados debaixo do atrelado do seu camião, a jogar aos dados sob uma chuva diluviana. O viandante meteu a mão na mochila da sua companheira, da goteira espreitavam orelhas de gato, a louva-a-deus girava com a cabeça como se fosse um radar, ao lado da caixa do supermercado estava a maçã mordida, a caminho da escola caiu a primeira neve, e assim correu a minha infância junto da fonte das lendas. (*Pausa*.) E agora pergunta.

O-DA-TERRA
Não sou homem de perguntas. Sou cá da terra. Mas os teus interrogadores já vêm a caminho. Não tarda estão aí.

PARSIFAL
Não faz mal, pergunta na mesma, não importa o quê.

O-DA-TERRA
Dove va?

PARSIFAL
À Medea.

O-DA-TERRA
Solo?

PARSIFAL
Si.

O-DA-TERRA
Dio mio! (*Pausa*).

PARSIFAL
Pergunta mais qualquer coisa. Não pares. Continua a perguntar.

O-DA-TERRA
Tu n'as pas peur si seul dans la forêt, pieds nus?

PARSIFAL
Non, pas du tout.

O-DA-TERRA
Tu es canadien?

PARSIFAL
Oui.

O-DA-TERRA
(*Desenha no seu rosto o de Parsifal*:) Ça c'est voit! (*Riem os dois*.)

PARSIFAL
E agora sou eu a perguntar. - Isto o quê? (*Àparte, no tom que é por vezes o do Observador*:) Toda a gente sabe que é assim, sem verbos, que as criancinhas começam a fazer perguntas!

O-DA-TERRA
Este é o muro das perguntas. Como vês, está meio em ruínas e coberto de vegetação. Uma porta cega. Mas, diante da porta cega no muro, a criança disse: "Vamos abrir a porta!"

PARSIFAL
E isto aqui?

O-DA-TERRA
É a roda das perguntas. (*Anda à roda com ela. A roda chia*.) Como podes ouvir, já há muito tempo que ninguém a fazia girar.

PARSIFAL
E aquilo ali?

O-DA-TERRA
Isso, meu filho, é o palácio das perguntas. (*Acompanha Parsifal até à cabana, entra e volta com uma capa como a dos boxeurs depois do combate. Veste com ela Parsifal, penteia-o. Enquanto ele faz isto, a luz muda lentamente para a luz das perguntas: o contrário da iluminação de interrogatório, antes um revérbero que parece vir dos próprios corpos e faz as coisas - cabana, muro, etc. - assumir um aspecto rugoso*.)

PARSIFAL

(*Enquanto espera pelos outros, vai ensaiando por todo o palco posições que indicam que está pronto para ser interrogado: faz-se desaparecer atrás de uma árvore rachada e fala com voz disfarçada: "Qual é a tua pergunta?"; põe-se, de pernas abertas e de costas para os espectadores, no rebordo da fonte e ordena da mesma maneira: "Agora, perguntem!"; deita-se de barriga para baixo, calado, na posição de uma esfinge que espera pelas perguntas; - por fim interrompe este jogo, senta-se normalmente em frente da cabana, encosta-se a ela e conta*:) Passada a fase das perguntas da infância, deixei de ser capaz de fazer perguntas. E também reagia mal quando me faziam perguntas a mim. Todas as perguntas que me faziam me pareciam falsas, feitas pela pessoa errada, no tom errado, no momento errado, no lugar errado. Com as vossas falsas perguntas, vocês varreram a poeira das minhas asas. Se me faziam a pergunta errada sobre um qualquer acontecimento, dissipava-se logo a imagem do acontecimento pelo simples facto de se tratar de uma falsa pergunta. E no entanto estava sempre à espera de finalmente me fazerem perguntas. Quanto mais as perguntas à minha volta destruiam o mundo e o possível, mais crescia o meu anseio de que viesse alguém com uma pergunta não dirigida a mim ou contra mim, mas **para** mim. É verdade: uma pergunta a sério, pensava eu, devia ser um presente! "Trouxe-te uma coisa - uma pergunta!" **Uma vez** vi como se pergunta a sério - perguntas não dirigidas a mim, mas a um terceiro, às voltas com o terror da morte, e eram as perguntas mais simples: "Quando nasceste? Como se chamava o teu pai? Qual era o nome de solteira da tua mãe?". E por alguns momentos estas perguntas fizeram-no esquecer o medo. Também eu já passei por esse terror da morte, e o que me perguntaram foi: "Então, isso já está melhor?", ou "Perdeste alguma coisa?", ou "Tu não és de cá?" Quem pode ajudar com uma pergunta? Perguntas de apoio, só dessas! Aliás, eu sempre esperei que a pergunta certa viesse dos desconhecidos e dos estranhos, e nunca levei a sério as dos familiares e conterrâneos, por muito que eles perguntassem. E no entanto, meus queridos pais, se em vez das vossas comidinhas caseiras quando eu vinha a casa me tivessem brindado com uma verdadeira pergunta!

O-DA-TERRA

(*Interrompe-o*:) Já estou a ver o teu grupo das perguntas. Como se as manchas de luz ali no fundo da floresta se tivessem posto subitamente em movimento. Reconheço-os porque vêm a pé, devagar, de cabeça erguida, cada um por um caminho diferente. Os de cá teriam vindo de carro, mesmo que fosse só para atravessar a rua. Coisa estranha: geralmente eles são, ou a maioria que berra, ou a minoria que se cala - e hoje, dos cá da terra, sou o único. Ainda bem! (*Desaparece na cabana*.)

PARSIFAL

(*Continua a sua história, enquanto os restantes vão entrando em cena, todos vestidos de preto ou branco, em trajes brilhantes de cerimónia*:) E se eu, pelo meu lado, não

perguntava nada, não é que não tivesse perguntas para fazer. As perguntas não me largam, mas eu não conseguia exteriorizá-las, nem sequer pela atitude ou com o olhar. O grande problema da minha vida é o de não ser capaz de perguntar. Diz-se que a minha mãe me inculcou o princípio de não fazer perguntas a ninguém, mas isso é uma lenda: ela estava sempre a dizer-me:"Filho, pergunta-me qualquer coisa!" Como ela deve ter precisado das minhas perguntas! Sim, pois sempre que dizia isso, era porque estava aflita. Uma vez caiu redonda no chão à minha frente, com o rosto para baixo, e eu continuei a comer a minha sobremesa - e nem um "Que foi?" me veio à boca. Quando o meu pai uma vez, ao cimo da escada, parou de repente, levou a mão ao coração e ficou muito tempo de olhos cravados em mim, lá em baixo, eu limitei-me a rir, em vez de perguntar alguma coisa, mesmo quando ele depois me disse: "Vou morrer", e acabou por cair da escada já morto. Como eu nunca fazia perguntas, as pessoas achavam-me bruto e bicho de mato. Mas a verdade é que tudo o que fosse perguntar me parecia uma coisa proibida - por quem, não sei. Nos internatos em que estive, de Archangelsk a Agrigento, tiveram as ideias mais bizarras para levar aquele que se fechava em si mesmo a fazer perguntas. Em Celje, um lembrou-se de me entrar pelo quarto adentro em cima de umas andas. Em Saragoça, outro apareceu-me de repente a arreganhar a tacha com uma máscara de animal. O último nesta série pôs-me uma venda nos olhos, meteu-me no carro, levou-me até ao mais remoto continente e tirou-me a venda sobre uma falésia de Finisterra com o nome de "Bocca di Inferno": e nem diante dessa garganta infernal saiu de mim o mais leve sinal de uma pergunta. Por outro lado, eu próprio ouvi muitas vezes outros, que se sentiam sós, fazer perguntas a gente de fora, ainda que eles próprios soubessem muito bem o caminho ou as horas: mas o simples perguntar fazia-lhes bem. E até mesmo quando lhes davam de resposta: "Eu não tenho relógio", que excessiva, a sua gratidão! Um outro, que ia ser roubado, antecipou-se e perguntou ao ladrão por uma rua que só existia na sua fantasia. É esta a arte das perguntas que me faz tanta falta. - Ah, mas uma vez consegui fazer uma pergunta. Foi quando umas crianças que brincavam num lugar proibido se assustaram com a minha presença, e eu perguntei de passagem: "Porque é que não continuam a brincar?" Já é mais que tempo de eu aprender a fazer perguntas. Mas a quem? Porque, se faço perguntas a mim próprio, a coisa não é a sério nem consequente. Pai, mãe, agora que estais os dois mortos é que eu tinha perguntas e mais perguntas para vos fazer! (*Os outros estão entretanto todos na orla da clareira. O último a aparecer é o VELHO, que arrasta o malão atrás de si e diz, primeiro para si próprio*: "A carga que arrastas liga-te aos teus antepassados!", *depois, de brincadeira para a sua mulher*: "Já atalhaste outra vez caminho. No fim das jornadas consegues sempre atalhar caminho." *Pausa. Olham à sua volta, e dizem todos em uníssono*: "Este sítio parece-me tão familiar! Será que já estive aqui antes?"

OBSERVADOR
(*Dirigindo-se ao Desmancha-Prazeres*:) O túmulo tem alguma inscrição?

DESMANCHA-PRAZERES
(*Lê*:) "E o Anjo disse-me: Porque te espantas?"

OBSERVADOR
A última pergunta da Sagrada Escritura. Depois disso não há lugar para espanto: só as imagens da Revelação, com Amen e Aleluia. Pergunta e revelação, aliás, contradizem-se. E tu, que epitáfio escolherias?

DESMANCHA-PRAZERES
"Estou lá atrás."
(*Avança e conta os presentes, incluindo-se a si próprio*:) Sete. Tantos como as Plêiades, a constelação em forma de ponto de interrogação. Vamos então pôr-nos todos por um momento em bicos de pés, para que o vento fresco das perguntas nos bata no rosto. A pergunta decisiva: à altura dos olhos. Sim, chegou o tempo das perguntas - embora eu tivesse preferido outro lugar que não esta clareira estreita, por exemplo o círculo interior de uma barricada de quadrigas. "Clareira" para mim significa "Idade Média", e a Idade Média já passou, não é? Que lugar mais irreal! Irreal? As perguntas já o vão tornar real! Só as perguntas criam o lugar e fazem curvar o espaço. Não há elevação maior da realidade a outra potência do que a da descoberta de uma pergunta. Excitação de quem descobre: Estou à beira de descobrir uma pergunta! E lembrem-se: também o tempo dos oráculos já passou, não é? Não foi para receber resposta a uma pergunta que nos pusémos a caminho, mas sim para, no silêncio do lugar do oráculo de outrora, descobrir qual é a pergunta de cada um de nós. Será que eu ainda tenho alguma pergunta para fazer? Parsifal contou histórias de perguntas: agora, a **narrativa** das perguntas vai dar lugar ao **jogo** das perguntas.

O-DA-TERRA, *também ele vestido festivamente de branco e preto e maquilhado como um sacerdote que quer afugentar os inimigos do lugar, os cabelos eriçados como convém, sai da cabana deixando ver através da porta entreaberta um gong no qual bate com uma corda, parando na soleira da porta. Todas as suas ligaduras desapareceram, à excepção de uma que traz ao pescoço, meio solta, como o lenço de um cozinheiro*.

DESMANCHA-PRAZERES
(*No papel de director de cena*): Actores, chegou a vossa hora. (*O ACTOR e A ACTRIZ dão um passo em direcção a PARSIFAL*.) Não basta ter uma pergunta para fazer. Ter uma pergunta é ao mesmo tempo representá-la. Mas só a representação correcta deixa perceber o que significa perguntar. E as perguntas querem ser mostradas. O vosso melhor espectador seria provavelmente um animal, porque se vocês fizessem batota com as

perguntas ele dava logo por isso. - Pode começar o jogo das perguntas. E agora mostrem a vossa arte. Pequeno prelúdio: a pergunta disfarçada.

ACTOR
(*Dirigindo-se a ela*:) Como foi a viagem?

ACTRIZ
Maravilhosa. E a coisa mais bela é que em mim continuam presentes todos os dias, cada noite e cada manhã.

ACTOR
(*No papel de "Segundo interrogador"*:) Como foi a viagem?

ACTRIZ
(*O entusiasmo decresce*:) Não me arrependo. Uma bela recordação. Depois conto-te mais.

ACTOR
(*Segue no papel de "Terceiro interrogador"*:) Como foi a viagem?

ACTRIZ
(*Sem alegria*:) Bom, mais ou menos. (*Em seguida é ela quem se dirige a ele*:) E tu, estás bem?

ACTOR
Estou.

ACTRIZ
Sinceramente?

ACTOR
Sinceramente.

ACTRIZ
Mesmo sinceramente?

ACTOR
(*Fica calado. - Depois é novamente a vez dele*:) Em que pensas neste momento?

ACTRIZ

Queres mesmo saber?

ACTOR: *pega-lhe na mão e leva-a à testa*.

ACTRIZ
Tens dores de cabeça? (*Silêncio*.) És capaz de guardar um segredo? (Silêncio.) Qual é o seu estado de espírito actual?

ACTOR
Insensibilidade. - Onde é que gostaria de viver?

ACTRIZ
Na estrela mais distante da Terra. - A sua maior virtude?

ACTOR
O ódio. - O seu maior defeito?

ACTRIZ
A avidez. (*Os dois ao mesmo tempo*:) E o seu pássaro preferido? O abutre. E como gostaria de morrer? Aos berros! (*Volta a ouvir-se o gong, interrompendo a paródia*.)

OS ACTORES
(*Dirigem-se a PARSIFAL, que está à espera das perguntas. Depois, a uma voz*:) Não consigo. No caminho tinha a cabeça cheia de perguntas, mas agora que tenho de fazer uma pergunta concreta a uma pessoa concreta que tenho à minha frente, corro o risco de perder a faculdade de perguntar. A simples aproximação do lugar das perguntas fez desvanecer em mim o poder de perguntar. (*Dirigindo-se a PARSIFAL*:) E agora, o que é que vamos fazer?

PARSIFAL *dá um salto, abraça os dois e vai juntar-se aos outros, espectadores na orla da clareira*.

OS ACTORES
(*Tentando formular perguntas no vazio, concluem*:) Também não dá. O indefinido talvez fosse em tempos um dos sentidos em que se podiam dirigir as perguntas. Mas agora já não. Já não podemos dirigir perguntas ao indefinido.

DESMANCHA-PRAZERES
Mal-entendido. O que vocês têm de representar não é dirigir perguntas, mas ter as perguntas. Mostrem-nos a nós, espectadores, primeiro a nossa excitação antes da

descoberta de uma pergunta, depois a calma cheia de espanto quando a temos, em seguida a nossa total transformação em pergunta, e por fim aquele estado em que as perguntas que fazemos já não se distinguem das perguntas que nos fazem.

OS ACTORES
(*Imediatamente, sem sequer ensaiarem*:) Mas como é que havemos de representar a pura e silenciosa posse da pergunta, o ser interrogando e o ser interrogado? Eu já consegui representar uma indicação como: "Ele alegra-se" (e eu uma vez até representei um: "Ela corou"), já representei um leão, um rio, o homem da Lua (e eu a esfinge, um ramo de loureiro e a Andrómeda) - mas alguém que tem perguntas, perguntas sem destino, que não são dirigidas, nem a ele, nem a ti, nem a um terceiro, e ainda por cima indefinidas, inpossíveis de formular, um papel desses nunca ninguém o viu nos últimos três mil anos! Como é que imaginas uma coisa dessas? Mostra-nos lá como é que se representa.

DESMANCHA-PRAZERES
(*Aproxima-se deles, hesitante*:) Eu tinha algumas imagens: em primeiro lugar a nossa chegada aqui, no meio de um silêncio do qual se poderia dizer: "Isto é o que se chama silêncio!" Aí, nós suspendíamos tudo, como que chegados ao fim da nossa viagem: em estado de pergunta. E não aconteceria então mais nada, a não ser um silêncio atrás do outro. Até o pano das nossas roupas teria respirado silêncio, o branco, o preto, até ao fundo dos bolsos. A luz das perguntas teria brilhado sobre os nossos corpos, como a luz à entrada de um fosso aberto no barro. Imaginei aquelas figuras micénicas - mais antigas que os vossos três mil anos -, com as cabeças olhando em frente, mas com aqueles narizes levantados, de narinas gigantes, "saudando o Sol", como parece que o fazem com o traseiro aqueles orientais sentados em silêncio. Nós teríamos de suster a respiração. Nada de música. O nosso estado-de-pergunta, só ele, teria resultado naquela harmonia em que até a tímida lagartixa não só não foge como se chega e pára aos nossos pés, estremecendo quando muito se uma formiga lhe passa por cima do olho. O muro das perguntas, com a sua luminosidade, teria atraído o olhar para o alto. As azinheiras teriam ecoado de novo, e cada um de nós se teria afastado à procura da sua pergunta. Ou então ter-nos-íamos acocorado à sua volta, todos no chão, espaçados como as crianças. Imaginar assim o momento da pergunta corresponderia a imaginar uma nova forma de vida. E no tempo do silêncio das perguntas, o que teríamos nós aprendido? O que devemos fazer. E depois dessa curta pausa teríamos bebido em silêncio um copo à nossa saúde, e cada um de nós seguiria o seu caminho.

OS ACTORES
Lagartixa, narinas, barro: isso são apenas imagens para criar atmosfera, fantasias. Mas como é que imaginaste a sua transposição para uma cena em que nós, actores, pudéssemos tornar visível este jogo das perguntas?

DESMANCHA-PRAZERES
(*Hesitante*:) O guardião do local teria entrado em cena, um homem absolutamente sem perguntas, o inimigo das perguntas, decidido a escorraçar daqui os intrusos que nós somos. (*Faz um sinal aO-DA-TERRA, ao que este reage com um apito e golpes de chicote estralejantes, avançando para os outros de cabelos eriçados*.) Mas a harmonia resultante do nosso puro estado-de-pergunta amansaria o agressor e desarmá-lo-ia. (*Simula-se a cena, O-DA-TERRA guarda o apito e o chicote*.) A nossa fraqueza de detentores de perguntas transformar-se-ia numa força, e o guardião do local, vendo em nós os hóspedes há muito esperados, saudar-nos-ia com um gesto florido, como nos contos de fadas. (*O-DA-TERRA, à medida que vai penteando os cabelos, transforma-se em criado de mesa que traz da cabana cadeiras para os outros, minúsculas, um banquinho de ordenha, cadeiras de jardim de infância, um escanho de salineiro - mas por agora só os dois VELHOS se sentam, dizendo: "Nas comédias e tragédias de outros tempos podíamos sentar-nos mais vezes..."*).

OBSERVADOR
Mas uma cena dessas não será apenas um truque? Uma velha forma de representação que não resolve os problemas que hoje nos coloca a arte de representar? Então porque é que não representamos de forma ainda mais arcaica? Na minha fantasia, chegados a este ponto puseram-nos máscaras-de-perguntar, ficámos literalmente a arder por sermos pura pergunta, e no céu lá em cima havia uma nuvem, sinal das perguntas que ansiávamos por fazer.

DESMANCHA-PRAZERES
E já agora, porque não uma voz vinda de cima, ou o mensageiro a cavalo do rei das perguntas? - És muito estranho, meu amigo! O tempo das tuas histórias mágicas também já se foi. Ou não será assim? Até o gong soava a falso. Ou não é? (*Olha à sua volta e senta-se, no que é seguido pelos outros.*) Já não há fuga possível. Tenho de me entregar. Antes, de cada vez que dizia: Acabou-se!, lá bem no fundo estava convencido do contrário. Mas agora... Agora é que o lugar em que poderíamos ter representado a aventura das perguntas me mostra o seu verdadeiro nome: "Estrangulamento". Será que nos enganámos nas perguntas? Que animado me parecia o rosto daquele que tinha uma ideia, ainda mais animado o daquele que trazia as marcas do luto ou da alegria - mas o mais animado era o rosto daquele que finalmente tinha a pergunta certa! E aquilo que em nós há de mais vivo - não tem forma própria? Não pode ser representado em si mesmo? Será que o sereno jogo matinal das perguntas, tal como o imaginei - nós a alinhar com o orvalho as sobrancelhas interrogadoras -, afinal, e contra a minha vontade, não passa de mais um drama? Não haverá mesmo uma terceira via? Não me aconteceu já tantas vezes conseguir escapar só porque tentei a fuga com a consciência de que ela era impossível?

Mas a terceira via - não é ela nos contos de fadas sempre a da morte? E os que se enganaram nas perguntas, terão eles, no fim, de se atirar do alto da falésia? Falhou a expedição das perguntas? O movimento das perguntas interrompido sem resultados? Será que um dia se dirá de nós, ao contrário do que aconteceu com o regresso heróico dos Cheyennes às suas terras, que com a nossa viagem à Terra Sonora empreendemos uma das mais absurdas migrações da história? Haverá mais alguém, além de nós, interessado em investigar a pergunta? Não estão cada vez mais, segundo dizem os cientistas, a desaparecer do centro dos acontecimentos, da própria linguagem, as formas interrogativas e até mesmo as inflexões, os alongamentos e o sopro próprios da pergunta? Não nos deveriam ter avisado de que em tudo o que é sonoro está pintada uma caveira ou alguém que dá uma queda para trás? Lembram-se do coelho em fuga que parou a um sinal sonoro e se deixou abater? E nós, com a nossa expedição à Terra Sonora, teremos destruído a última matéria sobre a qual se fazem as perguntas? E agora estamos como aqueles que só têm mortos à sua volta e "já não têm ninguém a quem fazer perguntas"? (*Suspensão. Depois, subitamente, solta uma risada contagiante para os outros. E continua*:) Como é que eu pude esquecer isto: para aquele que pergunta não há nada de trágico. (*Pausa*.) Ah, que força irradia daquilo que já não existe. Que teimosia. Que impulso. Que dentes para a minha nostalgia. Que fé - no absurdo, nas empresas absurdas. Ao que parece, ainda não foi esta a minha última fuga!
(*Calam-se todos. Depois, sobre eles - todos levantam a cabeça - o som de um avião, e por baixo deles o de um comboio do metro. Leve vibração do chão. Silêncio. O sinal do ferry-boat do princípio. Todos voltam o olhar para O-DA-TERRA. Este desaparece na cabana, depois de fazer o gesto do "Tempo de sobra!", e volta com uma garrafa. O CASAL VELHO desencanta do malão os copos a condizer com o vinho. O-da-Terra, no papel de criado de mesa, enche os copos e observa os outros enquanto estes brindam à saúde de todos. Depois, mais insistente, de novo o sinal sonoro de partida. Ao mesmo tempo volta a luz da primeira cena*.)

O VELHO *levanta-se, pega no malão, faz o sinal de "Sigam-me!" e desanda, dançando.*

A VELHA
(*Seguindo-o*:) Sempre senhor da situação: no vazio, o mestre da espera, na confusão, o mestre da distribuição dos lugares, e em qualquer lugar o meu mestre do momento certo. - E eu em breve de volta ao meu jardim, aquele triângulo junto à linha do comboio: o aneto, o feijão-verde, a salva, o manjericão, a cobra no lugar do costume junto ao muro, perto da fenda na pedra...

O VELHO

(*Olhando para trás*:) E finalmente outra vez os olhos redondos dos netos, diante dos quais os nossos olhos enrugados se irão arredondar de novo! (*Olhando para diante, com um grito de espanto*:) O ferry-boat chama-se EMAÚS!

A VELHA
Como o prédio de rendas baratas à entrada lá da terra, onde as moscas nos entram pela boca adentro quando passamos perto. - Será que é desta que voltamos a casa? (*Ao sair dançando apanha do chão qualquer coisa que o velho deixou cair, perdendo por sua vez qualquer coisa que os ACTORES que a seguem apanham...*)

DESMANCHA-PRAZERES
(*Chamando pelos ACTORES, e apontando para PARSIFAL*:) Levem-no com vocês, Actores, levem-no ao colo, porque ele é o corpo das perguntas e deverá ficar convosco para sempre - talvez vocês, gente de hoje, aprendam um dia a representar o acto da pergunta. (*Os dois pegam em PARSIFAL pela dobra dos joelhos e pelas axilas e dançam uma dança lenta com ele, que acena uma última vez aos que ficam, por cima do ombro. Saem.*)

ACTRIZ
(*Voltando-se por um último instante e revelando agora um diadema na testa*:) Muito tempo, ó da terra! Muito tempo, Anton Pavlovitch! Muito tempo, Ferdinand!

OBSERVADOR
"Muito tempo"? Será uma fórmula novimoderna de despedida?

ACTRIZ
Não, é uma saudação de Ano Novo muito antiga. (*Esfrega a testa, por cima de PARSIFAL, na do outro carregador*:) Estás comigo?

ACTOR
E tu, és por mim? *(Saem os três, dançando. Ouve-se de novo o sinal. Silêncio. O OBSERVADOR e o DESMANCHA-PRAZERES levantam-se. O-DA-TERRA recua e fica na sombra.*)

OBSERVADOR
Foi uma longa viagem.

DESMANCHA-PRAZERES

Não se pode dizer que tenha sido em linha recta. Para mim foi como a história do monte que de longe parece facílimo de subir, e quando se lá chega é só gargantas, abismos e saliências, cada passo é difícil.

OBSERVADOR
E mais uma vez fiz da despedida um fiasco.

DESMANCHA-PRAZERES
Mas afinal foste tu quem escreveu a linha mais bela que sobre o adeus se podia escrever. (*Pausa*.) "É tão doce a despedida..." (*Pausa*.) Gostava de desaparecer e ir para a Sibéria. Uma pessoa senta-se em qualquer parte nas margens do Ienissei ou do Ob e fica ali a pescar...

OBSERVADOR
Basta de fugas por hoje, Anton Pavlovitch.

DESMANCHA-PRAZERES
Basta de perguntas por hoje, Ferdinand.

OBSERVADOR
Na minha terra, "Acabaram-se-lhe as perguntas" é uma expressão para "Já não é criança"; e "Já lhe fizeram todas as perguntas" significa "Ele morreu".

DESMANCHA-PRAZERES
E agora, depois disto, o que pensas fazer?

OBSERVADOR
Já estás outra vez a fazer perguntas. (*Pausa*.) Sinto-me tentado a voltar à agitação, às capitais. Para longe das árvores. Estou farto de estar de atalaia a tentar descobrir "a árvore do local", para que ele se torne verdadeiramente num local. Para perto das pedras, pretas e brancas, calcário e basalto. Da terra de trás e do silêncio para a terra da frente e do barulho. Ser outra vez contemporâneo deste tempo. Os casais devem gritar, os verdadeiros e os falsos. Os pára-choques devem chocar uns com os outros, o silêncio estrondear nos compressores.

DESMANCHA-PRAZERES
Pois é, neste século, ou mesmo até ao fim dos tempos, está visto que nunca vamos chegar ao silêncio.

OBSERVADOR

E ainda bem. O estrondo infernal ao menos liberta-nos da tortura do palavreado. Olha só como os operários sorriem uns para os outros no meio do barulho.

DESMANCHA-PRAZERES
No meu tempo os ruídos do trabalho não eram este pandemónio de estrondos-baques-estampidos-chiadeiras. E olha ali o crucificado por cima dos teus alegres operários dos tempos modernos: foi moldado em betão e tem uma cara que parece que morreu da barulheira. Eu preciso de silêncio.

OBSERVADOR
Porquê?

DESMANCHA-PRAZERES
Eu sei.

OBSERVADOR
Isso é uma resposta?

DESMANCHA-PRAZERES
ê.

OBSERVADOR
E és tu quem o diz?

DESMANCHA-PRAZERES
Sou eu quem o diz, aquele que treme só de pensar que, depois deste tempo no império do silêncio e da fantasia que pergunta e do sonho ampliado à dimensão de pergunta, regressa ao despotismo sem perguntas dos emblemas, das bandeiras, das placas de número e de nome. Vão-se as perguntas e com elas vai-se também o meu sentimento da criação. Vazio de perguntas, vazio de música! Vazio de perguntas que seja belo só conheço o que vem do cansaço... O futuro não foi um dia um continente? E a pergunta das perguntas, pelo menos no meu tempo, não foi: "Que havemos nós de fazer?" E por que razão é que esse continente minguou tanto hoje em dia, até ficar reduzido á tua e à minha ilha-pergunta: "Que hei-de eu fazer, eu só?" Para onde foi tudo aquilo que nos liga a todos os que andam perdidos para cá e para lá? Não estivemos nós um dia todos juntos nesse tremor, nem que seja o das toalhas de papel nas mesas da esplanada de um café sem ninguém, de noite, à saída de uma cidade? "Pouco a pouco desaparece do telhado a lenda infantil das andorinhas que se sucedem umas às outras"? Quem é que daria a este nosso tempo o nome de época?

OBSERVADOR
Quanto a mim, não preciso de épocas. A folha cai na água, o vento passa pelas ervas - isso basta-me, como noção de tempo.

DESMANCHA-PRAZERES
Em toda esta jornada não matei um único animal - mal me torne sedentário, começo de novo a esmagá-los. A caminho para aqui não me queixei de nada - assim que chegue a casa vêm-me logo as dores pelo corpo todo... E ao verem-me, os meus concidadãos apertam logo o cinto de segurança... - Bom, pelo menos Taganrog ainda se chama Taganrog, e as raparigas continuam a querer ir para Moscovo.

OBSERVADOR
(*Espreita pelo binóculo*:) E as raparigas em Ottakring continuam a mastigar pastilha elástica. E as quintinhas de Hernals continuam encostadas ao cemitério. E os caminhos íngremes nos vinhedos continuam a chamar-se "rampas do céu". E olha ali: lá está ainda a fábrica de pianos "Honorato". E os carros da firma "VÁ VOCÊ MESMO" continuam a atravancar a rua. E Trás-os-Rios continua a ler a gazeta de Trás-as-Vinhas. (*Àparte*:) Os lugares que se chamam "Trás"-qualquer coisa não foram de certeza baptizados pelas pessoas que lá vivem... Mas há coisas novas: o centro de bronzeamento rápido, a clínica dos achaques e o Instituto Bashô para Sistemas de Aprendizagem Integrativos. Bem, pelo menos ficou a minha Travessa dos Telhudos de Serviço e a minha Rua do Peito de Terra, a minha Travessa do Pois-Claro e a minha Rua do E-Também. E ali: cigarros Memphis - ainda que não seja a do Tennessee, e muito menos a do Egipto. E ali, no autocarro com o letreiro "Sem cobrador", vais tu!

DESMANCHA-PRAZERES
E a fazer o quê?

OBSERVADOR
Quando o autocarro começa a andar tu cambaleias para trás. - E ali estamos nós todos: uma mãe a bater no filho.

DESMANCHA-PRAZERES
E és tu que dizes uma coisa dessas! Qualquer coisa mais bonita, faz favor, só uma!

OBSERVADOR
Ali, uma casca de caracol a rolar na terra lisa, empurrada por uma vespa.

DESMANCHA-PRAZERES

Porque a vespa é necrófaga.

OBSERVADOR
Mas ali estás tu outra vez: uma criança a fugir.

DESMANCHA-PRAZERES
Deve ser um desses corredores, uma dessas asquerosas bestas de corrida sobre duas patas.

OBSERVADOR
Não, é de certeza uma criança, porque anda à procura de esconderijo num muro. E quem, a não ser uma criança, acredita que se pode esconder num muro?

DESMANCHA-PRAZERES
E vês por aí alguns dos filhos que eu fiz nas minhas várias escapadelas?

OBSERVADOR
Ali, junto ao gradeamento sobre a ravina. Agarram-se bem ao bordo do precipício, com as suas pequenas mochilas. Um deles fala espanhol, o outro russo. Não os acordes! Deixa-os em paz!

DESMANCHA-PRAZERES
Mas qual é, no fim de contas, a minha imagem mais profunda? A de um miserável fugitivo. You can run but you cannot hide. E quem vejo eu no papel desse fugitivo sem esperança? (*Silêncio*.) Como é o resto do caminho que tenho à minha frente?

OBSERVADOR
Pacífico.

DESMANCHA-PRAZERES
Que pena! Bem gostava de poder fugir por ele. Isto de andar na estrada, sem eira nem beira, como isso me pôs sempre em causa! E ainda bem.

OBSERVADOR
(*Cai subitamente de joelhos e deita-se sobre o soalho de barriga para baixo, espreitando pelas frinchas*:) Já em criança era o que eu mais gostava de espiar: pelos nós da balustrada para a terra em baixo.

DESMANCHA-PRAZERES
E agora, que vês?

OBSERVADOR
Castanho de Siena, amarelo Iang-Tse-Kiang, o vermelho de Monument Valley. (*Silêncio. Depois, ambos fazem um pequeno esforço para se levantar e partir, cada um em sua direcção.*)

OBSERVADOR
(*Voltando-se subitamente*:) Espera, incorrigível fugitivo a caminho da velhice! Vou-te escoltar ainda um pouco. (*No momento em que alcança o outro*:) Curioso! Agora mesmo eu era tu! (*À medida que ambos se afastam, juntos, tira um livro e abre-o*:) Já consigo ler outra vez! Já não há terceiros a ler comigo. Finalmente, tudo se tornou de novo claro. Finalmente de novo na vida estável da escrita. (*Lê*:) "Passei duas noites em casa de Tosai, e depois disse que tinha de partir, pois queria ver a Lua de Outono no porto de Tsuruga..." - (*Levanta a cabeça e olha para o longe*:) Tantas despedidas em toda a parte, quantas dores à despedida! Só as freiras, na cela iluminada, vão cavaqueando consigo próprias sem problemas, não fogem de ninguém, acreditam que já estão unidas ao seu senhor no céu. Isso não é bom, não é bonito. **Deus** não vai gostar!

DESMANCHA-PRAZERES
(*baixando o olhar, para as solas dos sapatos e para as suas roupas:*) Nódoas de amora, alcatrão, espinhas de peixe, palhinhas, pastilha elástica, penugem de pássaro, areia do caminho, mica dos riachos: acho que o fugitivo guardará estes sapatos. - E enviará uma carta de agradecimento por este fato ao número de fábrica da costureira desconhecida. (*Volta-se para trás e cospe para a clareira*:) Maldita Dodona! (*Àparte*:) Para nós, fugitivos, rogar uma praga a um lugar à despedida é sinal de gratidão. (*Levantando os braços, à vista do horizonte distante*:) A estepe! A estepe!

OBSERVADOR E DESMANCHA-PRAZERES
(*A uma voz*:) Vamos andar ainda um pouco por aí sem destino! - (*Saem ambos, dançando. Pausa*.)

O-DA-TERRA
(*Sai da sombra. A luz agora é nocturna, regularmente interrompida por um farol que gira. O-da-Terra toca no gong sem o fazer soar; na roda, sem a fazer girar; bebe os restos de vinho que ficaram nos copos. Depois olha à sua volta para os bancos vazios*:) Todos vão chegar bem a casa. Mas será que aquele que ficou sozinho ficou bem sozinho? - Não quero fazer mais perguntas. Vou arrancar a cabeça a todas as perguntas com uma dentada. (*Dá um estalo com o chicote, que lhe cai da mão*.) Vão para casa na esperança de ver aqueles que durante todo este tempo terão perguntado por eles, mas ninguém perguntou por eles. Só os envenenadores do regresso terão deixado recados

sinistros pregados nas suas portas. E se por acaso alguém perguntou por eles, não foi a pessoa certa. Mas logo o primeiro que encontrarem lhes dirá como eles mudaram nesta viagem, e nesse momento eles voltarão a ser o que eram antes. Como é que se diz? O ausente faz sempre mal em voltar. Preparem-se para uma nova terra estranha. "Se eu tivesse um martelo..." Não faço mais perguntas. Perguntar está abaixo da minha dignidade. Olhem para mim: eu vivo na minha terra e não pergunto nada a ninguém, nem ninguém pergunta por mim. Sobre isto, aí vai o nosso lema de samurais da não-pergunta, proclamado pelo nosso primeiro shogun há cento e cinquenta anos: "A mais abominável educação que o homem a si mesmo pode dar é a convicção de que os outros não perguntam por ele." - Mas onde é que está hoje o canto das cigarras? Ah, já me esquecia: é noite. Inverno. Já só há carcaças dessas cegarregas debaixo dos pinheiros. "Pela manhã martelava..." Onde estou eu? Para onde é que me trouxeram? (*Espreguiça-se*:) Nada de perguntas. Proibidas as perguntas. Temos de descobrir tudo por nós mesmos. E agora, na escuridão, é a altura própria - como dizia o nosso segundo general: "Aquilo que merece perguntas descobre-se melhor durante a noite." (*Anda em círculo*:) Virar a esquina e entrar na escuridão: a luz cega, as trevas restituem. (*Esgaravata no chão à volta da fonte com um ancinho*:) O nosso modo de perguntar foi sempre o trabalho. Só assim é que me pude tornar pura pergunta. Quanto mais me embrenhava no que tinha que fazer, tanto mais peças prontas se me apresentavam como perguntas, e tanto maior era o meu espanto. Uma vez, em meio de um trabalho desses, cheguei a um lugar onde aquele que, quando muito, manda perguntar - o senhor Manda-Perguntas - se pôs a fazer perguntas comigo e se tornou, ele também, todo pergunta. Como nos admirámos os dois um com o outro! E que alegria! Ah, vamos ao trabalho! (*Volta a pôr o ancinho na cabana*:) Mas agora são horas de fechar a loja. "A noite martelava..." Nenhum deles regressará por precisar de mim? Precisar de mim? (*Senta-se no rebordo da fonte*:) Por algum tempo ainda estou sob a protecção dos ausentes. Ainda sinto a sua presença à minha volta. Não estou só, ainda não. (*Dá um salto*:) Ninguém, ninguém. Se ao menos aparecesse um inimigo! Até o diabo em pessoa me servia agora de interlocutor. (*Abana uma árvore*:) Antigamente ainda caía uma ou outra maçã da árvore, os nós da madeira da cabana olhavam para mim - tudo isso, porém, já me não basta como apelo. Mas vocês também não encontraram os vossos amores. Onde é que vocês estão, minha gente? Qual é o meu lugar? Serei o único da minha espécie? O único indesejado cá da terra? Ainda há pouco tempo era médio da equipa de futebol do lar dos aprendizes, ainda há pouco tempo fui tesoureiro do grupo de aforro do "Café Casa da Pátria", ainda há pouco tempo sentia o peso de todo um povo sobre os ombros - e agora irremediavelmente só? (*Dá pontapés no ar*:) Ao diabo com a pátria! Como dizia o nosso terceiro comandante: "Nunca as perguntas te levarão a encontrá-la, se te não bastar sonhar com ela." O que acontece é que eu nunca sonho. (*Bate na boca e nas orelhas*:) Então deixa de fazer perguntas, idiota! O jogo agora é o da não-pergunta! - Qual é a terra do idiota? - Já fiz outra vez uma pergunta sem resposta. Calma! Vê se metes isto na cabeça: não se pode fazer uma

pergunta para uma resposta que não conseguimos articular. O enigma não existe. - Ah, uma coruja: não voes para longe, fica aqui. - Coisa estranha: os animais, quando estão sozinhos, têm qualquer coisa de viúvos ou órfãos. (*Senta-se, apoiando a cabeça na coluna*:) Como me livrei de todas as perguntas que tinha para fazer hoje, vou dormir tranquilo, estendido sem sonhos sob a Ursa Maior, junto da nascente. Olhem para o vosso modelo! (*Volta a cabeça para a coluna e lê*:) "Se ouvir o alarme sonoro..." (*Inspira fundo*:) Libertar-me das perguntas. Continuar sem perguntas. Cair como as folhas das árvores, sem pontos de interrogação. Simplesmente, como as estátuas antigas, segurar o livro com a mão escondida, e apontar para ele com a outra. Descobres a solução do problema das perguntas no desaparecimento desse problema. Já não há espaços intermédios - por isso também já não há perguntas. Árvores, embalem-me convosco! A borboleta afasta-se na forma de uma rapariga. Entra o louco, com o ramo em flor no cabelo. As gotas da chuva, grandes como cerejas, batem no pó do atalho sem o levantar, e nas palhas dos campos desertos. Aproxima-se uma imagem clara, afasta-se a sombria. Onde está o cão que lambe as chagas que as perguntas fazem ao pobre Lázaro? "De noite eu martelava..." Porquê? Porquê? Porquê? "A rosa é sem porquê"? E tu? E tu? E tu?

(*Toca na gaita de beiços uma sequência de sons muito graves, volta a tocar várias vezes com pausas de permeio, que aproveita para escutar. Depois ouvem-se atrás do palco os mesmos sons, como resposta. Ele escuta, volta a tocar, escuta de novo: o seu jogo continua a ter resposta. Isto repete-se, mas os sons de resposta vão-se tornando cada vez mais lonqínquos*.)

Í N D I C E

João Barrento

O arco da palavra - Peter Handke dramaturgo

Peter Handke

A Hora em Que Não Sabíamos Nada Uns dos Outros. Um Espectáculo

O Jogo das Perguntas, ou A Viagem à Terra Sonora